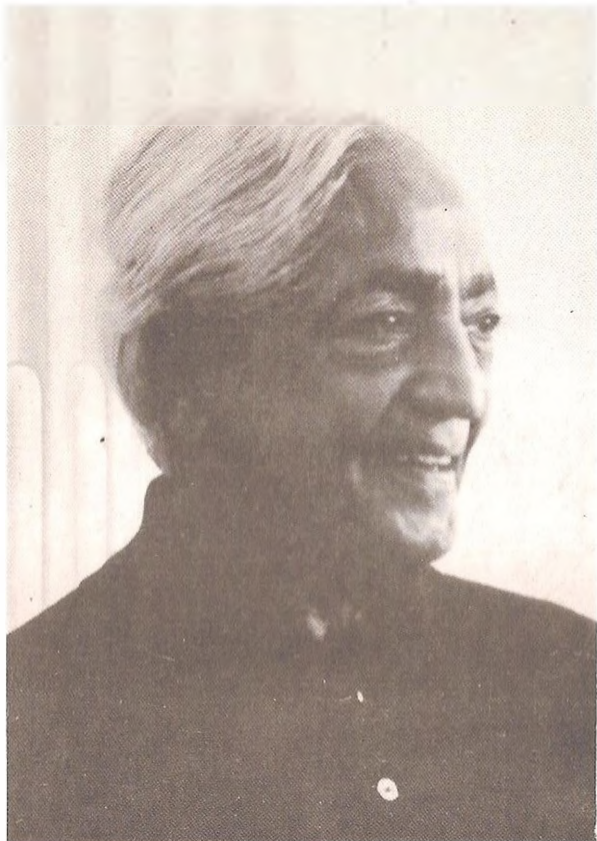
KRISHNAMURTI

PALESTRAS COM ESTUDANTES AMERICANOS

cultrix

KRISHNAMURTI PALESTRAS COM ESTUDANTES AMERICANOS

KRISHNAMURTI

À semelhança de outros livros de Krishnamurti, estas PALESTRAS COM ESTUDANTES AMERICANOS constituem a fiel transcrição por escrito das palavras pronunciadas pelo grande pensador durante os encontros que manteve com universitários de Porto Rico, da Califórnia e de Nova York. Durante esses encontros, Krishnamurti discutiu tópicos de sua especial predileção — tais como o poder do autoconhecimento, a transformação do homem, a compreensão como processo não-mental, o viver integral, a mudança necessária, a ação completa etc. — reafirmando em torno deles, com aquela poética clareza que lhe dá a palavra tanto poder de persuasão, suas idéias fundamentais acerca da essencial liberdade do ser humano e do seu inalienável poder de descobrir por si mesmo o significado da vida. As perguntas feitas pelos estudantes e as respostas dadas por Krishnamurti são também aqui transcritas e ajudam sobremaneira o leitor a compreender melhor certos pontos essenciais dos temas abordados.

PALESTRAS COM ESTUDANTES AMERICANOS

OUTRAS OBRAS DE KRISHNAMURTI PUBLICADAS PELA CULTRIX

A Suprema Realização

A Primeira e Última Liberdade

Comentários Sobre o Viver

O Mistério da Compreensão

A Importância da Transformação

Reflexões Sobre a Vida

Uma Nova Maneira de Agir

Diálogos Sobre a Vida

A Educação e o Significado da Vida

O Passo Decisivo

Fora da Violência

A Mutação Interior

A Cultura e o Problema Humano

Liberte-se do Passado

O Homem Livre

O Descobrimento do Amor

J. Krishnamurti

PALESTRAS COM ESTUDANTES AMERICANOS

Tradução de
Hugo Veloso

EDITORA CULTRIX
SÃO PAULO

SUMÁRIO

KRISHNAMURTI

Jiddu Krishnamurti nasceu na Índia do Sul em 1895 e foi educado na Inglaterra. Embora não tenha ligações com nenhuma organização filosófico-religiosa nem se apresente com títulos universitários, vem fazendo conferências para grupos de líderes intelectuais nas maiores cidades do mundo, há várias dezenas de anos.

Além dos volumes editados pela Cultrix, grande número de publicações, de palestras e conferências suas, foram lançadas em português, com êxito igual ao obtido quando publicadas em espanhol, francês, alemão, holandês, finlan dês e vários outros idiomas, além do original inglês.

PALESTRAS NA UNIVERSIDADE DE PORTO RICO

SAN JUAN

O PODER DO AUTOCONHECIMENTO
(1)

A maioria de nós, que vive neste mundo brutal e confuso, esforçamo-nos em talhar para nós mesmos uma vida individual, uma vida em que possamos fruir felicidade e paz, conservando, todavia, as coisas deste mundo. Em regra julgamos que nossa vida cotidiana, vida de luta, de conflito, de dor e sofrimento, aparta-se do mundo exterior de aflição e confusão. Supomos que o indivíduo difere do resto do mundo com todas as suas crueldades, guerras e tumultos, desigualdade e injustiça, e que tudo isso se distancia de nossa vida pessoal, individual. Se considerardes com mais atenção, não só o vosso viver, mas também a humanidade, vereis que o que sois — a existência diária, o que pensais, o que sentis — é o mundo externo, o mundo em derredor. Vós sois o mundo, sois o construtor deste mundo de extrema desordem, deste mundo que em seu imenso sofrer clama em vão. Fostes vós quem o criou. Por conseguinte, o mundo exterior a vós não difere daquele em que pessoalmente viveis.

Na realidade, não existe, absolutamente, essa separação entre o indivíduo e a sociedade. Quem procura talhar sua própria vida particular não difere da comunidade em que vive. Porque o indivíduo, o ser humano, formou a comunidade, a sociedade. Devemos ver claramente, desde o começo, que tal divisão é ilusória, irreal.

Ao efetuardes uma mudança radical no homem, em vós mesmos, estais naturalmente realizando uma mutação profunda na estrutura e natureza da sociedade. Importa ficar claramente entendido que a mente humana, com toda a sua complexidade, seu complicado funcionamento, faz parte deste mundo externo. Sois o mundo e, operando uma revolução fundamental (não revolução comunista ou socialista, mas uma revolução de espécie totalmente diferente), estareis produzindo uma revolução social. Essa revolução não deve começar exteriormente, porém interiormente, porquanto o exterior resulta de nossa própria vida interior. Quando ocorrer uma revolução radical na natureza mesma

do pensamento, do sentimento e da ação, haverá, então, obviamente, uma mutação na estrutura da sociedade. Essa mudança completa da estrutura social é impreterivelmente necessária. A moralidade social não é moral. Para ser completamente moral, um ser humano deve renegar a moral social. Significa isso o que o indivíduo, o "vós", terá de penetrar toda a sua própria estrutura; terá de compreender a si próprio, não em conformidade com nenhum filósofo ou sacerdote ou analista, quem quer que ele seja. Deverá compreender-se tal como é, e não de acordo com outrem. Quando compreendermos a nós mesmos, deixará de existir a autoridade dos especialistas, psicossociólogo, ou outro qualquer. Devemos todos cientificar-nos disso, antes de prosseguirmos. Principalmente quando estamos aplicados a examinar a questão da autocompreensão, questão de fundamental importância, não pode haver autoridade de espécie alguma, porque tendes de compreender-vos, e não a outrem ou aquilo que outrem vos diz a vosso respeito. Parece-me sumamente importante entender isso, porque, como acabo de dizer, estamos sempre prontos a aceitar, a obedecer, a ajustarnos, submeter-nos à autoridade, seja a autoridade da Igreja, seja a de qualquer líder espiritual ou especialista analítico. Tudo isso deve ser de todo abandonado, porque a autoridade que se tem exercido e a obediência, por parte de cada um de nós, a um ideal conceptual, tem causado imensa aflição neste mundo.

Não sei se já observastes como o mundo está dividido(*): nacionalidades, grupos religiosos, categorias raciais, preconceitos, religiões antagônicas, deuses antagônicos. Já o deveis ter observado. E, todavia, apesar de terdes observado esse fato, apesar de saberdes as aflições e conflitos e discórdias que ele está produzindo em todo o mundo, continuais apegados a vossas nacionalidades, vossos conceitos religiosos, vossas crenças, tudo isso fatores de separação entre os homens. Infelizmente, aceitamos a autoridade estabelecida pela tradição social ou pela Igreja, pelos ditames da hierarquia autoritária da religião organizada. Entretanto, rejeitamos decididamente a tirania política. Não admitimos que se nos negue o direito de falar livremente ou de pensar o que quisermos. Mas, infortunadamente, não fazemos valer essa mesma liberdade em relação aos assuntos espirituais. Isso tem conduzido, de modo geral, a inenarráveis aflições e à separação entre os homens.

Se queremos pensar racionalmente, com integral discernimento, temos de compreender-nos a fundo, descobrir por que razão somos

---

(*) "Dividido" implica, aqui, a idéia de antagonismo, hostilidade (Cf. Dic. Webster: **divide - 4. to make hostile**). N. do T.

agressivos, brutais, dominadores, ávidos de posse, porquanto essas características são, todas juntas, as causas do conflito entre as pessoas. E, se desejamos promover uma mudança social — a qual é necessária — essa mudança, decerto, deve começar na mente humana, e não na estrutura externa da sociedade. Com efeito, revela compreender que para se produzir uma completa mudança na estrutura social — para que os entes humanos sejam livres, não haja mais guerra, nem a separação dos povos em cristãos, hinduístas, mulçumanos, etc. — há necessidade da verdadeira autocompreensão, ou seja, da compreensão de nós próprios tais como somos, tanto biológica como psicologicamente. Então, no mesmo processo de compreender-nos, efetuaremos uma mudança que será natural, e não uma revolução sanguinolenta. Todas as revoluções políticas, religiosas, econômicas causaram grande aflição e confusão no mundo. Podeis ver o que se está passando no mundo comunista — repressão e o retorno a um estado burguês.

Vendo tudo isso, guerras, tirania, opressão, injustiça social, fome no Oriente, contrastando com extrema riqueza, vendo tudo isso, não apenas intelectual, porém realmente, observando-o em vós mesmos, na vossa vida diária, reconhecereis, inevitavelmente, a necessidade de uma revolução na ação mesma de vossa vida diária. E, para se realizar tamanha mudança, necessita-se de autoconhecimento; precisais conhecer a vós mesmos, tal como sois, as causas de vossas ações, porque sois agressivos, brutais, invejosos, rancorosos, já que tudo isso se expressa no mundo exterior. Espero que esteja claro isto, não apenas lógica, verbal, racionalmente, mas também porque o sentis. Se não sentis agudamente, intensamente, o verdadeiro estado do mundo, o verdadeiro estado de vossa vida, há então a fuga para as ideologias e teorias.

As ideologias, quer comunistas, socialistas, capitalistas, quer religiosas, não têm em verdade significação nenhuma. As ideologias — o pensamento conceptual, com suas palavras — têm separado o homem do homem. Todos vós tendes diferentes ideologias e não percebeis claramente, por vós mesmos, a insensatez de nutrir ideologias. Elas impedem-nos de ver o que de fato está sucedendo, o que de fato é. Por que termos ideologias, de qualquer natureza, se sabemos que elas estão dividindo os homens, não importa que sejam cristãos, hinduístas, muçulmanos ou de outras religiões, cada um apegado com todas as forças à sua própria crença? Sem questionar, aceitamos ideologias. Se questionardes e investigardes profundamente este problema das ideologias, vereis que elas existem unicamente para proporcionar-nos a fuga à realidade.

Considere-se, por exemplo, a questão da violência que com espantosa rapidez se está alastrando pelo mundo. Nós somos violentos: os entes humanos, em qualquer parte, são violentos, agressivos, brutais. Eis um fato derivado, herdado do mundo animal. Somos entes humanos violentos. Não enfrentamos essa violência, não tratamos de descobrir porque somos violentos, a fim de transcendermos esse estado. Mas temos idéias a respeito da violência, ideologias a ela relativas. Dizemos que devemos ser não-violentos, que devemos ser bondosos, delicados, ternos, etc., etc.; isso é mero pensamento conceptual, que nos impede de entrarmos em contato conosco quando somos violentos. Isso é bem claro, não achais?

Estamos perguntando por que os entes humanos se entregam aos ideais, e por que consideramos uma coisa tão insólita não ter ideais. Pensais que — tende a bondade de escutar atentamente — pensais que viver sem nenhum princípio, sem crenças, sem ideologias, é ser mundano, é ser materialista. Pelo contrário, a maioria dos que têm ideais, crenças, princípios, são os maiores materialistas do mundo, porque não estão em contato com a realidade, não estão em contato com a violência, não se relacionam com os fatos tais como são. Decerto, muitos de vós credes em Deus, embora alguns talvez não creiam. Podeis dizer que sois ateus, o que é uma outra forma de crença. Nunca indagais por que razão credes em Deus, porém O aceitais, porque isso faz parte da tradição, da autoridade, da propaganda; tendes esse ideal e dizeis "Vosso Deus e meu Deus, vossa forma particular de ritual e a minha". Essas crenças e rituais estão separando os homens. Para descobrir a realidade, descobrir se existe essa coisa chamada Deus, experimentá-la, alcançar esse estado extraordinário, deve o indivíduo pôr completamente à margem toda espécie de crença. Do contrário, não estará livre para investigar e só quem está livre para indagar, observar, poderá alcançar aquela realidade não construída pela mente amedrontada.

Por que tendes tantos ideais e princípios e de acordo com eles estais tentando viver? O homem moderno pouco se importa com princípios e crenças. No mundo atual, o que a cada um interessa é gozar a vida, progredir, ter sucesso, etc. Mas, examinando-se as coisas mais profundamente, vê-se que no fundo de tudo isso está o medo. É o medo que nos faz agressivos. É o temor que nos faz apegar-nos a nossa forma particular de segurança e de crença. Se o homem não teme, se vive completamente, integralmente, sem nenhuma contradição dentro de si próprio, observando o mundo com toda a sua brutalidade, penetrando, assim, em si próprio e libertando-se do medo — esse homem pode então viver sem nenhuma crença, sem um único

pensamento conceptual. Penso ser esta a principal característica de nossa vida: o medo, não só o medo de coisas tais como a perda de um emprego, mas também o medo de estarmos psicologicamente, interiormente, na insegurança.

Desejo agora dizer uma coisa que considero importante: é de suma relevância a maneira **como** escutais. Em geral, ou ouvis só as palavras, concordando ou discordando, intelectualmente, ou ouvis com a mente ocupada em interpretar, traduzindo, desse modo o que ouvis em conformidade com vossos preconceitos pessoais. Escutais comparativamente, isto é, comparando o que ouvis com o que já sabeis. Essa maneira de ouvir impede-vos o **escutar**, não? Se dizeis "Ora, tudo isso é absurdo", não estais escutando. Afinal de contas, vós e eu viemos aqui com o fim de considerarmos assuntos de nosso mútuo interesse. E, se tendes vossos próprios preconceitos, conclusões, convicções, que vos impedem de escutar o orador, nesse caso levareis daqui apenas um montão de palavras sem nenhuma significação. Mas se, ao contrário, escutardes sem condenar nem aceitar, se escutardes com um certo grau de atenção, assim como escutais o murmúrio do vento entre as folhas, se escutardes com todo o vosso ser, com vosso coração e vossa mente, então talvez possamos estabelecer entre nós um estado de comunicação. Teremos então a possibilidade de entender-nos mutuamente, de maneira muito simples e direta, embora estejamos considerando um problema humano altamente complexo. Interessa-nos a integral estrutura de nossa vida diária, vemo-nos às voltas com nosso sofrimento, nossa aflição, luta e dor. E, se souberdes escutar, neste momento, ao orador, quando voltardes a casa sabereis escutar vossa esposa, vosso marido, vossos filhos, ou a outro qualquer; começareis a descobrir, diretamente, a verdade relativa a estas questões. Vossa mente se tornará muito simples e clara; tereis uma mente lúcida, capaz de observar e de aprender, e não uma mente confusa ou assustada. E nós temos problemas bem complicados. Nossa vida é extremamente confusa, e para compreendermos esta complexa estrutura de nós mesmos, devemos observar-nos com muita atenção, ver por que é que cremos, por que é que olhamos, e somos agressivos, e nos separamos em nacionalidades.

Assim, como disse, se escutardes com interesse, com zelosa atenção, vereis que o assunto de que o orador está tratando é o descobrimento de vós mesmos. O orador está meramente a pintar vosso próprio retrato. Para observar bem esse retrato, tendes de olhá-lo com atenção e interesse, sem condenar nem justificar, sem vos envergonhar daquilo que vedes. Só quando olhamos o que realmente está sucedendo em nossa vida, quando o observamos atentamente, sem

condenação ou avaliação de espécie alguma, só então podemos vê-lo exatamente como é. Ver é o maior dos milagres. Percebei isso, por favor. Nós não vemos, porque nos olhamos com olhos que estão sempre a condenar, a comparar, a avaliar, e, por conseguinte, jamais nos vemos tais como somos. E ver-nos tais como somos é produzir uma radical transformação em nós mesmos e, por conseguinte, na ordem e na estrutura sociais.

Nós mesmos andamos confusos e em completa desordem. Não há ordem nenhuma dentro de nós. Não me refiro à ordem aparente obtida pela imitação e pelo ajustamento; essa ordem é desordem e, individualmente, podeis ver que a vida está fragmentada, segmentada. Sois negociante, sois marido, sois esposa, sois isto mais aquilo, vossa vida está toda fragmentada. Cada fragmento tem seu desejo próprio, sua própria intenção e motivo, todos opostos entre si, de modo que há contradição. Nossa vida é uma contradição, um desejo oposto a outro desejo, um prazer a atrair-nos numa direção, e outro prazer a atrair-nos noutra direção, tornando nossa vida contraditória, confusa e desordenada. Esse é um fato óbvio, e cumpre-nos estabelecer a ordem, não de acordo com determinado plano ou teoria, porém aquela ordem que vem ao observarmos as causas da desordem em nós existente. Espero estar-me fazendo claro. Não se trata aqui de uma questão de retórica ou de teorias, o que nos interessa é o que está sucedendo realmente em nós mesmos. Porque em nós está o mundo. Não podemos separar-nos dele. Nós somos o mundo. E para transformarmos o mundo — e há necessidade dessa transformação — temos primeiro de transformar-nos. Para promovermos uma mudança em que haja ordem, cumpre-nos compreender as causas da desordem em nós existente.

Para observar, necessita-se de liberdade. Em regra estamos fortemente condicionados pela sociedade em que vivemos, pela cultura em que crescemos. A sociedade é o produto de nossa vida, de nossa maneira de pensar. A cultura é nossa própria obra. A sociedade condicionou-nos, determinando-nos o que pensar e como pensar, as crenças que devemos ter e a maneira como devemos comportar-nos. Estamos fortemente condicionados e, por conseguinte, não somos livres. Este é um fato real e óbvio. Com a mente condicionada, evidentemente, não temos liberdade para observar. E, estando condicionados, quando observamos o nosso verdadeiro estado, assustamo-nos. Não sabemos o que fazer. A questão, pois, é se a mente tem alguma possibilidade de descondicionar-se — atentai para isto — se a mente tem alguma possibilidade de descondicionar-se, para que possa ser livre. Se dizeis que tal possibilidade não existe, que nenhuma mente humana é capaz de libertar-se de seu condicionamento, nesse caso já fechastes

o caminho a vós mesmos, impedindo-os de investigar mais a fundo o problema. E, se dizeis que é possível, isso também constitui uma barreira, impedindo-vos de examinar a questão.

Cumpre, pois, compreender esse condicionamento. É bem claro o que entendemos pela palavra "condicionamento": estais condicionados como cristãos, fostes criados numa determinada cultura, uma cultura que aceita a guerra, que segue um certo padrão de existência, etc. Esse é o vosso condicionamento, tal como a gente da Índia está condicionada pela sua cultura, sua religião e superstição, sua maneira de vida. E a palavra "condicionamento" é uma palavra bem clara e muito simples, com um profundo significado.

Pois bem; é possível descondicionar a mente, é possível descondicionardes a vossa mente para que ela seja livre? A liberdade é uma coisa perigosíssima, porque seu comum significado é que cada um pode fazer o que quiser. A liberdade, para a maioria das pessoas, é um ideal, uma coisa remota, inatingível. E há os que dizem que para serdes livres deveis ser altamente disciplinados. Mas, a liberdade não se acha no fim do caminho; ela se encontra exatamente no primeiro passo. Se não sois livres, não podeis observar a árvore, as nuvens, as águas rutilantes, não podeis observar vossa relação com a esposa, o marido ou o vizinho. Em geral, não queremos observar, porque temos medo do que possa acontecer se observarmos muito atentamente.

Não sei se já observastes vossas relações; por exemplo, as relações com vossa esposa ou vosso marido. Este é um negócio bem perigoso. Porque, observando-se com total atenção, vê-se que deve haver uma maneira de vida completamente diferente, para vós desconhecida. O que observamos são as imagens que formamos um do outro, e essa imagem estabelece uma certa relação entre um homem e uma mulher. Essa relação entre imagens é o que chamamos "estar em contato", "estar em relação". Assim, se investigarmos a questão do descondicionamento, do libertar a mente de seu condicionamento, o que em primeiro lugar desejamos saber é se isso é possível. Se não é possível, então seremos escravos para sempre; e eis por que inventamos um céu, um Deus. Só no céu podemos ser livres, e não aqui. Mas, para libertarmos a mente de seu condicionamento — e eu digo que isso é possível — devemos tornar-nos cônscios de como pensamos, de por que pensamos, e dos pensamentos que temos. Estar cônscio, não condenar, não julgar, porém, simplesmente, observar, assim como se observa uma flor. Ela está diante de nossos olhos; de nada serve condená-la, de nada serve dizermos "Gosto dela", "não gosto dela"; ela está a nossa frente, para a olharmos. E, se tiverdes "olhos de ver", enxergareis a beleza dessa flor. Desse mesmo modo, se

estais cônscios de vós mesmos, sem condenar, sem julgar, vereis a inteira estrutura e a causa de vosso condicionamento; e, se continuardes aprofundando, descobrireis pessoalmente que a mente pode ser livre.

Isso suscita outro problema: Estamos acostumados a pensar em função do tempo, isto é, estamos habituados ao gradual processo de mudança, ao gradual processo de consecução de um fim, ao tempo que se requer para mudar **disto** para **aquilo**. Esse processo gradual é o tempo. Existe, não só o tempo marcado pelo relógio, o tempo cronológico, mas também o tempo psicológico, o tempo interior, que nos faz dizer: "Sou irritadiço, ciumento e gradualmente me livrarei disso." Eis a gradualidade, o lento processo de mudança. Mas, interiormente, psicologicamente, não existe tal coisa — gradualidade. Ou a pessoa muda imediatamente, ou não mudará nunca. A gradual mudança da violência para a não-violência implica que, durante esse tempo, a pessoa está lançando a semente da violência, não é verdade? Se digo entre mim que, se sou violento, poderei, gradualmente, um belo dia, tornar-me não-violento, fico na dependência do tempo. Nesse intervalo de tempo, estarei de contínuo a semear os germes da violência; isso é perfeitamente óbvio.

Esta questão, pois — seriamente falando, num mundo que se está despedaçando, desintegrando, e todo entregue a divertimentos — esta questão diz respeito não só ao tempo, mas também ao conflito do esforço. Espero que isto não se esteja tornando difícil demais. Talvez esteja, se não estamos acostumados a essa maneira intensiva de pensar e sentir. Mas a questão aí está, e incumbe-vos esclarecê-la. Quando uma casa está a arder, quando nossa casa — nosso mundo — está em chamas, não ficamos a discutir em torno de teorias nem a perguntar quem ateou o incêndio (se o comunista, o capitalista, o católico ou o protestante ou quem quer que seja). O que interessa é extinguir o fogo e tratar de construir uma casa que nunca possa ser incendiada. Isso requer uma grande abundância de seriedade e de intensidade, e não que tratemos de agir só para estarmos em ação, de prestar alguns "bons serviços", ou mudar de uma religião ou conceito para outro.

Tendes, pois, de ser "sérios", o que significa que deveis ser livres para observar a vida, observar vossa maneira de vida, vossas relações com outros, e ver bem tudo o que está acontecendo. Ora, não podeis observar se há um espaço entre vós e a coisa observada. Entendeis? Vou explicar-vos o que quero dizer. Para observardes, verdes muito claramente, deveis estar em íntimo contato com a coisa que observais. Deveis ser capazes de tocá-la, de senti-la, deveis ser capazes de estar em total relação com ela. E, se há espaço entre vós — o

observador — e a coisa observada, não estais em contato com ela. Assim, para vos observardes tal como sois — deveis escutar, ficar só escutando — para tal observação não deve haver separação entre o observador e a coisa observada. Tem sentido isto? Vê-lo-eis. Se olho a mim mesmo e há separação entre mim e a coisa observada, e vejo que sou ciumento, irritadiço, violento, o observador e a coisa observada são duas entidades diferentes, não? Há a violência e o observador que diz "Eu sou violento". Duas coisas distintas. Essa separação entre o observador e a coisa observada gera conflito. Observai isso em vós próprios, e com simplicidade o compreendereis. Se vos separais do medo, tendes então de dominá-lo, de combatê-lo, lutar contra ele, fugir dele. Mas, se vedes que vós **sois** o medo, que o observador é a coisa observada, cessa então o conflito entre ambos.

O que estamos dizendo é que o homem já fez uma viagem tão longa, e sua vida foi sempre um campo de batalha, não só dentro dele próprio, mas também externamente; todas as suas relações estão em conflito: na fábrica, no escritório, no lar, é uma luta, uma batalha incessante. E nós estamos dizendo que uma vida assim não é vida absolutamente. Podeis ter vossos deuses, vossas riquezas, possuir extraordinárias capacidades, mas não estais vivendo, não sois entes felizes. Não há felicidade, não há bem-aventurança na vida. E para alcançar essa felicidade, essa bem-aventurança, a pessoa tem de compreender a si própria, necessita de liberdade para olhar. Para olhar com justeza, não deve haver separação entre o observador e a coisa observada. E, quando isso acontece, desaparece por inteiro o espírito de luta por nos tornarmos alguma coisa, sermos alguma coisa. Vós sois o que sois. Ao observá-lo, ocorre de pronto uma mudança radical. Isso põe fim à idéia do tempo e da gradualidade.

10 de setembro de 1968.

DA TRANSFORMAÇÃO DO HOMEM
(2)

Dissemos outro dia que nossas relações com os outros entes humanos devem sofrer uma radical mudança. Por todo o mundo se espalha, assustadoramente, a violência: guerras, tumultos raciais, conflitos, fora e dentro de nós. Nossa vida é um campo de batalha, uma luta incessante, do momento de nascermos à hora da morte, e temos a esperança de encontrar, em algum lugar, uma certa espécie de paz, um refúgio seguro. É isso, mais ou menos, o que buscam as pessoas — um certo refúgio no exterior, na sociedade, e um certo grau de segurança interior. Eis uma das causas principais do conflito, o anseio humano, em todo o mundo, de encontrar um pouso, um estado de relação isenta de atritos, uma ideologia infalível. E trata, assim, o homem de inventar uma ideologia de religião, de crença organizada, de dogma, que lhe porporcione uma esperança profunda e alegradora. Mas, como se pode notar em toda a parte, a religião organizada, tal como o nacionalismo, separa os homens. Guerras incontáveis já se travaram em nome de Deus, em nome da religião, em nome da paz, em nome da liberdade. Deveriam todos compreender que qualquer espécie de relação baseada no pensamento conceptual levará infalivelmente ao caos e ao conflito. Já tratamos desta matéria na reunião precedente. Vem-se procurando descobrir uma certa espécie de realidade que seja absolutamente verdadeira e não uma invenção da mente; uma certa coisa que dê significado à nossa vida, à nossa triste existência de cada dia. Creio ser isso o que a maioria dos indivíduos, tanto intelectuais como religiosos, estão sempre tentando encontrar: um significado para a vida. Porque, com efeito, nossa vida de agora é bem triste e insignificante, oferecendo-nos minguados prazeres e satisfações, sexuais e outras. Ora, o homem exige muito mais, alguma coisa de mais verdadeiro, de mais profundo, de mais significativo.

Por conseguinte, trata de inventar ou de dar significado à vida, intelectual ou conceptualmente; e esse significado, mais uma vez, se

revela improfícuo, porque é uma mera invenção, uma teoria, uma possibilidade. É inútil esforçar-nos por descobrir alguma coisa efetivamente verdadeira, coisa não-inventada nem concebida, porém uma realidade, uma realidade não destruível pelo pensamento. Para alcançarmos essa coisa, temos de estabelecer as relações corretas neste mundo, corretas relações humanas, uma sociedade correta, uma estrutura social, uma cultura que nos possibilite viver com plenitude, que nos torne a vida agradável e feliz, uma vida isenta de conflito, uma vida genuinamente moral. Pois é só quando se lançam as bases corretas que podemos descobrir pessoalmente o verdadeiro.

Nosso empenho deve ser o de vivermos completa e totalmente neste mundo, vivermos de tal maneira que nossas relações com o próximo — esteja ele a mil milhas de distância ou na casa vizinha — não sejam geradoras de conflito. É necessário que se torne existente uma sociedade em que não haja competição, brutalidade, agressão, destruição, uma sociedade não-produtiva de guerras. A sociedade é o produto de nossa vida diária. O que somos no viver cotidiano, a maneira como agimos, as coisas a que atribuímos valores, nosso comportamento, tudo isso concorre para formar uma sociedade em que é inevitável a guerra, o ódio, o antagonismo. Destarte, cumpre-nos descobrir por nós mesmos (e não de acordo com nenhum moralista) como viver plenamente e a um só tempo com dignidade; viver com entes livres, de modo completo e com paz interior, para que assim possa nascer uma sociedade na qual se tornem inexistentes os choques raciais e econômicos, e haja igual oportunidade para todos. Isso só se tornará possível quando os seres humanos sentirem a absoluta necessidade de viverem de maneira tal que a vida de cada um seja uma expressão de paz e de liberdade. Esta é a verdadeira questão, ou seja se, vivendo nesta sociedade, temos possibilidade de alterá-la (não por meios violentos, pois tais meios nunca produziram uma sociedade baseada na liberdade e na paz), de convertê-la numa sociedade que torne livres os indivíduos, fazendo que cada um seja a luz de si próprio.

Nossa questão, pois, é esta: a sociedade atual deve ser transformada. Isso é evidente. Os comunistas não conseguiram fazê-lo, embora tenham assassinado milhares e milhões de pessoas. Tampouco o conseguiram os capitalistas. Conseqüentemente incumbe-nos descobrir uma nova maneira de viver — não segundo um sistema socialista ou de outra espécie: uma diferente maneira de viver. E isso só será realizável, conforme antes dissemos, quando nos compreendermos, não apenas como indivíduos, mas também em nossas relações com a sociedade. Porque nós somos a sociedade, nós somos o mundo; o mundo não difere de nós. A cultura que vos condiciona, a sociedade

que vos escraviza, vos molda, é a vossa luta, a vossa maneira de vida. A questão, por conseguinte, é de vermos se é possível alterarmos nossa vida de cada dia tão radical e fundamentalmente, que todo o processo de nosso pensar se modifique. Por natureza, por herança, por instinto, somos violentos. Somos egocêntricos — primeiro eu, e depois o resto; minha segurança, minha posição, meu prestígio importa mais do que o de outro. Isso é que gera o espírito de competição que produziu esta sociedade de divisões raciais e econômicas. Assim, a menos que se verifique uma profunda mutação na própria psique, a mera reforma exterior, à custa de sangue derramado ou a poder de legislação, não estabelecerá, por fim, uma maneira de vida em que o homem esteja em paz dentro em si; possa viver virtuosamente; uma vida na qual ele possa buscar e descobrir a realidade.

Afinal de contas, todos nós buscamos a felicidade. Mas a felicidade é um "derivado"(*), um resultado, e não um fim em si. Nosso problema, pois, é este: É possível modificar o homem? Consegui-lo-emos por um processo analítico, pelo exame de seu comportamento, de sua violência, sua agressividade, analisando-os atentamente, a fim de descobrir-lhes as causas e, depois, pelo processo gradual do tempo, operar a mudança? É este o caminho certo? Compreendeis esta pergunta? Isto é, pode cada um de nós, entes humanos, mudar totalmente sua norma de vida pela compreensão das causas de sua maneira de comportar-se, pública e particularmente, secreta e abertamente, pelo desconhecimento do por que somos agressivos, por que somos competidores, por que somos violentos? Ainda que analisemos mui cuidadosamente, passo a passo, de modo que não se cometam erros, isso poderá produzir alguma mudança? Esse processo analítico requer tempo, não é verdade? Necessita-se de muitos dias, talvez de muitos anos, para uma análise feita com o maior cuidado. E pode ser que, à força de desejá-lo, consigamos mudar. Mas eu duvido disso. O homem nunca mudou, embora conheça a causa da violência; conquanto tenha passado pela experiência de milhares de guerras, não cessou de matar. Mata animais para comer e mata seus semelhantes por causa de ideologias.

Se queremos servir-nos do tempo, precisaremos de muitos anos para mudar. Por favor, penetrai nisto junto comigo, não vos limiteis a escutar o que digo como se fosse uma série de idéias; não temos nenhum interesse em idéias: só nos importa o viver de cada dia e a realização de uma mudança radical nesse viver. Assim, peço-vos que

---

(*) "Derivado", no sentido industrial: produto secundário, subproduto. (N. do T.).

não vos limiteis a concordar ou discordar, a refutar ou aceitar. Como temos acentuado, devemos escutar atentamente, não as palavras do orador, porém dele nos servir como se fosse um espelho no qual nos estamos vendo, tornando-nos cônscios de nós mesmos. A questão, pois, é esta, se o processo analítico liberta a mente. Ele requer tempo; cronologicamente, poderá necessitar de muitos dias, de vários anos. Assim terá de ser, se queremos proceder analiticamente. E, já que são necessários tantos anos, estareis, no decorrer deles, ajudando a produzir mais caos, mais guerras, mais agressões, no mundo. Portanto, não é este o caminho certo. O processo analítico, baseado no descobrimento das causas do comportamento humano, exige tempo e nós não temos tempo a perder quando a casa está em chamas, quando há tanta brutalidade, tanto ódio, em nossa existência. Com a casa a arder, não há mais tempo a perder: tendes de transformar-vos imediatamente. Esta é a verdadeira questão. O processo intelectual, ou seja, o processo analítico, não é, com efeito, o caminho certo. E as pessoas religiosas de todo o mundo dizem, em sua peculiar fraseologia, que deveis esperar pela graça de Deus, o que, mais uma vez, é um absurdo. Deve, pois, haver uma outra e bem diferente maneira para o homem que percebe as condições do mundo, que observa os acontecimentos, não teórica nem intelectualmente, porém vendo a violência, a brutalidade, o ódio, as guerras e matanças pelas quais ele próprio é responsável. Vede a guerra do Vietnã: por ela é responsável cada um de nós. E cada um de nós é também responsável pelos tumultos e preconceitos raciais. Vós, que habitais esta próspera ilha, com seus encantadores e verdejantes montes, seu mar azul, viveis num aparente isolamento; mas não estais isolados, fazeis parte do mundo, participais em todas as suas aflições. E, compreendendo isso, compreendereis também que o processo analítico, o processo intelectual de exame, não resolve de modo nenhum o problema. Nem o resolverá a maneira de ver religiosa, como tampouco a revolução sanguinolenta, a implantação da anarquia no mundo.

Por conseguinte, deve haver uma diferente maneira de operar uma imediata mutação na mente. Achais, talvez, não ser isso possível. Direis: "Eu, que tão condicionado estou pela sociedade, pela cultura em que vivo, vejo-me tão fortemente agrilhoado que não tenho nenhuma possibilidade de me transformar imediatamente. Abandonar o hábito de fumar, por exemplo, é uma coisa que vos parece sobremodo difícil. E abandonar, lançar à margem um completo condicionamento ideológico, isso é infinitamente mais difícil. Dizeis, pois, que não há possibilidade de libertar instantaneamente a nossa mente, para vivermos livres de toda espécie de antagonismo, brutalidade e violência. Mas,

eu o reputo possível, não como idéia, não como teoria utópica, porém na realidade. Tem a mente humana, condicionada por milhões de anos, possibilidade de mudar radicalmente, instantaneamente? Vou explicar--vos o que quero dizer — (Depois conversaremos sobre a matéria). Em primeiro lugar, todo pensamento, toda atividade pensante, resulta do passado, assim como do passado vem todo conhecimento. Todo pensamento é reação da memória, e a memória pertence sempre ao ontem. Isso podeis observar diretamente, não é nenhuma extravagância mística, porém um fato científico que vós mesmos podeis perceber ao vos fazerem uma pergunta: vossa mente vai procurar na memória o que já sabeis e, depois, de acordo com essa memória, responde. Estou-me expressando rápida e concisamente, embora se trate de um problema sumamente complexo. O pensamento é sempre condicionado e sempre velho. E aqui temos um problema novo, totalmente novo, um novo desafio, ou seja que temos de nos transformar incontinenti, de mudar imediatamente, porque, do contrário, nos destruiremos. E, naturalmente, a reação a esse desafio é a reação do "velho". Se reagis de acordo com os velhos sistemas de pensamento, não estais procedendo adequadamente em face do desafio. Espero esteja claro isto.

Assim, em presença desse desafio que exige que vos transformeis imediatamente (porque a outra alternativa é de destruirdes a vós mesmos, pois bem sabeis que novas guerras virão, mais brutalidade, mais opressão; que a extrema esquerda vai ganhando terreno e a extrema direita se vai tornando mais poderosa, e que isso só pode levar a mais morticínios, mais guerra, mais ódio), e percebendo tudo isso objetivamente, chegareis à inevitável conclusão de que o homem deve mudar de pronto e integralmente. Disso é capaz o pensamento, sendo, como é, uma reação do passado. E, quando reagis a uma coisa nova em conformidade com o velho, não há contato entre o novo desafio e vós. Não sei se me estou fazendo claro.

O novo desafio que se apresenta aos entes humanos, que há tanto tempo vivem em tamanha aflição, agora aumentada por terríveis meios de destruição, o novo desafio é este, que deveis mudar instantaneamente. E se vossa reação não for nova, ver-vos-eis num conflito maior e estareis contribuindo para aumentar as desgraças do homem. Está visto, pois, que deveis reagir ao novo desafio de maneira nova. E tal só será possível quando compreenderdes toda a estrutura e natureza do pensamento. Se reagis intelectualmente, verbalmente, conceptualmente, trata-se então de reação e ação do "velho". Assim (tende a bondade de escutar isto; ainda que vos pareça absurdo, escutai-o pri-

meiro), é possível reagirmos sem pensamento, reagirmos com todo o nosso ser, e não apenas com uma parte dele? Estamos vendo, pois, que o pensamento, o intelecto, é evidentemente um fragmento de nosso ser; e quando uma parcela, um fragmento, reage a um desafio imenso, cria-se mais conflito. Dessarte, o pensamento, o intelecto, sendo um fragmento do ente humano total, nunca produzirá uma mudança efetiva, e, portanto, não é o meio de irmos ao encontro do desafio. Só quando a mente humana — formada que é de reações nervosas, de emoções, de tudo o que constitui a pessoa — só quando a mente humana reage integralmente, verifica-se uma ação de nova espécie. Se reajo ao desafio de modo intelectual ou verbal, minha reação será apenas fragmentária, não será uma reação humana, total. Só se torna possível essa reação quando a ela me entrego por inteiro. Isto é, para enfrentar o desafio de maneira adequada e completa só há uma reação, uma reação única (*), reação que não é intelectual, nem verbal, nem teórica; esta reação (se posso empregar uma palavra que tanto se tem adulterado), esta reação é o amor.

Sabeis quanto esta palavra tem sido corrompida por nós; corrompida pelos sacerdotes, pelos políticos; corrompida pelo marido e pela esposa — de tal forma corrompida que, ao dizermos que amamos a Deus, não O amamos. Falamos de amor à pátria, amor ao ideal, e assim tornamo-lo uma palavra feia. Se pudermos despi-la de toda a fealdade que lhe demos, poderemos então ver o que ela significa. Porque, quando se ama, ama-se totalmente, com todo o ser. E amor não é prazer. Para a maioria de nós, a maioria dos entes humanos, a palavra "amor" sugere prazer, sexual ou de outra ordem. E corrompemos também o amor caracterizando-o como divino e não-divino. Mas o amor é uma coisa que cumpre apreender, compreender, viver e sentir, sem fracioná-lo em amor físico, amor emocional, amor intelectual. Ele é uma reação total. E só essa reação é capaz de operar uma radical transformação na mente. Acho agora que, para mim, basta. Quereis fazer perguntas? Vamos conversar sobre a matéria.

Mas, antes de começardes, peço-vos formulardes perguntas breves e precisas, porque eu terei de repeti-las. E, se eu o fizer incorretamente, queiram ter a bondade de me corrigir. Se falais italiano, francês, espanhol ou inglês, talvez eu vos entenda. Fazei, pois, perguntas breves e pertinentes à matéria de que estamos tratando; não perguntas teóricas, porém perguntas relativas a como operar a fundamental transformação do homem.

(*) "Única", no sentido de "superior a todas as demais". (Cf. Dic. Seguier). (N. do T.)

INTERROGANTE: Como comunicar a outrem este sentimento, o significado fundamental da palavra "amor"?

KRISHNAMURTI: Como comunicar isso ao mundo, ao resto da humanidade — é isto que estais perguntando? Não vos preocupeis em comunicá-lo aos outros. Possuí-o! Temos sempre muita pressa em comunicar aos outros as nossas descobertas, queremos convencê-los, ensiná-los; o amor não é uma questão de propaganda, não é uma coisa que se possa divulgar pela palavra; só podemos comunicá-lo com nossa própria vida, pela maneira como vivemos cada dia. Se uma centena de pessoas, dentre os presentes nesta sala, lograrem compreendê-lo realmente, que maravilha! Senhor, uma flor perfumosa, bela e colorida não se preocupa em "propagar-se", com coisa nenhuma se preocupa; ela é o que é. E se sois sensível e alertado, e, portanto, capaz de olhar aquela flor, tanto basta. Por conseguinte, o que importa não é o outro, a pessoa que não está aqui; o importante é quem está presente.

INTERROGANTE: Que é que distingue o verdadeiro amor?

KRISHNAMURTI: Isto é bem simples, não? Se sois ciumento, ciúme, obviamente, não é amor. Se temeis, evidentemente não há amor. Se dominais alguém, isso também não é amor. Se nele falais e na vossa profissão fazeis mal a outrem, isso mostra que não amais. Assim, ao sabermos o que não é amor e o lançamos fora (não teoricamente, mas realmente, em nossa vida), e quando já não há ódio nem medo, então o amor existe.

INTERROGANTE: Não devemos, em primeiro lugar, amar a nós mesmos?

KRISHNAMURTI: Acho ser exatamente isso o que fazemos. E este é que é o mal. É imenso o nosso amor próprio, somos egocêntricos, amamos nossa pátria, nosso Deus, nossas crenças, nossos dogmas, nossas posses — e somos essas coisas todas. Vede o caos que isso gerou no mundo. Não demonstramos perceber a gravidade ou seriedade do que ocorre em toda a parte, e não parecemos cônscios de nossas próprias vidas. Vivemo-las rotineiramente, cheios de tédio, temendo a solidão, o não sermos amados. E, assim, as nossas ações produzem ódio e antagonismo. Não percebemos nada disso. E todas as religiões, com suas crenças organizadas, só nos têm ajudado a fugir de nossa vida diária, impedindo-nos de olhar. Não se pode falar sobre o amor. Bem sabeis o que ele não é. E se examinardes e lançardes à margem, dentro de vós mesmos, o que ele não é, então — tê-lo-eis.

INTERROGANTE: Dizem os budistas do **Zen** que devemos morrer todos os dias e que, então, talvez encontremos a realidade.

KRISHNAMURTI: Não sei por que vos preocupais em repetir os dizeres alheios. O que dizem os budistas **Zen**, os hinduístas, ou a Bíblia cristã, ou os especialistas — precisais de tais autoridades? Pensai nisto. Somos pessoas sem originalidade, repetimos o que outros dizem, o que ensina o **Zen**, ou o Vedantismo ou o ioga, etc. Nunca somos nossa própria luz. Somos tão medíocres! Diz o interrogante que, morrendo todos os dias, alcançamos a realidade. Sabeis o que isso significa? Sabeis o que significa morrer para tudo, morrer para um prazer predileto? É necessário penetrar fundo nesta complexa questão. A mente, sendo contínua, repete, enreda-se em hábitos, funciona como mente condicionada; nada do que é contínuo pode ver alguma coisa nova. Só quando há um findar, um findar total, pode-se perceber o novo. E morrer para os prazeres, para certas recordações é quase impossível para a maioria das pessoas.

Esta questão suscita outra bem mais importante: a questão da morte. Não sei se a hora é oportuna para a considerarmos. Porque nos restam mui poucos minutos. Entretanto, talvez possamos examiná-la em nossa próxima reunião. Para se compreender o que é a morte, deve-se compreender o que é o viver. Nós não compreendemos o viver; o viver é para nós um campo de batalha, conflito, brutalidade, às vezes, em raros intervalos, um lampejo de alegria e de felicidade. Eis o que chamamos viver. Se não compreendemos o que é o viver, como compreenderemos o que é morrer? Temos medo de viver e tememos morrer. E o **Zen**, isto é, um certo sistema de meditação, vos diz que deveis morrer diariamente. Evidentemente, devemos morrer em cada dia, e nisso há beleza, porque então tudo é novo. Isso significa morrer para toda a experiência. E, repetimos, não há mais tempo para tratarmos disso agora, e espero não vos desgostar com isso. Na próxima vez em que nos reunirmos talvez possamos tratar deste assunto.

INTERROGANTE: Deus participa em nossa vida? Se tal não acontece, que podemos fazer?

KRISHNAMURTI: Esta é, também, uma questão das mais complexas. Muito complexa, como toda questão humana. Vós credes em Deus. Alguém aí diz "Eu sou Deus". Temos duas coisas que considerar, não? Porque, crendo em Deus e dizendo "Eu sou Deus", vós o dizeis deveras, ou trata-se meramente de uma idéia? Olhai! O importante é descobrirdes a respectiva verdade, e não o que credes e o que eu creio. A crença, diante do verdadeiro, é sem realidade.

Para descobrir o que é verdadeiramente Deus (ou o que quer que exista), não pode haver medo, não pode haver espírito de posse, de aquisição, não pode haver inveja — entendeis? — deve haver virtude completa. A floração da bondade — eis a base; não o que credes ou a religião que tendes, ou o vosso condicionamento, ou o que a propaganda vos diz que existe ou não existe. Se pretendeis dizer que sois Deus, não o digais, porque não sabeis o que estais dizendo. Esta é uma das coisas que dizem os hinduístas, na Índia, que são Deus, apenas revestido de matéria, para manifestação no mundo... mas isto é complicado demais. Para descobrirdes se existe uma realidade, não afirmeis nada, não pertençais a nenhum grupo. O homem deve estar livre para descobrir, tal como o cientista, o bom cientista, e não aquele que se serve de sua capacidade para aumentar os males do mundo: o verdadeiro cientista. O autêntico cientista é livre, e pode examinar sem nenhum preconceito, pode olhar sem nenhum condicionamento. Se nos abeirármos das coisas dessa maneira, e se tivermos boa sorte, poderemos descobrir o que é a realidade. Nenhuma afirmativa conceptual de que ela existe ou não existe tem valor para esse descobrimento. Isso requer muito amor e beleza; requer humildade. E quando dizemos que há Deus ou que não há Deus, isso é uma absoluta falta de humildade.

INTERROGANTE: O medo e a fuga são idênticos?

KRISHNAMURTI: Diz o interrogante: "Temos uma imagem do medo e uma imagem da psique, do "eu"; há a imagem de "mim mesmo" e a imagem que tenho do medo". Ora, diferem essas duas coisas? Compreendeis esta pergunta? Há a imagem própria. — "Eu devo ser bom, ou eu não sou bom, eu tenho vergonha, eu tenho medo", etc. — e crio uma outra imagem na qual estão presentes os vários atributos pessoais. Digamos a coisa de maneira bem simples: Vós tendes uma imagem de vossa esposa ou de vosso marido, não é verdade? Deveis tê-la. A imagem que tendes de vossa esposa, ou a que tem a vossa esposa a vosso respeito, é diferente dela ou de vós? Segui, por favor, o que vou dizer. A imagem que tendes de vossa pessoa formou-se em razão da experiência, e a imagem que a vosso respeito tem vosso marido ou esposa formou-se de igual modo. A experiência, portanto, é o "fabricante de imagens". Estais-me acompahando? Há clareza no que digo? Pois bem; a experiência é a base das imagens que faço sobre mim e acerca de minha esposa; e minha esposa faz a mesma coisa em relação a mim. Essa formação de imagens é obra da experiência. Mas, estar relacionado significa estar em relação com outro ente humano sem imagem alguma, e essa ausência da imagem significa ausência da experiência. A experiência consti-

tuiu, talhou a imagem que tenho de mim próprio e formou também a imagem que tenho de minha mulher e a que ela tem de mim. Estar verdadeiramente em relação com outros entes humanos significa não ter imagem nenhuma. Isto não é uma teoria; vede-o, assim como vedes este microfone, objetivamente, concretamente. Isto significa que qualquer coisa que minha mulher me diga num momento de cólera, ou de prazer, ou de ternura, não deve deixar resíduo nenhum, marca nenhuma, senão se tornará experiência. Estais percebendo? Se ela me diz uma coisa agradável, gosto de ouvi-la. É uma experiência que me é grata e que quero conservar. E essa experiência cria uma imagem de minha mulher, e cria também uma imagem de meu próprio deleite.

Agora, se minha esposa me diz uma coisa desagradável, isso também cria uma imagem. A questão, portanto, é esta: É-me possível, quando minha mulher me diz alguma coisa agradável, olhar esse fato tão completa e plenamente que ele não deixe experiência de espécie alguma? Estais seguindo? Viver dessa maneira exige muita atenção e percebimento, não importa se ela me insulta ou lisonjeia, se me importuna ou domina, ou se eu a domino. Dessa maneira, minha relação com ela é sempre pura, sempre nova; do contrário, não existe uma relação real, porém apenas relação entre duas imagens, portanto sem validade nenhuma. As imagens, nesse caso, são símbolos, e um estado de relação entre dois símbolos nada exprime. Mas é assim que nós vivemos, numa relação sem nenhum significado, desculpai-me dizê-lo tão brutalmente — sem nenhum amor. O amor é uma coisa sempre pura, sempre nova, juvenil, inocente.

INTERROGANTE: Se uma pessoa estabelece um alvo para si própria e se esforça por atingi-lo, como pode ela manter-se livre de condicionamento?

KRISHNAMURTI: Não sei por que precisais de alvos. Um alvo implica distância, uma certa coisa situada no futuro. Estabelece-se o alvo como uma finalidade, e a pessoa fica toda a vida a ajustar-se, a batalhar dentro de si, a fim de corresponder ao padrão. É o que se entende por "um alvo", não é verdade? Um fim, uma finalidade, um alvo, é uma coisa distante que para vós fixais; pode ser uma imagem, pode ser uma idéia, pode ser uma ideologia, mesmo nobre. Mas, em primeiro lugar, por que necessitais de alvos? Como vedes, não podeis responder.

INTERROGANTE: Temos necessidade de alvos?

KRISHNAMURTI: Boa pergunta. Nós necessitamos de alvos porque estamos condicionados, precisamos visar a alguma coisa. Por

que fazemos isso? Sei que nós estamos condicionados, mas por que necessitamos de alvos? Não podeis penetrar nisso um pouco mais profundamente?

INTERROGANTE: Visto que não somos perfeitos, fazemos da perfeição nosso alvo.

KRISHNAMURTI: Considerai isso, senhor. Vós tendes a imagem da perfeição, que vos diz que sois imperfeito, mas por que precisais de qualquer espécie de imagem? Sois imperfeito, e desejais mudar esse estado. Por que precisais de um alvo? "Eu sou imperfeito" — que significa isto? Encolerizo-me, sou brutal, sou invejoso, tenho medo. Por que desejo um alvo, a perfeição? Eis um fato: Eu tenho medo. Por que não sou capaz de libertar-me do medo? Mas nós queremos um ideal. A perfeição é uma mera fuga ao "imperfeito". Viver sem alvos significa viver com "o que é" e levar a efeito uma mudança radical em "o que é". Tal mudança não é possível se tendes um princípio, um escopo, uma imagem da perfeição. Isto é "romantismo", não tem nada de espiritual. Espiritual é ver o fato tal como é, e transformá-lo. Se sou violento devo tornar-me cônscio desse fato, conhecedor de sua natureza e estrutura, de seu porquê. E o próprio ato de vê-lo é seu imediato findar.

INTERROGANTE: Pode a mudança ser, em si, um alvo?

KRISHNAMURTI: Não, senhor. Vede, quando tendes uma dor de dentes, quereis pôr-lhe fim, não é verdade? Não tendes a idéia ou imagem do bem-estar perfeito, da total ausência da dor. Estais sentindo dor: este, e não o alvo, é o fator principal.

12 de setembro de 1968.

TRÊS QUESTÕES FUNDAMENTAIS

(3)

Uma das nossas grandes dificuldades resulta de nunca fazermos perguntas básicas. E, se as fazemos, contamos que outro a elas responda. Jamais encontramos por nós mesmos a completa solução de um problema. Mas talvez tenhamos tempo, nesta tarde, para pegar três ou quatro problemas e ver se somos capazes de resolvê-los diretamente, sem dependermos do orador nem de ninguém mais. Em geral aceitamos muito prontamente a autoridade, porque supomos ser esse o caminho mais fácil. Mas, observando-se bem, pode-se ver que a autoridade, nessas coisas, causa enorme confusão e contradição. Portanto, não há aqui nenhuma autoridade para dizer-nos o que devemos fazer ou como pensar a respeito de questões fundamentais. Tendemos a passá-las por alto ou não dar-lhes atenção, a não nos deixar preocupar muito por elas. Eu tentarei provocar as perguntas essenciais e nelas penetrar. A vós incumbe trabalhar tanto quanto o orador, examinar a fundo as questões, sem aceitar, nem momentaneamente, a autoridade deste orador.

Para mim, há em nossa vida três problemas fundamentais que, se pudéssemos resolver ou explorar, graças a essa própria exploração teríamos talvez a solução das confusões e aflições do mundo. Talvez então eles percam a enorme importância que agora lhes estamos dando. Estes três problemas são: que é viver, que é a morte, e que é a vida? Cabe-nos aprofundá-los e por nós mesmos resolvê-los, porquanto constituem um grande desafio a que de maneira nenhuma podemos furtar-nos. Temos de examiná-los com toda a seriedade. Neste exame deve prevalecer, antes de tudo, uma certa liberdade para explorar, investigar, porque, do contrário, não nos será possível ver ou descobrir onde se encontra a verdade. Não podemos ter teorias ou ideologias. Para descobrir a verdade relativa a essas questões necessitamos estar livres para olhar, observar e investigar. De outro modo, estaremos meramente percorrendo a senda da tradição,

da autoridade, da obediência, que, a nenhum respeito, resolveram os problemas de nossa vida.

Assim — que é viver? Que significa viver? Para descobrirmos o seu significado temos de examinar o que realmente é **viver.** Se dizemos que **viver** deve ser isto ou aquilo, trata-se então meramente de uma suposição, de uma teoria. Já, se pudéssemos olhar o que nossa vida é realmente, a vida que vivemos cada dia, entra ano sai ano, se pudéssemos vê-la tal como efetivamente é, estaríamos então em condições de enfrentá-la, de "atracar-nos" com ela. Mas, se dissermos "ela deve ser **assim**", ou pensarmos segundo certas condições, princípios ou ideologias, nesse caso estaremos desperdiçando o nosso tempo. Se, entretanto, pudermos olhar nossa vida tal como é e não como gostaríamos que fosse, talvez então ela possa ser fundamentalmente alterada. Observando o que ela é, pode-se ver que estamos no encalço do prazer. Para nós, o prazer é uma das coisas mais importantes da vida, uma coisa quase essencial. E é o prazer o que quase todos nós estamos buscando. Nossos valores morais, éticos, nossas leis interiores, baseiam-se todos neste princípio do prazer. E, quando há prazer, quando o estamos buscando como a mais alta forma de existência, haverá então, não só medo, mas também tristeza. Nossa vida está concentrada na busca do prazer (ela o está, hoje) e não estamos condenando este fato; estamos meramente a olhá-lo, a observá-lo, a investigar por que razão o homem busca incessantemente o prazer.

Que é o prazer? Esta pergunta deve ser respondida por cada um de nós, e devemos também descobrir por que buscamos o prazer, mas sem dizermos que não deveríamos buscá-lo ou que ele deve ser suprimido ou controlado. Que é o prazer? Por que devemos ou não devemos buscá-lo? Temos, pois, aí, três questões. Nossos valores estão baseados no prazer. E por que razão se tornou ele uma coisa tão urgente, tão imperiosa? Que é o prazer? (Existe o prazer físico, gozar boa saúde, o prazer sexual, o prazer de realizar algo importante, ter sucesso, ser famoso. Tende a bondade de observar-vos, e não ficar meramente a ouvir o orador. Observai como vossa mente invariavelmente se dirige ao prazer.) Aceitamo-lo como uma parte de nossa vida. Por que razão se tornou o prazer uma coisa de tão subida importância? A vida, como sabeis, é uma série de experiências. A todas as horas, estamos tendo experiências, e evitamos a que causa dor, ou a ela resistimos. E a experiência que nos causa prazer, essa nós buscamos tenazmente, ardorosamente. Que é o prazer? Como se origina ele? Vedes o poente e, ao vê-lo, sentis um grande deleite. Vós o experimentais, e essa experiência deixa uma "me-

mória". Foi uma experiência encantadora e aprazível o assistir àquele pôr-do-sol, por cima dos montes, com as nuvens todo iluminadas. Essa experiência deixa uma imagem de prazer; no dia seguinte, desejareis senti-lo de novo. Porém, não se trata apenas do prazer que se experimenta observando o entardecer, mas também do prazer que se experimenta sexualmente; quereis repeti-lo. Essa repetição se verifica, como se pode notar, quando o pensamento "pensa" naquele prazer. Assististes àquele ocaso e isso vos deu prazer; o pensamento "pensa" nesse prazer e lhe dá vitalidade, continuidade. O mesmo em relação ao sexo, o mesmo em relação a outras formas de prazer físico e psicológico. O pensamento "pensa" ou cria a imagem desses prazeres e nela continua a pensar, perseverantemente. E o pensamento também, como se pode observar, gera medo. Tenho medo do que irá acontecer amanhã, tenho medo de que sejam descobertas coisas que pratiquei há anos, de pensar no que acontecerá no futuro e no que aconteceu no passado — coisas de que não gosto, de que me envergonho; isso gera medo.

O pensamento, pois, cria e dá continuidade ao prazer e dá ainda continuidade ao temor. Este é um fato óbvio. O pensar, por conseguinte, gera o sofrimento, atrai o sofrimento, e também busca o prazer. Assim, a nossa vida — a que vivemos todos os dias, independentemente de teorias, independentemente das religiões a que pertencemos, das ideologias — nossa vida é uma luta constante entre estas duas coisas — o prazer e o medo. E nossa vida, conforme a observamos, está cheia de aflições, não só as causadas fisicamente pela dor, mas também as que são geradas psicologicamente, interiormente. Nossa vida, pois, tal como é, é batalha entre o prazer, o temor e o sofrimento. Psicologicamente, interiormente, nossa vida é um conflito, uma luta que se expressa exteriormente como sociedade. Nossa vida atual é constante contradição, dor e tristeza, com fortuitos clarões de alegria.

E assim, perguntamos — e espero também o pergunteis a vós mesmos — se essa vida, com seu ódio, seu ciúme, sua inveja, sua ambição e avidez, pode ter fim, se pode ser transformada numa vida diferente, de diferente dimensão. Pode um homem morrer para todo o passado? Porque — observando bem — vê-se que o prazer se encontra no passado ou no futuro. O momento de prazer é traduzido em função do passado ou do amanhã. Não sei se alguma vez observastes isso. E perguntamos a nós mesmos, seriamente, se podemos viver uma vida em que não haja conflito nenhum, nenhum conflito entre o prazer e o medo. Isso não significa que não haja prazer quando se vê uma coisa bela — o pôr-do-sol, uma nuvem, um belo rosto,

uma árvore ao luar. Há um grande deleite em ver tais coisas; tais experiências não podem ser negadas. Mas, o pensamento entra em cena e "diz": "Que beleza foi aquilo, quero-o de novo!" Por conseguinte, fica pensando naquele deleite, tal com fez em relação à dor e à tristeza.

A questão, pois, é se o pensamento, que dá continuidade à dor e ao prazer, pode cessar de nutrir o passado e o futuro como prazer, dor ou medo. Estou-me fazendo claro?

Perguntamos qual era a função do pensamento. O pensamento tem realidade, o pensamento deve funcionar? Em todo o campo tecnológico, em todas as invenções o pensamento é de imensa importância. Quanto mais claramente, lógica e equilibradamente pensamos, tanto maior se torna a importância do pensamento. Sem ele, não poderíamos achar o caminho de casa, não poderíamos ir ao nosso escritório; todo o saber científico acumulado acabaria se não exercêssemos o pensamento. Mas, tem o pensamento alguma outra função? Entendeis esta pergunta? Sei que tenho de pensar para vos dizer alguma coisa; para aprender uma língua tenho de pensar, de acumular vocábulos, regras de gramática, etc., a fim de servir-me do pensamento como meio de expressão. O pensamento é necessário. Mas, psicologicamente, interiormente, há lugar para o pensamento? Vede, por favor, que esta é uma questão muito séria. Por que deve o pensamento interferir ou dar continuidade a uma experiência deleitável? Vistes ontem aquele ocaso, uma coisa imponente — cores maravilhosas, vitalidade, beleza! Vistes — e isso basta. Mas, por que deve o pensamento ingerir-se, "pensar" nessa coisa e convertê-la num prazer que desejais se repita amanhã? Ao olhardes no dia seguinte o poente, vosso desejo é repetir o prazer da véspera e, portanto, não o estais olhando. O que olhais é a lembrança do crepúsculo, de ontem, que tanto vos deleitou. A mesma coisa, exatamente, se pode dizer em relação ao sexo, em relação a toda e qualquer forma de prazer.

E tem o pensamento, que gera medo e sofrimento, e também prazer, tem o pensamento alguma função interior, psicológica? O pensamento é indispensável às funções de nossa vida. Mas, interiormente, psicologicamente, o pensamento (que gera medo, sofrimento, e esta constante busca do prazer, que traz suas peculiares frustrações, desenganos, cólera, ciúme, inveja) não tem função alguma; não há lugar para ele, nesse nível, nessa dimensão. Bem desejável seria só exercermos o pensamento quando absolutamente necessário e, nas demais horas, tratarmos de olhar, de observar, de tal maneira que o pensamento, que é sempre velho e nos está agora impedindo

a real experiência do olhar, cessasse de funcionar e nos fosse possível viver a pleno aquele momento que é sempre "o agora".

Eis a questão que ora desejo considerar convosco: Que é a morte? Por que temos tanto medo de morrer? Todos tememos morrer. A ciência poderá inventar algum medicamento ou uma nova terapêutica que dê ao homem a possibilidade de prolongar sua lastimosa e desgraçada vida. Mas, no fim, lá estará sempre a morte. No presente, dela não se fala, porque todos lhe têm horror. E nós queremos descobrir a verdade acerca da morte, o fato relativo à morte; descobrir por que o pensamento criou essa imagem de medo. Vede a vossa vida, vida tão feia, confusa e contraditória, com suas guerras, destruições e ódio. Mesmo o homem dotado de grandes talentos e capacidades, que lhe proporcionam grande prazer, está sujeito a grandes dores. Tal é a nossa vida; a ela estamos ajustados. E o pensamento "diz" entre si: "Não sei o que é a morte; quero-a o mais longe possível de mim." Tendo horror ao desconhecido, inventa uma infinidade de teorias. Todo o mundo asiático crê na reencarnação, isto é, no renascer, com todas as complicadas teorias que essa idéia inspira. E o mundo cristão, por sua vez, tem seus próprios meios de fuga à realidade da morte. O medo à morte é criado pelo pensamento, porque o pensamento "diz": "Só conheço o passado, o conhecido, a vida cotidiana, as "memórias" ou lembranças de coisas, de prazeres e de dores. Só conheço o passado, o velho. Não sei o que acontecerá amanhã ou daqui a trinta anos. Por isso, mantenho o mais distanciada possível a idéia da morte." Por essa razão, o pensamento se fragmenta.

Assim, é possível descobrir o que significa, psicologicamente, morrer? O organismo físico, sujeito a constante desgaste, constante tensão, etc., a doenças, acidentes, velhice, inevitavelmente se deteriorará. E que coisa estranha, o medo que temos da velhice! Temo-lo, não é verdade? E, envelhecendo, como nos tornamos feios, e cobrimo-nos de jóias e adornamo-nos com fantásticos penteados, tentando aparentar juventude. Isso é muito triste, porque significa que nunca **vivemos**, não sabemos sequer o que é viver, e por isso a velhice nos aterra. É posível, pois, morrermos psicologicamente para tudo o que conhecemos? É isso o que acontecerá quando morrermos fisicamente. Deixaremos nossa família, nossas realizações e sabe Deus o que mais. Não se pode argumentar com a morte, pedir-lhe um adiamento da hora fatal. Podemos tentar fugir-lhe por meio do pensamento, dizendo: "viverei uma vida futura, ressuscitarei, serei isto ou aquilo". Isso são puras teorias, fantásticos conceitos psicológicos, sem nenhuma realidade.

Mas, é possível morrermos psicologicamente para todas as coisas conhecidas? Já tentastes fazê-lo, morrer para um prazer, morrer para uma determinada experiência que vos é muito cara, largá-la da mão, facilmente, alegremente, sem nenhuma luta? Isso, salvo se feito sem nenhum esforço, seria uma coisa mórbida, uma espécie de masoquismo. Mas, se o não fizerdes, não sabereis o que é viver. Olhai em que estado de confusão pusemos a vida: fragmentação, malevolência, inimizade, violência, etc. Mas se, interiormente, pudéssemos morrer para todo apego à família, à posição, às coisas realizadas, ficaríamos então livres do conhecido, que é sempre o passado, que se projeta e se torna futuro, mas continua a ser passado. Se pudermos morrer para o conhecido, saberemos então, talvez, o que significa viver. O viver se tornará uma coisa inteiramente nova; será então possível criar uma sociedade de nova espécie, diferente desta sociedade homicida, cheia de injustiça, de guerras e de imoralidade. Porque, morrendo para o conhecido, sabereis o que é o amor. O amor não é essa coisa que agora conhecemos — ciumenta, invejosa, desconfiada, integrante, sequiosa de prazer. Quando há o verdadeiro amor, o prazer é coisa inteiramente diferente. Mas, se pomos em primeiro lugar o prazer, o amor "foge pela janela". E, sem essa base do amor, sem se morrer a cada minuto para as coisas que se acumularam, não se pode viver uma vida virtuosa. É esta a base correta. Estamos, então, aptos a ingressar numa dimensão bem diversa. A meditação tem então um significado todo diferente. Porque meditação não é nenhuma dessas fantasias de que se fala; meditação é esvaziar a mente do conhecido, para que ela seja nova, pura, inocente, viva; livre das malhas do conhecido, mas servindo-se do conhecido como instrumento, e não por o considerar importante. Então, nesse vazio, a verdade tem um significado completamente novo — não é um produto da mente, do intelecto. Agora, já que é limitado o nosso tempo, podemos conversar sobre o que acabamos de dizer; ou, se desejardes, podeis fazer perguntas sobre outros assuntos.

INTERROGANTE: Temo a morte porque amo a vida.

KRISHNAMURTI: "Temo a morte porque amo a vida." Comentemos essa asserção. Amais a vida? Deveras? Há o soldado que luta no Vietnã, e na Tcheco-Eslováquia os tchecos estão sendo oprimidos, privados da liberdade. O homem que se acha no campo de batalha pode ser morto a qualquer momento. E os que, como vós, têm de freqüentar um escritório todos os dias, durante trinta, quarenta anos — quanto tédio têm de suportar! Esta vida de conflito e aflição, é isso que amais? Amar essa medonha desordem que estamos causando!

Não digais que não há desordem; tendes porventura uma residência confortável, dinheiro em abundância, ou estais a lutar por um emprego, a competir, a pelejar, a invejar — é a isso que chamais amor? Se amásseis a vida, seríeis capaz de odiar alguém, seríeis capaz de destruir outra vida? Ora, por certo, quando dizemos "amo a vida", nós mesmos, que o dizemos, somos essa mixórdia de prazer, dor e sofrimento que chamamos "a vida". É isso o que ela é.

Oxalá pudesse a mente libertar-se de tudo isso, ficar livre, vazia do conhecido! Em geral tememos estar sós; queremos viver rodeados de gente; temos medo de andar sós, de ser nós mesmos, de estar em íntima solidão — porque poderíamos ver-nos tais como somos e nos assustarmos. Por isso nos cercamos de coisas tais como televisão, telefone, e sabe Deus o que mais — de deuses, de escrituras, de livros, de conhecimentos de uma multidão de coisas realmente sem nenhuma importância. E é a isso que chamamos vida, a isso que estamos apegados.

Temos naturalmente medo da morte, não porque amamos, mas porque têm de acabar nossas insignificantes ambições, nossas atividades e divertimentos. E esse é o lado triste de nossa existência — o enorme medo que sentimos. Por causa desse medo, inventamos atraentes teorias, porque jamais consideramos que viver significa morrer. Viver plena e completamente equivale a morrer para todos esses absurdos.

INTERROGANTE: Pode-se justificar o medo?

KRISHNAMURTI: Não entendo bem esta pergunta. Os ouvintes a entendem? Estais dizendo que a autoproteção, no plano físico, é necessária? Uma pessoa não se joga sob as rodas de um ônibus, a não ser que seja um tanto "excêntrica". Pode-se justificar o medo? Não sei que necessidade há de justificá-lo. Se fiz uma certa coisa e não desejo que alguém o saiba, há medo. Não desejo que saibais que anteriormente cometi alguma grande asneira ou pratiquei algum ato vergonhoso. Ora, se o souberdes, que importa isso? Por que devo ter medo do que pensais? É porque tenho uma imagem de mim mesmo, uma imagem virtuosa, muito nobre, uma imagem própria maravilhosa. E não desejo que outro saiba que essa imagem não é tal como eu penso que ela é.

Perguntar é relativamente fácil. Mas, formular corretamente uma pergunta é sobremodo difícil. Entretanto, isso não significa que desejo impedir-vos de interrogar-me. Só podeis fazer uma pergunta correta após investigardes estas relevantes questões, ou seja depois de tê-las examinado com inteira atenção. Então, fazendo a pergunta

correta, tereis a exata resposta, e nem mesmo é necessário apresentá-la. Mas, todos nós devemos fazer perguntas, não só a respeito do governo, das relações conjugais, etc., mas também perguntas de vital significação, como, por exemplo "Que são relações"? Já alguma vez a fizestes? Eu a faço agora. Que são relações, não só com vossa esposa ou marido, mas também com vosso próximo, com a sociedade? Que são relações? Vamos examinar esta questão? Desejais fazê-lo? Tendes certeza de que isso não causará muita perturbação? Causará, sim senhor, e vou prová-lo neste minuto.

Que são relações? Qual a relação entre as estrelas e vós? Não estou aludindo a coisa de astrologia; refiro-me às estrelas, simplesmente. Qual a relação entre vós e a nuvem que vedes por uma bela tarde, toda cheia de luz? Qual a relação entre vós e vossa esposa, e vosso próximo? Relacionai-vos com vossa esposa? Entre aquela nuvem e vós há uma relação, porque já vistes muitas nuvens e tendes a memória delas, a palavra. Mas, quando dizeis "esta é minha mulher", "este é meu marido" — qual a relação existente com ela ou ele? Vós tendes uma imagem de vossa esposa, e ela tem uma imagem de vós. O marido formou, no decurso de anos, uma imagem da esposa — com as respectivas associações de prazer, sexo, conforto, aborrecimentos, avidez, importunações, etc. Há relação entre as duas imagens, a que tendes de vossa esposa, e a que ela tem de vós. A relação é entre essas duas imagens. Eis o que chamais relações. Esse relacionamento gera ansiedade, temor, ciúme, medo da solidão, medo de perder o companheiro. Assim, consolidamos legalmente esse estado de relação, e ele se torna altamente respeitável. E, ao olhardes uma nuvem, uma árvore, uma linda flor, as olhais com as imagens que tendes da flor, da nuvem, da árvore.

Pois bem; estamos realmente em relação uns com os outros? Estar em relação significa estar em contato. Podeis estar em contato sexualmente, fisicamente, mas isso não constitui um estado de relação. Estamos falando de relações nas quais não haja imagens entre vós e outrem. Não sei se alguma vez experimentastes tal coisa. Experimentai-a. Ficai sem nenhuma imagem de vossa esposa, de vosso marido, de vosso vizinho, de outro qualquer; sem a imagem, o símbolo, a memória de ontem, do que vossa esposa vos disse, do que a ela dissestes, de suas importunações, etc., etc. Tiradas todas essas coisas, há possibilidade de relações corretas. Porque, em tal estado de relação, tudo é novo; as relações já nada têm com o passado morto.

INTERROGANTE: Que se sente após a morte?

KRISHNAMURTI: O interrogante deseja saber qual é a minha idéia, minha opinião, o que eu penso que acontece ao morrermos. Não é isto? Desconfio que não acompanhastes o que estive dizendo. Senhor, por não sabermos o que é viver, queremos saber o que é morrer e o que acontece depois da morte. Nós não sabemos viver. Quando soubermos viver, saberemos morrer. Porque, então, viver é morrer, e de outra maneira não se pode viver. Sentir é, com efeito, um fato real. Sentir cólera, sentir intensamente, é uma coisa efetiva, presente. Mas, que acontece? Encolerizo-me, há um estado a que chamo "cólera". Prestai atenção a isto, por favor: a própria palavra "cólera" relaciona-se com o passado; reconheceis esse estado como de "cólera" e lhe dais esse nome, porque já o experimentastes antes. Assim, ao lhe chamardes "cólera", o estais olhando com a memória de outras ocasiões de ira. Podeis olhar o momentâneo sentimento sem o classificar, sem denominá-lo? Que acontece após a morte? — eis a pergunta. Podemos nutrir opiniões, dizer "isto é o que eu penso, isso é o que pensais". De um lado, temos a opinião intelectual, racional, materialista: "A morte é o fim; quando morremos, morremos." E, a outro lado, temos os chamados espiritualistas com suas idéias, opiniões, crenças. Mas, nem o materialista que diz: "Vive-se a vida e quando a gente morre, morre; está tudo acabado", nem aquele que diz: "Há uma coisa maravilhosa após a morte" — nem um nem outro está dando a verdade, porém meras opiniões. Nesta matéria, para descobrir a verdade não deveis pertencer nem aos crentes, nem aos "explicadores" puramente intelectuais, racionalistas; a mente deve ser muito mais sutil, muito mais sensível, para descobrir a realidade. E, descobrindo-a, sabe o que significa viver, porque morre todos os dias.

INTERROGANTE: Que valor têm para vós as ciências sociais e a compreensão do homem?

KRISHNAMURTI: Se tendes o laboratório, inteirinho, dentro de vós mesmo, por que quereis "estudar o homem"? Estudai-vos, o ente humano total, toda a complexidade, e beleza, e sensibilidade em vós existentes. Por que desejais estudar o que outro diz a respeito do homem? Resumis a humanidade. E, em relação com outrem, constituís a sociedade. Criastes este mundo terrível, medonho, que tão insignificativo se tornou que em toda parte a juventude se está revoltando contra ele. Para mim, é uma vida tão sem significação, esta! A sociedade que o homem criou é o produto de suas exigências, de seus impulsos, de seus instintos, ambições, avidez, inveja. Pensais que, lendo os livros escritos sobre o homem, mergulhando em estudos sociais, vos compreendereis? Não seria muito mais simples come-

çardes em vós mesmo? Olhai-vos, sem condenação ou justificação; olhai, observai, simplesmente, vossa maneira de falar, de argumentar, de discutir; observai todos os vossos preconceitos e ambições. Olhai tudo isso com simplicidade. Em vosso interior tendes toda a história humana, e, se primeiramente não vos conhecerdes, não tereis nenhuma possibilidade de criar uma nova ordem social. Não vos estou "proibindo" de estudar a sociedade e o que outros escreveram sobre o homem, etc. Eu, pessoalmente, nunca estudei nada disso, pois a coisa está, toda inteira, dentro de nós. Olhai-vos, senhor, e muito aprendereis.

INTERROGANTE: Os entes humanos são iguais?

KRISHNAMURTI: Nós somos iguais? Vós sois muito talentoso, e eu não sou. Sois um ente sensível, fora do comum. Sabeis pensar claramente, recionalmente, com beleza; e eu sou preconceituoso, cheio de idiossincrasias, temperamental, o que me são empecilhos. Tendes um emprego melhor, um maior carro, uma casa mais bela. Vosso cérebro é mais poderoso. Existe igualdade? Poderá haver iguais oportunidades. Mas, por que comparamos, por que digo, de mim para mim: "Sois mais inteligente do que eu" — Por quê? Por que vos invejo? Devido à comparação? Obviamente, somos condicionados para comparar desde crianças, na escola, nos negócios, na igreja, onde existe o sistema hierárquico, a escala que vai do humilde vigário ao Papa, etc., mas, por que é que vivemos sempre a comparar? Pode a mente deixar de comparar? Então, sim, haveria uma possibilidade de igualdade; mas, não como somos agora.

INTERROGANTE: Dissestes que viver é morrer: mas que acontece à alma após a morte?

KRISHNAMURTI: Primeiro: viver é morrer. Consideremos isto. Estou vivendo se vivo sempre no passado? Quando o passado está sempre presente, com suas memórias, suas lembranças — isso é viver? Ou, ao viver no futuro, ao pensar no que eu "deveria ser", no que devo "vir a ser", na posição que terei, ou no poder maior que tive antes, ou terei posteriormente — estou na realidade vivendo? Só estou vivendo quando estou morrendo para o passado e para o futuro. Tenho então a possibilidade de viver completamente no presente, quer dizer, de viver na eternidade. E, se vivo na eternidade, existe morte? Temos esta divisão de alma e espírito, e há o mundo comunista, educado com ideologias diferentes, diversamente condicionado; lá, não se crê em espírito e corpo, ou em espírito e alma. Vós credes porque

para isso fostes preparados. Existe alma? Prestai, por favor, atenção; não digais que isto é absurdo: olhai-o, examinai-o! "Alma" — que significa isto? Uma coisa permanente, a que algo se pode acrescentar ou tirar, mas de natureza perdurável? Existe, como dizem os hinduístas e demais asiáticos, "Atman"? No Oriente, todos estão condicionados por esta palavra, e aqui vos condiciona a palavra "alma". Cumpre-nos examinar esta matéria com atenção, sem medo, indagando, descobrindo a verdade respectiva — e isso significa ser livre de condicionamento, capaz de olhar. Existe em vós um estado contínuo, uma entidade permanente chamada "alma", "espírito"? Existe alguma coisa permanente? Ou o pensamento é que dá permanência a uma certa coisa? Vós dais continuidade ao passado com o pensardes nele — o passado, ou vossa esposa, vosso marido, vossa casa, qualquer coisa. E essa coisa se torna permanente. O pensamento é capaz de perpetuar as coisas. Não sei se alguma vez já tivestes a idéia de colocar sobre vossa lareira um pedaço de pau e diante dele depositar todos os dias uma flor. Experimentai fazê-lo, por uns dias, fazê-lo com muita devoção, muito respeito àquele pedaço de pau, para verdes como ele se torna de imensa importância. Assim também nossos deuses, nossas almas, se a seu respeito pensamos. Vivemos no meio de gente cheia de alma e de espírito. Os hinduístas, com seu "Atman", são verdadeiros materialistas, porque endeusaram o pensamento, que é sempre velho, nunca novo; o pensamento é a reação da memória, e "memória" são as cinzas frias de ontem.

Quando pudermos olhar, sem separação, a alma, o espírito, o "Atman", poderemos então olhar o todo da vida sem fragmentá-lo, sem secioná-lo. Vereis então que há uma beleza que transcende o tempo e o pensamento.

INTERROGANTE: Tenho razão em dizer que a vida é eterna, que a morte não existe?

KRISHNAMURTI: A morte não existe? Vós morrereis, um belo dia. Podeis esperar que isso não aconteça, mas todos nós temos de morrer. E dizeis que a morte não existe! No Vietnã, há gente que está sendo morta. Dizem eles que a morte não existe? Quando morre meu filho, meu irmão, minha irmã, digo então que a vida é eterna? A vida, esta vida? A vida que consiste em freqüentar um escritório todos os dias? Luta, preconceito, ódio, inveja, agonia, sofrimento — desejais que isso seja eterno? Nós só conhecemos essas coisas — a não ser que para todas elas morramos, não teoricamente, mas realmente ponhamos fim a uma determinada ambição,

à nossa avidez, inveja, preconceito ou opinião. Se o fizerdes, podereis ir muito longe, vossa mente poderá viajar infinitamente. Mas, vivermos a vida que estamos vivendo, e chamá-la eterna, isso só nos levará à divisão, à hipocrisia, a um estado de irrealidade.

INTERROGANTE: O homem sabe que tem de morrer; por que então não pôr logo fim a "isto", soltar-se da sociedade?

KRISHNAMURTI: Quereis dizer que, como terei de morrer daqui a uns dez ou quinze anos, tanto faz que eu me suicide agora mesmo? E, posso soltar-me da sociedade? Vós podeis? Sabeis o que significa estar fora da sociedade? Significa não ter nenhuma função, nenhuma posição na sociedade, negar completamente a moral social com seus ódios e invejas; negar a sociedade e ficar fora dela significa não odiar, não ter preconceitos. Então, sim, poderemos estar fora da sociedade, dela estaremos livres. Sois capaz disso? Senhor, morrer para o passado não significa suicidar-se. Se morrerdes para vossas futilidades, vossa brutalidade e arrogância, vosso orgulho e violência, se isso fizerdes, estareis imediatamente fora da sociedade, psicologicamente, interiormente, ainda que continueis a usar gravatas e calças e a freqüentar um escritório para ganhar dinheiro. Fazendo-o, já não pertencereis a essa estrutura.

INTERROGANTE: Conheço os efeitos do passado, mas continuo do mesmo modo.

KRISHNAMURTI: Sim? Conheceis o passado? Sabeis o que nele está implicado? Vós — não vossa pessoa, minha senhora, estou falando impessoalmente — vós sois casada, tendes um marido, sobre ele tendes uma imagem, e ele a tem a respeito de vós; podeis quebrar essa imagem, extingui-la imediatamente? Não o podeis, pois estais apegada a essa imagem; ficaríeis inteiramente transtornada se não tivésseis imagem de espécie alguma. Tendes a lembrança de um certo prazer, e essa lembrança vos acompanha pela vida, e vós sois ela, fazeis parte dela. E, assim, perguntais por que razão, embora saibais que o passado, em parte, é estúpido, continuais com ele, continuais a conservá-lo. É por temerdes abandonar uma certa coisa, por temerdes ficar só, porque sois apenas a memória do que fostes. Atentai para isto: o que agora sois é a soma de vossas "memórias", e sem essas memórias não existis. Que sois vós? Não sei se alguma vez já vos olhastes. Se o fizestes, tereis visto que sois um feixe de recordações do passado, ou do que esperais ser no futuro, dele projetado. Nada mais sois. Desculpai-me o dizê-lo tão francamente. Mas, se simplesmente afirmais que não morrereis ou que morrereis

ou ainda que alijareis o passado e o futuro, em que ficais? Eis a verdadeira questão. Deste modo, que sois na realidade? Para o descobrirdes, tendes de **efetivamente** morrer para o passado e para o futuro. Então, por vós mesma o descobrireis, naquela região onde não impera o pensamento, naquele estado mental que é constantemente novo.

17 de setembro de 1968

PALESTRAS E DEBATES EM MORCELO PORTO RICO

A COMPREENSÃO NÃO É UM PROCESSO MENTAL

(1)

Não sei se olhastes para aqueles morros, pontilhados de vivendas e de aspecto tranqüilo e belo. E aqui viestes com o desejo de ser ensinados, de ouvir discursos, de ser instruídos, doutrinados em certas idéias. Esperais ser persuadidos e devo dizer-vos que nada vou fazer nesse sentido. Antes da reunião, estáveis aqui sentados, numa quietude bem fora do natural; alguém deve ter-vos dito "Mantende-vos quietos, em silêncio, esta é uma reunião séria", e imediatamente vos aquietastes. Antes, da casa em que estou hospedado, estive ouvindo o barulho que então se fazia e, depois daquela ordem, subitamente silenciastes. Isso é terrível! Precisais que vos digam o que deveis fazer. Se fôsseis pessoas verdadeiramente sérias, haveríeis de ficar quietos, por alguns momentos, sem necessidade de alguém vos dizer que deveis ficar sossegados, sem aplaudir, sem fazer isto ou aquilo. Quando somos naturais e refletidos, instintivamente nos aquietamos diante daqueles montes, daquelas formosas nuvens, daquele céu azul. Assim, não vos deixeis persuadir, não vos limiteis a ouvir discursos, não desejeis ser doutrinados numa nova ordem de idéias. Em vez disso, conversemos sobre nossos assuntos como se fôssemos dois amigos que se encontram para examinar a fundo os numerosos problemas humanos; dois amigos que não pretendem convencer um ao outro acerca de determinado ponto de vista, ou qualquer deles persuadir o outro de que só ele tem razão. Deve isto ficar claro: que sois livres para examinar, livres para dizerdes o que vos aprouver, livres, não só para observar os montes e as nuvens e o céu azul, mas também para olhardes a vós mesmos com honestidade. Do contrário, sois hipócritas, pensando uma coisa e sentindo outra, pondo uma máscara de silêncio ou de seriedade, ou afetando coisas que não sentis absolutamente.

Desejo examinar certos problemas e, se vos aprouver, poderemos explorá-los juntos, ver não só a beleza de cada problema, mas tam-

bém sua complexidade e, se possível, resolvê-lo. É para isso que estamos aqui reunidos. Antes de mais nada, permiti-me dizer-vos: nós nos deixamos persuadir muito facilmente; facilmente obedecemos e nos ajustamos. Este é um dos nossos condicionamentos, imposto pela sociedade, pelas sanções religiosas e inibições sociais de toda ordem; somos incapazes de, por nós próprios, conhecer nossos problemas, os verdadeiros sentimentos ou o grau de clareza de nosso pensar; e, dessarte, tornar-nos cônscios de nós mesmos, daquilo que somos realmente e não o que outros nos dizem, nem o que nos forçaram a pensar a sociedade e as igrejas, em todas as partes do mundo; despojar-nos de tudo isso, retirar todas as máscaras e capas com que nos cobriram; fazer-nos autoconscientes, tais como somos — eis um dos nossos problemas.

Sabeis o que entendo por "cônscio"? Esta é uma palavra muito simples e comum, que significa "estar consciente, ver, observar" tudo o que existe fora de nós, as folhas agitadas pelo vento, os montes, suas formas, aquelas casas ostentosas, as estradas, que são como cicatrizes a enfear os montes; observar, simplesmente as coisas exteriores. Fazei-o, à medida que formos prosseguindo. Ver as cores, as formas das nuvens, aqueles ciprestes, a cor de sua folhagem, e aquelas borboletas azuis e amarelas. Tudo observar: as pessoas sentadas ao nosso lado, seus casacos, os vestidos e adornos das senhoras, as cores, e vossas reações. Observar o exterior, perceber as coisas externas e, em seguida, se possível, vossas próprias reações — por que gostais disto e não gostais daquilo, por que vos agrada uma determinada cor ou determinado morro e os contornos daqueles montes; observar as próprias reações e descobrir por que as tendes; observá-las, apenas, sem dizer: "Isto é certo ou errado"; observar simplesmente as vossas reações. Isso não é difícil, porque, ao olhardes a árvore ou os morros, deles podeis ficar conscientes sem nenhum julgamento, porquanto não vos atingem pessoal e profundamente. Mas, olhar e observar a vós mesmos e as reações que tendes, isso já é muito pessoal, subjetivo, íntimo, e por essa razão sois incapazes de olhar-vos com objetividade.

Este é um dos nossos problemas: olhar o mundo exterior, os políticos, seus absurdos, suas inanidades, suas promessas, suas ambições pessoais. Observar todas as coisas que vos circundam e depois tornar-vos cônscios de vossas reações, sem julgamento, o que é bastante difícil. Porque, ao olhardes para qualquer coisa, ao olhardes para uma daquelas árvores, instintivamente lhe dais um nome, não é verdade? Dizeis: "Esta árvore é um cipreste, aquela uma laranjeira, aquela outra uma bananeira." O próprio ato de denominar os objetos

que vedes vos impede de observá-los. Olhar, observar — fazei isto, por favor, enquanto falamos; talvez até o acheis divertido.

Quando dais nome a uma coisa, a própria palavra atua como uma distração da observação. Empregando a palavra "cipreste", estais olhando a árvore através da palavra; portanto, não olhais realmente a árvore. Estais a olhá-la através da imagem que formastes, e essa imagem vos impede de olhar. Do mesmo modo, se procurardes olhar-vos sem nenhuma imagem, isso vos parecerá muito estranho e profundamente perturbador. Olhai para vós mesmos ao sentirdes cólera, ao sentirdes ciúme; olhai para o sentimento sem lhe dar nome, sem o colocardes numa certa categoria. Porque, quando o classificais ou denominais, estais olhando para o estado presente, o sentimento presente, através da memória, do passado (não sei se me estais seguindo); não estais olhando realmente o sentimento; olhais através da memória, acumulada noutras ocasiões em que se apresentaram sentimentos análogos.

Assim, como vemos, nunca estamos em contato com a árvore ou com nós mesmos. Está bem claro? Isto é importante, como vereis mais adiante com suficiente penetração. A palavra, que é o símbolo, a descrição, não é a coisa descrita. A palavra "árvore" não é a árvore real e, se nos deixamos enredar na palavra, esta nos impede o íntimo contato com a árvore. E se, ao nos contemplarmos (se alguma vez o fazemos), dizemos: "Isto é certo ou errado, tenho o direito de sentir ciúme ou inveja" — tais alegações obstam ao direto contato com o sentimento, resultando daí a separação entre o observador e a coisa observada. Compreendeis? Quando tal acontece, há conflito, não é verdade? Encolerizo-me; a palavra "cólera" já é uma palavra condenatória e, deste modo, quando digo "sinto cólera", já me separei do sentimento a que dei esse nome. E, por causa dessa divisão, surgem outras complicações. Vou explicar-vos melhor. Dizendo estou irado, **exteriorizei** a minha ira; portanto, há separação entre o observador e a coisa observada. Em virtude dessa separação, condeno a ira. No estado de separação há condenação ou justificação e, por conseguinte, conflito; tentais reprimir ou justificar a ira, o rancor. Conseqüentemente, a causa do conflito existente na mente humana é essa divisão entre o observador e a coisa observada.

E enquanto existe conflito, luta de qualquer espécie, há deformação mental.

Eliminar a deformação ou falta de clareza e, por conseguinte, o conflito — libertar-se do conflito é não deixar haver nenhuma separação entre o observador e a coisa observada. Desse modo, a mente

é capaz de olhar as coisas sem nenhuma distância de tempo. Isto vos parece "grego"? Quando, referindo-nos a alguém, chamamo-lo comunista ou russo, ou, falando sobre o que os russos fizeram na Tcheco-Eslováquia, nos irritamos com esse fato ou o justificamos; se nós somos o observador e o russo a coisa observada, então a nossa ideologia pessoal e a dele impedem-nos de olhar um para o outro sem separação.

Há muita gente que toma L.S.D. Eu nunca tomei essa droga, por sentir que isso seria imaturo e infantil. Mas, falando com várias pessoas que já o fizeram, verifiquei que o que ocorre é exatamente isto: desaparece o espaço entre o observador e a coisa observada; daí vê-se a árvore com espantosa clareza, as cores como nunca foram vistas; "quimicamente", a pessoa está a mover-se numa diferente dimensão. E eis por que essa droga se tornou tão popular! Proporciona uma impetuosidade, um sentimento de extraordinária vitalidade, maior observação; o que se vê é muito mais vivo, bem mais intenso, as cores são incríveis. Por não haver conflito, não há separação, a percepção é imediata. Analogamente, ao sermos capazes de olharmos com clareza e sem haver separação entre o observador, o pensador e os pensamentos observados, vemos então o que realmente é, e, nesse estado, todo conflito desaparece.

Se pudesse perceber isso, cada um descobriria por si próprio que a compreensão não é um processo mental, uma asserção intelectual, verbal.

INTERROGANTE: Podeis identificar-vos com a árvore? Podeis identificar-vos, subjetivamente, com a cólera, etc.?

KRISHNAMURTI: Que se entende pela palavra "identificar"? — Identificar-me com uma coisa; identificar-me com a Índia, com os sucessos que lá se observam, com a pobreza, a corrupção, o medonho estado em que se acha aquele infeliz país; identificar-me com a Índia, tal como vós vos identificais com esta nação, com o cristianismo ou com o que quer que seja? Por que queremos, antes de tudo, identificar-nos com alguma coisa? Muito importa considerar isto. Por que queremos identificar-nos com "minha esposa", "minha pátria", "meu Deus", com o que quer que seja? Por quê?

Em primeiro lugar, por que desejo identificar-me com alguma coisa? Se não me identifico com meu país, que sucede? Fico um tanto desorientado, não? Sinto-me só, sinto-me como um forasteiro, tenho um certo medo, vejo-me desprezado, posso perder meu emprego. Por conseguinte, identifico-me com meu país; isso me dá uma determinada vitalidade, alguns meios de resistência e sinto-me integrado no reba-

nho. Estar só é bem difícil, porque atrai muitos problemas. Pois bem; esse é o processo de identificação com uma coisa externa, o qual, na realidade, é a ação interna de identificar-me com uma coisa a fim de ter segurança. Essa segurança proporciona uma certa satisfação.

Pois bem; quando observo aquela árvore, isto é, identificação com a árvore? Eu não sou a árvore, é claro; isso seria o cúmulo do absurdo. Eu não sou aquele porco que vai ali. Observo, olho, o espaço entre o observador e a coisa observada desaparece e vejo a coisa muito mais intimamente, vejo-a melhor, com mais energia, vitalidade, intensidade. Isto não significa que estou identificado com ela.

INTERROGANTE: Há graus de percebimento?

KRISHNAMURTI: Não. Ou estais cônscio da árvore, ou não estais. Damos a esta palavra um extraordinário significado. Eu estou cônscio daquela árvore. Ela está ali, e eu aqui. Dela só estou consciente quando lhe dou atenção. Mas, posso olhá-la indiferentemente e continuar meu caminho. Sejamos bem simples a este respeito. Observo o político com suas promessas, sua vaidade e ambição, sua ânsia de poder; ele não crê em absolutamente nada do que está dizendo; está todo interessado em si mesmo. Observo-o e vejo o que ele é. Se desejo ser como ele, político, nesse caso me identifico com ele. Como, no fundo, quase todos nós somos políticos, é muito fácil a identificação. Mas, se vejo todos os seus absurdos e artifícios e as inanidades que diz, nesse caso não estou em relação com ele.

INTERROGANTE: A gente torna-se o objeto?

KRISHNAMURTI: Não. A gente não se torna objeto. Santo Deus! Pensai nisso!

INTERROGANTE: ...o observador e a coisa observada são uma só entidade.[1]

KRISHNAMURTI: Não, senhor, eu não disse que o observador e a coisa observada são uma só entidade. O que eu disse foi que, quando desaparece o espaço entre o observador e a coisa observada, torna-se existente uma dimensão completamente diferente. Eu não posso converter-me em árvore. Como ente inteligente, não posso tornar-me aquela árvore. Este é, com efeito, um assunto difícil, senhor, e tendes toda a razão em persistir nessa pergunta, porque, em verdade, nós não experimentamos ou adquirimos o sentimento de que o observador e a coisa observada são uma só entidade.

---

(1) Omitida, por inaudível, a primeira parte da asserção do interrogante. (N. do T.)

INTERROGANTE: Quando não justifico ou condeno, o espaço desaparece.

KRISHNAMURTI: Digamos isso de outra maneira, senhor; talvez então possais ver mais distintamente, mais intimamente. Se uma pessoa é casada, identifica-se com sua mulher ou seu marido; e, então, que acontece? Quando vos identificais com vossa esposa, ficais sendo ela?

INTERROGANTE: ...a gente se torna escravo dela.

KRISHNAMURTI: Eu não sei; desta matéria, vós sabeis mais do que eu. Prestai atenção; não digais: "Tornar-me-ei seu escravo, ela me domina, ela é isto ou aquilo." Observai, primeiramente. Por que me identifico com minha esposa ou com meu marido? Que significa isso?

INTERROGANTE: Necessidade de segurança, ou de prazer.

KRISHNAMURTI: Considerai isso, diretamente, por um minuto. Examinai-o vós mesmo. Quando digo de mim para mim: "Esta é minha casa", identifiquei-me com a casa. Ela é minha casa; possuo-a legalmente. Mas, por que essa insistência em identificar-me com ela? Ao mencionar "Aquela é minha casa", a casa é mais importante do que eu. Os móveis nela existentes são meus móveis. Esses móveis também representam mais do que eu. Assim, as coisas possuídas importam mais que o possuidor. Eis o que somos.

Ao dizer este é "meu cavalo", o homem que o monta significa menos que o próprio cavalo, tanto em tamanho como em dignidade. Não sei se já observastes isso; provavelmente já o fizestes.

Deste modo, a questão é que ao me identificar com minha mulher, ou com minha casa, eu o faço porque... não, não o digo; dizei-me, vós mesmo, por que eu o faço?

INTERROGANTE: Parecemos mais importantes.

KRISHNAMURTI: Não, não. Investigai um pouco mais. Acabo de dizer que, se possuímos uma coisa — e isso é uma forma de identificação — a coisa que possuímos se torna bem mais relevante do que nós. Não? Dizei-me então o que pensais — eu posso estar enganado, minha senhora. Ao me identificar com a bondade dele ou dela, essa identificação é o reconhecimento de minha própria falta de bondade e de meu desejo de possuí-la. É isso? Então, por que razão não me identifico com ela quando ela me aborrece? Vós vos identificais com aquilo que chamais "bom", mas não vos identificais com o que chamais "mau".

INTERROGANTE: Procuro fixar aquele sentimento...

KRISHNAMURTI: Vede, senhor, tudo isso implica falta de liberdade, não achais? "Minha família", "minha casa", "minha pátria", "meu Deus", "minha crença". Evidentemente, a identificação com qualquer coisa é uma condição de prisioneiro: não dá liberdade para olhar. Quando o russo se identifica com seu Governo, ele não pode, de modo nenhum, ver o que o seu Governo está fazendo na Tcheco-Eslováquia. E, identificando-me com minha mulher, não posso ver o que ela é. E isso significa que não sou livre. Não quer isso dizer "não estar livre **dela**", mas sim, que não existe em mim um estado de liberdade.

INTERROGANTE: (Inaudível).

KRISHNAMURTI: Naturalmente, senhor, isso está implícito. Por aí se vê que só em liberdade podemos olhar.

INTERROGANTE: Qual é então a realidade do tempo e do espaço?

KRISHNAMURTI: Dizem alguns filósofos que isso (tempo e espaço) é coisa da mente. Talvez possamos considerar este assunto quando acabarmos de examinar a questão do observar.

INTERROGANTE: Que é que nos impede de ter essa liberdade?

KRISHNAMURTI: Nada, a não ser vós mesmo.

INTERROGANTE: ...chamar as coisas pelos seus nomes...

KRISHNAMURTI: Exatamente, senhor. Há uma reação automática às coisas quando as chamamos pelos nomes. Como se pode impedir isso? Não se pode impedir. Tendes de perceber quando estais condicionado, ao vos encontrardes com um negro ou um homem de faces rosadas. A reação, qualquer que ela seja, é imediata, porque vossa cultura, vossa educação, vos condiciona profundamente. Na Índia, esse condicionamento não existe, como aqui, só há dois mil anos, mas há uns dez mil anos. É um tremendo condicionamento, velho de muitos séculos. Libertar-se dele não é questão de tempo; podemos cortá-lo. Vendo quanto ele é absurdo, acabamos com ele.

INTERROGANTE: Podemos examinar aqui a questão do tempo? (1)

KRISHNAMURTI: A pergunta é esta: Podemos cortá-lo imediatamente, mas isso dura? Pois bem; vamos examinar esta questão do tempo, que há pouco suscitastes? — a questão do tempo e do espaço? Ora, diz o interrogante, eu posso ficar livre imediatamente, mas isso dura? "Duração" é tempo. O tempo é duração, não? Isto é, posso

---

(1) Omitida a parte citada por Krishnamurti: "Podemos cortá-lo imediatamente, mas isso dura? (N. do T.)

ficar imediatamente sem cólera, mas esse estado não dura: posso tornar a encolerizar-me daqui a um minuto. Temos, pois, de averiguar o que é o tempo; não o que dele dizem os filósofos — porque eu não sei o que eles dizem; não leio livros de espécie alguma, graças a Deus. Vejamos o que é o tempo. Que é tempo? Há o tempo medido pelo relógio, o tempo cronológico, o tempo de que precisamos para ir daqui a uma certa casa; o tempo implica o espaço que tenho de transpor daqui a vossa casa. A casa é um objeto fixo. Escutai-me atentamente, por favor: A casa é um objeto fixo, e o tempo necessário para transpor aquela distância é mensurável. Temos, pois, aqui, o tempo medido pelo relógio. Isto é claro. O tempo como ontem, hoje e amanhã, isso também faz parte do tempo cronológico. Ontem eu estava em Londres, hoje estou aqui, amanhã estarei em Nova Iorque. Isso também implica uma distância de tempo, medida pelo relógio. Eu não sou filósofo; portanto, peço-vos desculpar-me. Existe alguma outra qualidade de tempo?

INTERROGANTE: O tempo que passa durante nossa vida.

KRISHNAMURTI: Que é isso? Os dias que passamos, vivendo? Envelhecer, morrer, atravessar um espaço e acabar? Tende a bondade de escutar o que vou perguntar: Existe outro tempo, fora o tempo cronológico?

INTERROGANTE: O tempo psicológico.

KRISHNAMURTI: Há uma espécie de tempo que se chama "tempo psicológico". Há, pois, duas qualidades de tempo: o tempo de ontem, hoje e amanhã, a distância, o tempo necessário para irdes daqui a vossa casa; esta é uma das qualidades. É necessário tempo para se aprender uma língua, reunir uma porção de palavras, aprendê-las de cor; isso leva tempo. Aprender uma técnica, aprender um ofício, uma habilidade — tudo isso requer tempo, tempo cronológico. E há o tempo psicológico, o tempo que a mente inventa. A mente que diz "Serei Presidente", "amanhã serei um homem bom, realizarei meus alvos, terei sucesso, serei mais próspero, alcançarei a perfeição, me tornarei comissário, serei isto e mais aquilo". Aí, existe o tempo entre o objetivo e o estado presente. Esse objetivo que me propus alcançar exige tempo; terei de lutar, de esforçar-me, ser ambicioso, ser brutal, empurrar os que me barrem o caminho. Tudo isso são projeções da mente e daquilo que ela deseja alcançar; essas coisas constituem o tempo psicológico. Temos, pois, estas duas qualidades de tempo: tempo cronológico e tempo psicológico.

INTERROGANTE: Existe alguma diferença? Eu serei Presidente ou aprenderei italiano, digamos, daqui a seis meses ou seis anos.

KRISHNAMURTI: Sim, de fato o tempo é necessário. Reconheço os dois estados: o cronológico e o psicológico. Mas, o tempo psicológico é verdadeiro ou é uma ilusão? Não entendestes, senhor? Pergunto a mim mesmo: Existe realmente o tempo psicológico?

INTERROGANTE: (Inaudível).

KRISHNAMURTI: Sim, senhor, compreendo; mas nós temos de entrar bem profundamente neste assunto, e temos de ir muito devagar. Não afirmemos nada; não digamos que o tempo psicológico é ilusão, que não é ilusão, que é isto ou aquilo; não nos deixemos cair neste absurdo. Aqui estão dois fatos: um deles é que "eu sou isto", e o outro, que "desejo ser aquilo" — não importa se uma coisa importante ou uma coisa insignificante. O fato é que sou isto e desejo ser aquilo. E isso implica também o espaço e o tempo. E o outro fato é que para ir daqui a vossa casa, percorrer uma certa distância, preciso de tempo. Digo entre mim que ambas as qualidades de tempo parecem verdadeiras; verdadeiras, no sentido de que tenho um objetivo, quero ser poderoso, quero ser rico, quero ser famoso, e para alcançar este objetivo tenho de esforçar-me. Tornar-me famoso exige tempo, porque a imagem da fama que eu criei está "lá longe" e eu preciso transpor essa distância através do tempo; no momento não sou essa imagem, mas a serei no futuro; não estou agora em casa, porém aqui; para ir lá preciso de tempo. Agora desejo ser um homem famoso. Psicologicamente, isso é uma projeção minha: A imagem que criei da fama. Ela está "lá", e eu a "projeto"; é minha própria imagem, porque eu me comparei com homens famosos e desejo igualá-los. E isso implica luta, competição, crueldade. O que eu desejo é uma coisa real, não? Quero-a, e luto por obtê-la. Não indago por que criei essa imagem; digo apenas: "Quero ser aquela imagem." Há, aí, portanto, uma grande porção de conflito, de dor, sofrimento e brutalidade. E isto é meu condicionamento, porque desde criança me têm dito que devo ser isto ou aquilo, um grande homem, um grande negociante, advogado, professor, etc. Criei, pois, aquela imagem, e não verifiquei por que razão a criei. Se percebo quanto é absurda tal imagem, se percebo quanta futilidade, agonia, ansiedade, etc., ela envolve, não a crio. Por conseguinte, ela é abolida.

INTERROGANTE: Que há de errado em aprender italiano através do tempo?

KRISHNAMURTI: Não, por favor, não mistureis as duas coisas; tende em mente...

INTERROGANTE: Dois estados psicológicos: eu sou ninguém e amanhã serei alguém.

KRISHNAMURTI: Sou uma pessoa comum, e amanhã serei uma pessoa importante. O amanhã está na minha mente. Estou a esperá--lo. Portanto, tempo existe (ou eu penso que existe). Serei famoso: a palavra "serei" se refere ao futuro. Assim, pergunto a mim mesmo se existe de fato um amanhã. Só existe o amanhã quando desejo ser alguma coisa.

INTERROGANTE: Posso libertar-me do tempo psicológico?

KRISHNAMURTI: Eu vos estou explicando isso, senhor. Podemos libertar-nos do tempo psicológico? Descobri-o por vós mesmos, senhores; vós podeis vê-lo. Se desejo ser famoso, não posso libertar--me do tempo. Se digo que sou uma pessoa insignificante e desejo ser uma pessoa importante, sou escravo do tempo. Se agora sou **ninguém**, por que devo ser **alguém?** — Eu sou ninguém.

INTERROGANTE: (Inaudível).

KRISHNAMURTI: Não, o homem importante possui um carro mais luxuoso, uma mais luxuosa casa. Não misturemos as palavras. Eu sou um homem insignificante e desejo ser um homem importante. Aí está contido todo o processo do tempo. Se não desejo ser importante, existe o tempo psicológico? Eu sou o que sou. Mas, se desejo tornar-me alguma coisa, começa a existir o tempo. Ora, eu preciso mudar, porque não posso continuar como estou. Estais prestando atenção?

Vede, eu sou uma pessoa comum. Acompanhai-me, passo a passo. Sou um homem insignificante e desejo tornar-me importante. Isso implica tempo, dor, etc. O desejo de ser importante, de deixar de ser insignificante, essa espécie de mudança eu rejeito por considerá--la absurda, ininteligente, infantil. Assim, digo que sou **ninguém**. Se permaneço pessoa sem importância, nada acontece em mim. Sou **ninguém:** nada acontece. Mas esse estado deve mudar. O pobre coitado que mora naquele casebre (não sei como tolerais tais casebres nestas redondezas) é **ninguém.** Não pode tornar-se **alguém** porque é um homem rude, porque é isto e aquilo. Ele também deseja tornar--se alguém, porque vê que a casa vizinha é uma habitação melhor que a sua. Sempre olhamos comparativamente. Ora, pode a mente eliminar de todo a comparação? Assim, nunca mais direi "Eu sou **ninguém**."

Por que "projetar"? Desejo aprender italiano, e o aprenderei. Isso levará tempo, e eu trabalharei neste sentido. Tenho de estar em Nova Iorque dentro de alguns dias, faço os planos necessários, compro a passagem, etc. Não há projeção nem imagem alguma. Tenho de tomar as medidas práticas para lá chegar. Mas, posso dizer de

mim para mim: "Vou a Nova Iorque; lá encontrarei muito mais sensações do que aqui, etc." Ora, é possível a mente deixar de comparar e, por conseguinte (vede quanto isto é belo!), não precisar de tempo nenhum? Estou respondendo à vossa pergunta, senhor?

INTERROGANTE: (Inaudível).

KRISHNAMURTI: Eu disse que, quando afirmais que sois sem importância, já vos comparastes com alguém que é importante. Eliminando a comparação, mudareis completamente. Se o homem que mora naquele pardieiro infecto está comparando, lá continuará a morar; mas, se chegar ao ponto de dizer: "Acabemos com a comparação", de lá sairá.

INTERROGANTE: Como?

KRISHNAMURTI: Trabalhará mais inteligentemente.

INTERROGANTE: Que vontade teria ele de trabalhar se não tivesse visto a casa melhor do vizinho?

KRISHNAMURTI: Esta é que é a coisa. Se não há comparação, que sucede? Esta é a primeira questão: Que sucede, realmente, quando não comparais?

INTERROGANTE: Já não estou colocando obstáculos à minha frente.

KRISHNAMURTI: Diz o interrogante que já não está colocando obstáculos à sua frente. Continuemos. Por que comparais? Isso começa na escola: o professor vos diz que não estais indo bem nos estudos, não estais tão adiantado como outro aluno. Todo esse processo de exames, notas, etc., é comparação. Desde criança sois condicionado para comparar, comparar a casa grande com a casa pequena, comparar sempre. É vosso condicionamento. E ele ocasiona uma série de lutas, de êxitos e malogros, de aflições impostas pela sociedade e por vós mesmo. É vosso condicionamento. Um menino pobre chega a Presidente; eis um formidável reclamo; e dizeis: "Como é maravilhosa esta sociedade de competição!" É nosso condicionamento. E nós o conservamos porque, às vezes, é lucrativo, ainda que outras vezes doloroso; mas ele é incurável. Nunca indagamos por que é que comparamos. Indagai-o agora e descobri por que é que comparais.

INTERROGANTE: É porque nos sentimos insuficientes.

KRISHNAMURTI: Considerai isto: Quando vos sentis insuficientes, estais comparando. Como podeis saber que sois insuficientes, sem comparar? Examinai este ponto. Nós comparamos por que somos insuficientes? Comparamos por que isso faz parte de nosso condicionamento? Lemos nos jornais que fulano de tal é um homem poderoso

e vemos que nós mesmos somos insignificantes. Conseqüentemente, aceitamos a comparação como a norma, inevitável processo da existência. Eu não. Por que comparar? Se não comparo, sou uma pessoa insignificante? Eu só me comparo com o que é superior. E se não faço comparação nenhuma, sou...

INTERROGANTE: Superior?

KRISHNAMURTI: Não, é uma coisa que nada tem que ver com superioridade. Como posso saber que sou superior? Como posso sabê-lo? Esta palavra "comparação"... tende a bondade de prestar atenção! Muito importa examinar esta questão. Vede, eu comparo duas peças de pano ao comprar um casaco. Preto e branco: Comparo. Comparo este país, a Índia, dizendo "Aqui faz muito calor". Mas, posso dizer que neste país faz muito calor sem estar comparando. Se comparo este país com outro de clima mais frio, estou resistindo ao calor, que se torna então insuportável. Pode-se eliminar a comparação, psicologicamente, abster-se de comparações, em relação à casa grande, à casa pequena, ao tapete maior...?

INTERROGANTE: Qual o mecanismo da comparação?

KRISHNAMURTI: Pode-se ver que, em primeiro lugar, comparamos porque estamos condicionados e, em segundo lugar, porque pensamos que, pela comparação, estamos vivos. Dizemos: "Se não comparo, não posso tornar-me igual ao sr. Smith e, assim, meu Deus! que serei eu?" A comparação, pois, é o sistema em que nascemos, o qual nos manda: "Deveis ser um grande dirigente, possuir milhões", ou, por outro lado: "Deveis ser um santo, nada possuir."

INTERROGANTE: Posso satisfazer-me com o que sou, e não me importar com o vizinho?

KRISHNAMURTI: Importai-vos, efetivamente, com o vizinho? Aquele vizinho do andar de baixo? De fato vos importais com ele? Claro que não. E não estais satisfeito com o que sois. Ao usardes a palavra "satisfeito" ou "insatisfeito", está havendo comparação. Isso é óbvio. Tratai, pois, de eliminar completamente palavras tais como "melhor", "mais". Deste modo, vê-se que o tempo psicológico só existe quando há um estado de comparação, e tal estado implica insatisfação, sentimento de inferioridade, necessidade de realizar alguma coisa, de "vir a ser"; tudo isso está implicado na comparação. E, ao dizerdes: "Sou uma pessoa insignificante", tal palavra é um termo comparativo; porque, sem comparar, não faríeis uso dela. Assim, o tempo psicológico só existe quando há essa mentalidade comparativa, essa mente que mede, psicologicamente. Ora, posso eu, pode a minha mente, existir sem medir — existir, viver, e

não apenas ficar dormindo: achar-se em extraordinária atividade, plenamente viva? Isso só é possível se não há comparação.

Só existe o tempo psicológico quando há comparação, quando há uma distância para transpor entre o que é e o que **deveria ser** — o meu desejo de me tornar **alguém** ou **ninguém**. Tudo isso envolve o tempo psicológico e uma distância a percorrer. Conseqüentemente, pergunta-se: Existe, psicologicamente, um amanhã? A esta pergunta não podereis responder. Existe um amanhã — esse "amanhã" que se tornou existente porque tive um momento de liberdade completa, do sentimento integral de uma certa coisa, e esse momento passou? Eu gostaria de retê-lo, de fazê-lo durar. "Fazê-lo durar" é uma forma de avidez. Lutamos por alcançar de novo aquele estado. Tudo isso está no tempo psicológico. Quando tiverdes qualquer experiência de alegria, de prazer ou do que quer que seja, vivei-a completamente, sem desejardes que seja duradoura, porque, se o desejardes, estareis enredado no tempo. Pois bem; existe amanhã? Isto é, o amanhã está adiante e hoje experimentei um sentimento de grande felicidade e desejo saber se ele perdurará. Como conservá-lo de maneira que dure para sempre? Desejo conservar a lembrança desse prazer, e se essa lembrança continuar existente, impedirá, completamente, novas experiências. Isto é bem simples, não achais?

INTERROGANTE: **(em espanhol).**

KRISHNAMURTI: Se falardes devagar o espanhol, posso entendê-lo. Creio que dissestes: "Como posso compreender a resistência"? — e eu, por minha vez, vos pergunto: "Que entendeis pela palavra "resistência"?

INTERROGANTE: **(em francês).**

KRISHNAMURTI: Consideremos primeiramente aquela palavra, o seu significado, e não o que vós sentis, o que eu penso ou outro qualquer pensa. Vejamos primeiramente o que significa a palavra "resistir". O resistir exige tempo para nos opormos, levantarmos uma barreira, mantermos a coisa à distância. Resistir... eu resisto à chuva, resisto ao barulho, que me incomoda, resisto à tentação... **resisto.** Desejo uma casa maior e digo "Que estupidez desejá-la, pois não posso tê-la!" Assim, resisto, revolto-me contra aquilo que desejo ou não desejo. Por que devo resistir? Perguntai, por favor, a vós mesmo: "Por que devo resistir?" Minha vida foi sempre assim, resistindo a isto, aceitando aquilo, não gostando disto e gostando daquilo. Ergui, pois, em torno de mim uma muralha de resistência. Não desejo aprofundar esta matéria; vamos considerá-la apenas ligeiramente. Sempre resisti a uma coisa e outra e, assim, levantei uma

muralha em torno de mim mesmo. Essa muralha é o "eu", o "ego" — a verdadeira essência da resistência. Mas, por que resisto? Eu resisto. Resisto às tentações, etc., mas o que desejo saber é por que existe resistência. Por que não posso olhar uma coisa e compreendê-la? Por que devo resistir a ela? Vede, senhor, eu só resisto a uma coisa que não compreendo. Digo **ecco**[1] — isso eu compreendo. A fim de manter um determinado estado, resisto a qualquer coisa que possa perturbá-lo. Se ontem me senti feliz, resisto a tudo que possa impedir-me de ter novamente essa experiência. Se eu pudesse olhar todas as coisas com clareza, não haveria resistência nenhuma, haveria? Se olho lucidamente o processo do mundo hodierno, onde todos querem tornar-se **alguém** ou **ninguém**; se o olho, se vejo tudo o que esse processo implica — dor, violência, brutalidade, fracassos, acerbidade; se o compreendo, ele está acabado: não resistirei a mais nada. Mais alguma coisa, senhores?

INTERROGANTE: Nós passamos de um condicionamento para outro.

KRISHNAMURTI: Sim, o libertar-nos de um condicionamento não é outra forma de condicionamento? Se compreendo ou estou cônscio, sem escolha, de meu condicionamento, posso cair noutro condicionamento? Eu reconheço, então, todo e qualquer condicionamento, não importa qual seja a sua origem; reconheço-o, compreendo-o, olho-o, penetro-o. Passar de um para outro condicionamento semelha o que fazem os que mudam de religião e acreditam estarem-se tornando mais religiosos. Mas isso é pura infantilidade.

O VIVER INTEGRAL

(2)

Um dos nossos maiores problemas parece-me ser o de produzirmos em nossa vida uma ação total e completa. Nossa vida, tal como a estamos vivendo, está toda retalhada, fragmentada: somos cientistas, engenheiros, etc. Especializamo-nos tecnicamente, e interiormente também estamos divididos em diferentes fragmentos: ora somos pacíficos, ora agressivos e brutais, ora ternos e mansos. Existe, pois, em nossa existência, tanto interior como exteriormente, uma constante divisão, uma contínua fragmentação que torna a vida contraditória e, portanto, gera confusão e dor. Somos atraídos por um desejo, por

---

(1) **Ecco**: (Italiano) 14 de setembro de 1968.

um prazer, oposto a outro desejo ou prazer, etc. Isto eu acho que qualquer um que esteja suficientemente interessado pode reconhecer, observar; é um fato presente, essa fragmentação. Cada fragmento tem sua atividade própria, sua peculiar ação. Eis por que nossa vida é fragmentária, nossa existência destrutiva e contraditória. Isso é bem claro, não achais?

Perguntamos a nós mesmos se existe (não teórica porém realmente) alguma possibilidade de vivermos uma vida sempre integral, não fragmentária, em que todas as nossas atividades, quaisquer que forem elas, sejam completas, nunca divididas nem contraditórias, nem de oposição ou de resistência. Esta é uma pergunta que me parece inevitável, se observamos o processo da fragmentação existente em nossa vida. Podemos prosseguir daqui?

Espero que a questão vos pareça bem clara. Nós somos atraídos em diferentes direções e há um profundo sentimento de frustração, de insuficiência, perante a totalidade da vida. Por exemplo, um indivíduo é membro de determinado partido político, outro comunista, outro socialista, católico, protestante — cada um aferrado a suas crenças pessoais. E perguntamos se podemos viver uma vida total (não digo "integrada", porquanto não se trata de integração), uma vida não fragmentária, sempre em florescimento, sem interrupção, sem divisão. Se está claro isto, a questão seguinte é: Que podemos fazer? Nossa vida está dividida entre a profissão, o lar, a ambição, etc., fracionada. Podemos, pois, viver de maneira tão completa que não haja em nossa vida nenhuma contradição? Que dizeis a isso? Estou-me referindo a uma vida que não é nem espiritual nem mundana, nem religiosa nem secular. Existe um desafio. Como estamos reagindo? Não respondeis?

INTERROGANTE: Não estou entendendo bem.

KRISHNAMURTI: Não senhor, não useis de nenhuma palavra; uma só palavra não abrange tudo. O que nos cumpre fazer é entrarmos um pouco mais profundamente na questão, em vez de simplesmente tratarmos de cobrir tudo com um termo geral. Qual a causa da contradição? Vejo que a vida está fracionada. Em casa sou bondoso, no escritório brutal; estou dividido. Antes de mais nada, cabe-nos averiguar qual é a causa dessa fragmentação, dessa divisão. Como descobri-la? Que processo empregar? Estamos conversando como amigos, não há aqui instrutor nem discípulo; cada um tem de ser ao mesmo tempo instrutor e discípulo de si próprio. Portanto, não há aqui nenhuma autoridade.

INTERROGANTE: (inaudível).

KRISHNAMURTI: Não. Estais retrocedendo ao ontem. Esquecei o ontem.

INTERROGANTE: Antes de tudo, desejamos conhecer a vossa opinião...

KRISHNAMURTI: Este senhor diz que primeiro deseja conhecer minha opinião. Não nos interessam opiniões. Pode-se dizer: "Esta é vossa opinião, minha opinião, a opinião dele" — mas as opiniões não têm nenhum valor; deixemo-las aos políticos e aos intelectuais. Mas, há aqui uma coisa que vós tendes de descobrir. **Vós.** Não sou eu que tenho de descobri-la e dizer-vos o que deveis fazer. Nós podemos investigá-la juntos, explorá-la; porém, se disserdes "Esperarei que vós a expliqueis", a coisa não terá graça nenhuma.

INTERROGANTE: Como posso conhecer a fragmentação se desconheço o todo?

KRISHNAMURTI: Estou fragmentado: eis o fato. Vou para o escritório, e lá sou brutal, invejoso, violento, competidor. Mas, em casa sou bem quieto, brando, dominado por minha mulher, ou dominando-a. Isso é fragmentação, e estamos perguntando por que razão ela existe, qual a sua causa.

INTERROGANTE: Nós vivemos entre opostos, não é verdade?

KRISHNAMURTI: Diz o interrogante que vivemos entre opostos.

INTERROGANTE: Não há amor.

KRISHNAMURTI: Isso não é resposta — dizerdes que não há amor. Nós estamos examinando a questão e, se dizeis que não há amor, não podeis ir adiante. Estamos examinando, investigando por que razão vivemos num estado de dualidade, por que estamos constantemente a oscilar de um ponto de vista para outro, entre opostos.

INTERROGANTE: Não temos, em nossa vida, nenhum controle das circunstâncias.

KRISHNAMURTI: Isso é verdade, mas não é essa a questão.

INTERROGANTE: Estamos em busca de satisfação.

KRISHNAMURTI: Oh! não é isto — busca de satisfação. Deixai-me sugerir-vos uma coisa: antes de manifestardes uma opinião, como acabais de fazer, descobri por que é que vivemos nessas condições; qual a causa disso?

INTERROGANTE: Há dualidade.

KRISHNAMURTI: Dualidade, sim — mas por quê? Estais apresentando uma nova coleção de respostas, mas em verdade não sabeis. Por favor, não façais conjeturas, de tentar várias coisas para ver qual

delas dá certo. Dizendo "em verdade, não sei", estareis reconhecendo que não sabeis qual é a causa. Esta é a maneira correta de proceder, não? Não sei, realmente! Esta seria uma declaração honesta, pois, com efeito, não sei por que vivo num estado de dualidade. Pois bem; não sei, mas como irei saber?

(Exclamações indistintas por parte dos interrogantes).

KRISHNAMURTI: Desistis do jogo? Quando não sabeis, que fazeis? Prossigamos, daqui. Eu não sei e vós não sabeis por que vivemos neste estado de contradição. Quando dizeis: "Não sei", como procedereis, então? Como ireis investigar? Um momento, vamos devagar, por favor. Como ireis investigar — com o pensamento? Ora, que entendeis por "pensar"? Analisar o problema? O problema envolve divisão, contradição, fragmentação. Analiso-o, e vejo que minha vida está toda retalhada. Pergunto: Por quê? E respondeis: "Temos de pensar, temos de servir-nos do pensamento para descobrirmos o porquê". Pensamento! Mas, que é pensamento? Antes de dizer que me servirei dele, preciso descobrir o que é pensamento. O pensamento, obviamente, é reação de memória, não?

INTERROGANTE: É uma das causas de nosso medo.

KRISHNAMURTI: Não, senhor; fazeis uma asserção e barrais o caminho a vós mesmo. Se não estais preparado para examinar, explorar, não façais asserções. Disse um dos ouvintes que o instrumento da investigação, da análise, é o pensamento. Mas o pensamento esclarecerá o problema? Pensais que sim, e por isso eu digo: "Verifiquemos o que é o pensamento." Que é pensar? Não façais conjeturas, por favor: olhai! Que é pensar? Pergunto-vos onde morais, e vossa resposta é imediata, porque o sabeis, conheceis bem a rua, o número da casa, etc.; respondeis instantaneamente à pergunta. Não há intervalo entre a pergunta e a resposta. Mas, se vos faço uma pergunta um pouco mais complexa, há intervalo entre a pergunta e a resposta. Que sucede nesse intervalo?

INTERROGANTE: Há uma atividade mental, isto é, pensamento.

KRISHNAMURTI: Que sucede naquele intervalo? Pergunto-vos a distância daqui a Nova Iorque. Não a sabeis — ou alguém vo-la disse e esquecestes. Assim, que sucede? Não sei a resposta e, por isso, ponho-me a rebuscar na memória; o pensamento começa a examinar o depósito da memória. Leio em algum lugar que há "tantas" milhas daqui a Nova Iorque ou peço informações e outras pessoas e, afinal, respondo à pergunta. É isso que chamamos "pensar". Faz-se a pergunta, há um intervalo antes da resposta e, nesse intervalo, uma grande atividade de investigação, análise, indagação, expectativa, espera.

É a isso que chamamos atividade mental, racional ou irracional. Pois bem; quando vos faço uma pergunta a que não sabeis responder, que sucede? Não podeis recorrer à memória. Não podeis dizer "Vou averiguar". Ninguém vos pode informar. Que acontece?

INTERROGANTE: Fazemos uso da imaginação ou da intuição.

KRISHNAMURTI: Imaginação? Não posso imaginar uma coisa que desconheço. Intuição? Isto poderia ser mero conjeturar. Acompanhai-me, passo a passo, e vós mesmo descobrireis. Faço-vos uma pergunta que vos é familiar e respondeis imediatamente. Faço uma pergunta um pouco mais complexa, um pouco mais difícil, e necessitais de tempo para responder. Nesse intervalo de tempo ficais cogitando, pensando, observando, olhando, indagando. Pois bem; agora vos estou perguntando qual é a causa da fragmentação sobre a qual estivemos falando, e não sabeis responder. Se o soubésseis, seria de acordo com vossa memória, não? Assim, "realmente não sei" seria a resposta mais honesta. Realmente não sei. Um momento, tende paciência. Se não sei, que faço? Não posso ir perguntá-lo a um professor. Não posso consultar um livro. Livro nenhum pode informar-me. E eu tenho de descobrir a resposta, porque se trata de uma pergunta muito importante; descobrindo-a, poderei mudar toda a atividade desta vida fragmentada, viverei de maneira diferente, completamente diferente. Portanto, como ente humano, tenho de descobri-la. Não posso depender de ninguém. A resposta dada por outro pode ser conjetura, pode ser errada, falsa. Eu tenho de descobri-la. Ora, como proceder?

INTERROGANTE: Comparando.

KRISHNAMURTI: Não, senhor, isso é ainda pensamento.

INTERROGANTE: A vida de um homem pode deixar de fragmentar-se.

KRISHNAMURTI: Isso é simples demais, senhor; pode deixar, mas nunca deixará.

INTERROGANTE: Não sei aonde estou indo.

KRISHNAMURTI: Quando dizeis que não sabeis, o pensamento ainda está a funcionar? Eu não sei; desejo descobrir e não há ninguém que me possa informar. E não me deixarei informar por ninguém, porque os informantes poderão estar totalmente errados — e em geral estão. Não tenho fé em ninguém, porque todos aqueles em quem confiei, sacerdotes, filósofos, políticos, comunistas, socialistas — todos falharam. Portanto, eu mesmo tenho de descobrir e o que eu descobrir deverá ser verdadeiro em todas as circunstâncias. Um momento, continuai a escutar. Como disse, não quero perguntar nada

a ninguém, e eu próprio não sei por que estou vivendo uma vida fracionada. Mas desejo descobri-lo. Como o descobrireis? Pergunto-vos como o descobrireis.

INTERROGANTE: (Inaudível).

KRISHNAMURTI: Minha senhora, não estou perguntando como devemos olhar a nós mesmos; o que estou perguntando é o que fazeis quando não sabeis a resposta a uma pergunta sumamente importante, uma pergunta de vital relevância. Desistis? Um momento; não podeis desistir. Quando estais com fome, com muita fome, não desistis. E se esta questão é tão importante para vós como a fome, desistis de responder, dizendo "Não sei, que me importa?" Trata-se de uma pergunta de real significação.

INTERROGANTE: Isso parece muito materialista.

KRISHNAMURTI: Materialista? Não, senhor, não é materialista. Não sei o que entendeis por "materialista".

INTERROGANTE: Meu cérebro é o depósito da memória.

KRISHNAMURTI: Sim, senhor, meu cérebro é o depósito da memória, da experiência, mas esse cérebro não contém agora resposta alguma. Já me servi do cérebro em ocasiões anteriores, para achar respostas comuns, relacionadas com pessoas, etc., mas agora ele não me pode servir. Assim, que podemos fazer? Já fui comunista, socialista, homem religioso, já passei por todas as espécies de fragmentação, sucessivamente, e digo: "Que estúpida maneira de viver!" Todavia, continuo do mesmo jeito, e quero descobrir a causa. Vivo uma vida de fragmentação, em cacos e pedaços, e não posso pedir a ninguém que me dê uma resposta. Que devo fazer?

INTERROGANTE: Meditar.

KRISHNAMURTI: Um momento, senhor, é isto mesmo que estamos fazendo agora. Estamos meditando, mas vós não quereis... não digo a palavra.

INTERROGANTE: Temos de recorrer ao exame de nós mesmos. Há em nós falta de harmonia.

KRISHNAMURTI: Não, senhora; nós já nos examinamos. "Falta de harmonia" não é resposta.

INTERROGANTE: **(Inaudível).**

KRISHNAMURTI: Vós estais citando; por favor, não o façais!

INTERROGANTE: Buscamos a inspiração divina.

KRISHNAMURTI: "Inspiração divina" — um momento, senhor: Suponhamos que sou descrente e não posso buscá-la. Inspiração! Credes nisso porque estais condicionado como católico, hinduísta, bu-

dista, e conforme vosso condicionamento buscais tal inspiração. Nós estamos meditando. Prestai atenção: estamos meditando, estamos penetrando o problema com muito cuidado, passo a passo. Vós ides descobrir. De fato, eu não quis pronunciar a palavra "meditação"(1), por ser uma palavra muito dificultosa; significa coisa sobremodo diferente do que em geral se entende por este nome. Mas, provisoriamente, usemo-la, a fim de compreendermos este imenso problema.

INTERROGANTE: Estou "vivendo com ele" agora.

KRISHNAMURTI: Estais "vivendo com ele agora". Uma de nossas dificuldades é esta que não estamos acostumados a esta espécie de exame; estamos aprendendo a observar. Queremos observar por que é que, em nossa vida, tudo é fragmentado. Isto é bem evidente. Temos desejos diferentes e antagônicos, prazeres diversos; num momento somos pacíficos, noutro momento belicosos, agressivos, em seguida bondosos, etc. Queremos e não queremos; desespero e esperança se alternam, vivemos entre contradições e opostos. De mim para comigo, digo: "Por quê? Por que vivo desta maneira?" — Minha senhora, podeis conceder-me apenas dois minutos? Deixai-me falar mais um pouco e, após, podereis fazer perguntas.

Minha vida e a vossa se acham num estado de fragmentação, de fracionamento. Vivemos uma vida dualista, dizendo uma coisa, fazendo outra, pensando uma coisa e dizendo coisa diferente. Contradição, dualidade — eis a vida que estamos vivendo. E eu estou perguntando: Por quê? Por que está a vida tão fragmentada? Não posso perguntá-lo a ninguém, porque todos estão com a própria vida fragmentada. Farão conjeturas, dirão que é meu condicionamento, que é Deus, a sociedade, isto, aquilo. Portanto, se tais interrogações não adiantam, tenho de descobri-lo por mim mesmo. E o que descobrir deverá ser verdadeiro, absolutamente verdadeiro. Ora, como descobrir? Em verdade, não o sei e em toda a minha vida sempre me servi do pensamento como instrumento de descobrimento. Sempre me servi do pensamento, indagando, usando a memória, o conhecimento, a experiência; de tudo isso me tenho servido para descobrir. Mas agora não posso confiar no meu conhecimento, porque **não sei.** O conhecimento me diz que tal é a norma da vida individual. Conseqüentemente, não posso depender de meu conhecimento, nem da experiência, nem do que dizem outros. Abandono tudo isso. E, agora, que me cabe fazer, como irei descobrir o verdadeiro?

---

(1) Alusão a alguma coisa dita pelo interrogante e omitida no texto original. (N. do T.).

Como olho agora a fragmentação? Compreendeis esta pergunta? Eu não sei, mas deve haver uma resposta correta. Que sucedeu agora em minha mente? Deixai-me formular a pergunta de diferente maneira. Provavelmente, a maioria de nós, aqui, estamos condicionados para crer em Deus, para ser o que chamais "espirituais". Se desejais descobrir — não repetir, ter fé, dizer "assim tem de ser" — se desejais realmente descobrir se tal coisa existe — Deus — tendes de abandonar todas as crenças, não achais? Tendes de estar livres de todas as crenças, para poderdes desvendá-lo. Cumpre livrar-nos do medo de investigar, de consagrar vossa vida a descobri-lo. Quero agora, pela mesma maneira, descobrir a verdade relativa àquela questão. Qual é o estado de minha mente, que abandonou a autoridade, que desistiu de pedir informações a quem quer que seja, que repudiou o conhecimento, porque o conhecimento é sempre do passado? Esta pergunta tem de ser respondida agora, não de acordo com o passado, porém agora. Por conseguinte, tenho de abandonar o conhecimento como meio de investigação. E não devo ter medo. Pode não haver resposta nenhuma, pode ser que a contradição seja a norma da vida. Não devo ter medo, não devo temer nenhuma autoridade, inclusive a de minha própria experiência, de meu saber ou do saber de outros; necessito de completa liberdade para investigar. Pois bem; qual é o estado da mente que está livre para olhar? Não respondais, por favor.

INTERROGANTE: Tende a bondade de repetir a pergunta.

KRISHNAMURTI: Não posso repeti-la, mas a formularei de outro modo. Vede, senhor, tenho vivido na dependência — dependência do que outros dizem, do que a Igreja me ensinou, do que as autoridades me disseram a respeito disto ou daquilo, e aqui está um problema que nenhuma autoridade pode resolver. Não confio em nenhuma autoridade, porque todas elas me levaram pelo caminho errado. Assim, qual é o estado de minha mente, que não quer aceitar o que outros dizem; quais os meus sentimentos, minhas intuições? — estas últimas devem ser também muito enganosas. Nada temo, porque não me importa se terei de sofrer. É a norma de minha vida e, portanto, aceito-a.

Dessarte, não sinto medo e a mim mesmo pergunto: "Qual o estado da mente que não tem medo, que não quer aceitar nenhuma autoridade, ou buscar uma resposta intuitiva, divina, superior?" Não quero fazer nada disso. Digo entre mim: "Acabei com tudo isso." Qual, pois, é o estado da mente que assim procedeu?

INTERROGANTE: Acha-se completamente livre de influência, de condicionamento, sem temor.

KRISHNAMURTI: Um momento: Se ela está assim, então não há contradição nenhuma. Quando já não existe dualidade, temos então a resposta. Por favor, não me respondais, olhai! Estais vivendo numa dimensão diferente. Assim, o descobrir uma coisa fundamental, como a resposta a esta pergunta, significa não ter medo, não dizer "Queira ensinar-me a resposta"; não ter medo de nada. Sois capaz disso? Se não sois, continuareis condenado a viver uma vida dualista, uma vida contraditória, dolorosa, amargurada.

Infelizmente, nós não gostamos de ser colocados numa situação difícil como esta. Queremos uma saída fácil, uma fácil via de fuga. Eis, pois, a questão: Por que quereis viver dessa maneira, agora que sabeis claramente o que significa uma vida dualista, e sabeis também que dela podeis libertar-vos completamente se não tiverdes medo? Que ides fazer? Continuar a viver como antes? Parece-me que não o sabeis. Ou lestes o que está escrito em algum livro sobre este assunto, e tal é lamentável. Existe a verdadeira meditação e ela é isto que estamos fazendo: esvaziar a mente do conhecido, do medo. Desejais falar sobre mais outro assunto?

INTERROGANTE: Falastes ontem a respeito da Rússia e Tcheco-Eslováquia. Não achais que, se as superpotências não deixarem de odiar-se mutuamente, de competir pelos mercados mundiais, etc., estamos condenados à destruição?

KRISHNAMURTI: Como podemos impedir a Rússia ou a América de se prepararem para a defesa, conforme alegam? Podeis dizê-lo? A Rússia, com três milhões de homens em pé de guerra, e a América com seus "tantos" milhões — como podeis impedi-lo? Há enormes interesses em jogo, não é verdade? — no meio do exército, entre os oficiais, no Pentágono, no Kremlin — grandes interesses pessoais. Ora, achais que o almirante e o general irão renunciar aos seus interesses porque é necessário haver paz no mundo? Que direis vós? Que ides fazer? Continuai a examinar esta questão até o fim, se não estais muito cansado. Como podemos impedir o que se observa no mundo: duas grandes potências, superpotências, com as respectivas esferas de influência, seus interesses — pensai no quanto ambas investiram em armamentos! — que irão fazer? Esta divisão existirá sempre, enquanto os cidadãos daqueles e de outros países forem patriotas, nacionalistas, não é verdade?

INTERROGANTE: **(inaudível).**

KRISHNAMURTI: Se detestais os russos e gostais dos americanos, se tendes sentimentos nacionalistas e dizeis "Em primeiro lugar, minha pátria", e se não podeis contar com aquelas grandes potências

para acabar com as guerras, então esse trabalho deve ser iniciado por **nós**, não? A minoria, os poucos que sentem muito intensamente as coisas, a minoria sempre deu o primeiro passo para a frente, e criou uma situação diferente no mundo. Mas não desejamos fazer parte da minoria. E isso significa que esse assunto é muito complexo; não é um problema de fácil solução, porém uma questão complexa. Pois bem; este orador, pessoalmente, não é hindu; é uma coisa terrível, medonha, uma pessoa denominar-se hindu. Entretanto, aqui tenho meu passaporte, um passaporte indiano; sem ele eu não poderia viajar. E, se viajais de avião ou de trem, se comprais um selo postal, estais contribuindo para a guerra. Não?

Pagando impostos, estais sustentando a guerra. Assim, que se pode fazer? Deixar de pagar impostos? De viajar? De comprar selos postais? Conheço gente que não o faz, que não viaja, reduzindo suas atividades a um campo muito limitado. Mas é absurdo não pagar impostos, pois, se não os pagardes, ireis para a prisão. Seria absurdo não comprar selos, pois não poderíeis escrever cartas. E assim por diante. Mas, não demos importância a coisas secundárias — impostos, selos postais e outras bagatelas tais; interessemo-nos na questão principal: não ser nacionalista ou patriota, não aprovar o preconceito de cor ou qualquer das outras coisas com que nos comprazemos, na confusão em que vivemos. Isso requer muita inteligência. Decidir deixar de ser nacionalista nada exprime; mas considerar o problema em seu todo significa que temos de ser bem inteligentes, quer dizer, muito sensíveis a todos os fatos. Mais perguntas?

INTERROGANTE: Qual a vossa posição, qual a minha posição se a pátria ou o exército me chama, alista ou recruta, e eu não quero matar?

KRISHNAMURTI: Isso é uma cilada para mim? Se sentis verdadeiramente que não quereis matar; se não estais meramente dizendo "Não quero matar" e estas palavras significam realmente que não quereis matar, nesse caso tendes de viver pacificamente, não? Não mateis animais. Mesmo para vossa alimentação, não os mateis. Não mateis com palavras, não digais "aquele homem é insuportável, aquele homem é estúpido". Verbalmente, estais matando; estais matando com palavras, com gestos, com pensamentos; em vossas ocupações, na igreja, em toda parte estais matando. Assim, se de fato não desejais matar, tendes de iniciar uma vida realmente pacífica. Porém, isso não quereis. Ouvis o que se está dizendo, dizeis coisas que não sentis ou ficais escutando calado; depois, voltais para casa e continuais a fazer as mesmas coisas de sempre. Por conseguinte, estais apoiando a guerra.

INTERROGANTE: Muitos jovens estão protestando na América e, sem dúvida, há quem proteste na Rússia.

KRISHNAMURTI: Não sei se lestes aquele artigo de um dos mais eminentes cientistas russos, protestando contra muitos dos atos do governo soviético. A mesma coisa se está verificando em todo o mundo, não apenas na Rússia e na América. Na Índia, a opinião pública exige que sejamos nacionalistas e, quando falo naquele país sobre a necessidade de não ser nacionalista, dizem: "Ide pregar noutra freguesia, não aqui." Estais cansados? Tendes muita pressa em dizer "não". Ora, nós estamos tratando de um assunto muito sério, e quem é verdadeiramente sério não pode, de repente, dizer "Não, não estou cansado", pois sua mente deve achar-se em tremenda atividade. A questão é que não estais percebendo, não estais cônscios de vossa vida fragmentária. Dela só podeis tornar-vos conscientes se prestardes atenção à vossa maneira de viver. E — que é atenção? Esta questão é importante, não achais, senhor? Ela vos interessa? Mas, por favor, deveis sentir verdadeiro interesse; não simplesmente dizer "sim" e depois não pensar mais no assunto. Que significa "atenção"? — Estar atento. Quando é que a atenção é um processo intelectual? Que entendemos por atenção — não a atenção do soldado, mas o que é que nós entendemos por atenção, por "estar atento"? Quando estais atento? Só estais atento ao consagrardes vossa mente e coração, todo o vosso ser, a uma dada coisa. Se, ouvindo aquele choro de criança, há alguma resistência a ele, resistência ao barulho, estou desatento. Percebeis? Quando prestamos atenção, isso significa que nossos nervos, nosso corpo, nosso coração, nossa mente inteira, estão atentos àquilo de que desejamos tornar-nos cônscios. Mas isso nós nunca fazemos. Não sei se alguma vez já fizestes, isto é, se prestastes atenção, por exemplo, àquela árvore. Isso significa o quê? Prestar atenção significa não classificar a árvore, não estar enredado na asserção verbal relativa à árvore. Se emprego a palavra "cipreste", esta palavra é uma distração, não achais? Impede-me de olhar a árvore atentamente. Estar atento significa estar atento intelectualmente, emocionalmente, com os nervos, os olhos, os ouvidos, com tudo o que possuímos: prestar atenção, olhar. Isso jamais fazemos, porque vivemos em fragmentos. Só quando sobrevém uma crise terrível em nossa vida, pode acontecer que lhe prestemos atenção durante alguns segundos, mas logo tratamos de fugir.

Pois bem; se uma pessoa é verdadeiramente séria e deseja descobrir se existe uma realidade, Deus — ou como quiserdes chamá-lo — não recorre a nenhuma autoridade, nenhum sacerdote, nenhuma crença, pois isso é infantil, imaturo. Temos de aplicar toda a nossa

atenção para descobrir alguma coisa. Não podemos dar essa atenção completa se temos medo de, com esse descobrimento, perder o nosso emprego. Não podemos ficar completamente atentos para descobrir a verdade relativa a essa questão, se estamos dependendo de qualquer crença, de qualquer condicionamento, do que foi dito por outrem. Tudo isso precisa ser abandonado. Para sermos capazes de descobri-la, não podemos pertencer a nenhuma sociedade, nenhum grupo, nenhuma cultura. E isso significa que devemos estar completamente **sós**, interiormente **sós**. Então, sim, descobri-la-emos. Mas, se não prestarmos atenção, no sentido profundo da palavra, nenhuma possibilidade teremos de encontrar aquela realidade.

INTERROGANTE: Atingistes esse estado de espírito?

KRISHNAMURTI: Pergunta o interrogante se eu me acho nesse estado espiritual. Em primeiro lugar, por que fazeis tal pergunta? Não estou tergiversando, senhor; a ela responderei. Por que fazeis essa interrogação?

INTERROGANTE: Por que se trata de uma questão difícil.

KRISHNAMURTI: "Faço esta pergunta", diz o interrogante, "porque a questão é um tanto difícil." Eu não a reputo difícil. Um momento, senhor, vou responder. Em primeiro lugar, se eu responder "sim", isso não terá valor nenhum, terá? Para vós nenhum valor terá, porque que vantagem tereis se eu disser "sim"? Aceitareis ou rejeitareis a minha resposta. Direis, porventura, "Coitado, não está regulando" ou "Ele é um homem sério, e isso pode ser verdade". Por conseguinte, minha declaração de existir em mim um tal estado não tem para outrem nenhum valor. O que tem valor é vós mesmo o descobrirdes; vós, e ninguém mais. E, dizendo ser difícil a questão, com a própria palavra "difícil" estais obstando vosso próprio descobrimento. Senhor, se aceitamos a vida tal como está, com suas tristezas e conflitos e agonias, se aceitamos esta vida, então, não há solução nenhuma; é a norma da vida. Mas, se não a aceitarmos, se nos recusarmos a pertencer ao rebanho, ao grupo, começaremos a viver diferentemente. É absolutamente necessário fazermos esse descobrimento, se desejamos ter outra vida.

INTERROGANTE: Pode-se desenvolver a atenção pelo exercício?

KRISHNAMURTI: Exercício significa repetição, fazer uma coisa vezes sobre vezes. Isso é atenção? Não é um ato mecânico? Assim, se estais investigando seriamente, tendes aqui duas coisas para considerar: a atenção e a desatenção. Ora, quase todos nós somos desatentos. E dizemos ser importante não estar desatento, que deve-

mos estar atentos. Desejamos então exercitar a atenção. Mas, se disserdes "Vou ficar vigilante, atento à minha desatenção" — sabeis o que isso significa: estar atento? Nós aceitamos as coisas como estão, nossa vida, nossa maneira de viver, nossas emoções violentas — tudo o que há realmente. Ficar atento é tornar-se cônscio da desatenção; não é tentar ficar atento, porque isso causa conflito, luta; por conseguinte, quando se exercita a atenção, ela se torna mecânica, deixa de ser atenção. Mas, se a pessoa está atenta, cônscia da desatenção, daí sim, florescerá a atenção.

Para hoje, isto não é suficiente? Vede que eu estive trabalhando, este orador esteve trabalhando; esta palestra já durou uma hora e meia. O orador trabalhou, porém vós não trabalhastes, ficastes apenas escutando, despreocupadamente. Estivestes escutando, como se ela fosse uma espécie de entretenimento, como se estivésseis numa sessão de cinema, a dizer "não concordo, concordo, bom filme, não foi bom", etc. Se, como vos cumpria fazer, tivésseis trabalhado com o orador, já seriam horas de dizerdes: "Pelo amor de Deus, paremos aqui!"

15 de setembro de 1968.

PALESTRAS NOS COLÉGIOS DE CLAREMONT
CALIFÓRNIA

O OBSERVADOR E A COISA OBSERVADA

(1)

Seria bem interessante saber por que vos achais aqui — a maioria de vós. Provavelmente por curiosidade, ou porque desejais verificar o que tem para dizer um homem que vem de lá do Oriente. Em primeiro lugar, deve ficar bem esclarecido que este orador não está, a nenhum respeito, representando a Índia, o pensamento indiano, a filosofia indiana, ou qualquer coisa de oriental e misterioso.

Considero importante estabelecer-se entre nós uma comunicação de certa espécie; hoje em dia, muito se fala em comunicação, muito barulho se faz sobre isso. Ora, decerto, é bem simples comunicar-nos uns com os outros; a dificuldade reside em que, infelizmente, cada um trata de traduzir, de comparar, de julgar o que se está dizendo. Nós, em verdade, não escutamos. Mas, se escutamos com atenção e seriedade, a comunicação se torna muito simples. Eu tenho alguma coisa para dizer e, não importa o que ela apresente de estranho, se sois ardorosos, se tendes o desejo de descobrir, ficai escutando com interesse e atenção, com uma certa afeição, não só apreciando intelectualmente o que se diz (e isso naturalmente deveis fazer), mas também examinando-o e explorando-o minuciosamente. E, para explorar e escutar atentamente, deveis ser livres — livres da imagem, da tradição, da reputação que o orador infelizmente tem, porque assim podereis escutar direta e imediatamente, e compreender. Se, entretanto, estais seguindo um determinado padrão de pensamento, com certas tendências que vos dominam, certas conclusões e preconceitos, então, é claro, cessa toda comunicação.

É de grande relevância que, desde o início, presteis atenção, não só às palavras do orador, mas à maneira como escutais. Se escutardes com uma tendência a tirar certas conclusões do que o orador vai dizer, a compará-lo com o que já disse, nesse caso o que ele disser se tornará mera questão de concordar ou discordar, matéria de exame

mental ou entretenimento intelectual. Nessas condições, se, durante estas palestras, puderem estabelecer-se relações corretas, uma correta comunicação entre vós e o orador, haverá então, talvez, uma possibilidade de examinarmos profunda e seriamente este complexo problema do viver, de verificarmos se é possível, ou não, aos entes humanos, que andam tão condicionados, transformar-se, promover em si próprios uma revolução psicológica. Eis o que principalmente nos interessa, e não uma dada filosofia oriental, um certo padrão conceptual, concebido pela imaginação, conducente a conclusões várias e substituindo velhas idéias por novas.

Espero não vos desagrade lembrar-vos que muito importa aprender a arte de escutar. Nós não escutamos, ou, se o fazemos, escutamos atrás de uma cortina de palavras, de pensamentos conceptuais, de conclusões coloridas por nossa própria experiência. Essa cortina, obviamente, nos impede o escutar, que, como já vimos, é uma arte relevante, à qual, parece, não damos nenhuma atenção. Devemos escutar tão intimamente, tão completa e intensamente, que possamos, não só estabelecer um estado de comunicação, mas também ir mais longe e entrar em comunhão, uns com os outros, como amigos sinceramente interessados numa certa questão. A comunhão difere sobremodo da comunicação; para comungar, cumpre não só compreender a significação das palavras, estar bem ciente de que a palavra não é a coisa e a descrição não é a realidade, senão ainda devemos achar-nos naquele estado mental cuja característica é a atenção, o zelo, um sentimento de íntimo interesse. Isso só é possível quando ambas as partes, vós e eu, são verdadeiramente aplicadas.

A vida exige muita seriedade; não uma atenção ocasional, fortuita, porém constante alertamento e vigilância, porque nossos problemas são imensos, altamente complexos. Só a mente que é séria, realmente ardorosa, capaz de investigação e, por conseguinte, livre, só essa mente pode achar para eles uma solução; e eis o que vamos fazer: procurar solucioná-los. Vamos comunicar-nos não apenas verbalmente, senão também, num diferente nível, estar em comunhão, e isso é mais importante do que a mera comunicação verbal. Dessarte, se durante estas palestras pudermos olhar com olhos límpidos essa complicada coisa que é o viver, olhá-la com olhos novos, puros, "inocentes", então nossos problemas poderão mudar totalmente de significado. Como disse, devemos não só escutar as palavras, mas ainda compreender que a palavra não é a coisa, e a descrição jamais é o fato descrito. E, para esse escutar, necessita-se de liberdade — precisamos estar livres de conclusões, de preconceitos, de imagens e símbolos, a fim de podermos, vós e eu, olhar diretamente, intima-

mente, intensamente, os problemas de nossa vida diária, de nossa existência, e averiguar, assim, se ela tem alguma significação.

Observa-se que, no mundo inteiro, os entes humanos, de todas as cores, credos e nacionalidades, têm problemas — problemas de relação, problemas de viver numa sociedade tão corrupta como esta que o homem veio edificando no decurso dos séculos.

É o próprio homem o responsável por esta estrutura, por esta sociedade que é o produto de suas próprias esperanças e exigências, resultado de sua própria violência, conseqüência de seus temores e ambições; nesta estrutura, nós, os entes humanos, nos vemos aprisionados. E a estrutura não difere do próprio homem.

A sociedade, seja na Europa, seja na Ásia ou aqui, na América, não é diferente nem separada de cada um de nós. Nós **somos** a sociedade, **somos** a comunhão; não somos apenas indivíduos, entidades humanas, mas também a totalidade, a coletividade. Não há, pois, divisão ou separação entre nós e a sociedade; nós somos o mundo, ele é constituído por nós, e para se realizar uma revolução radical na sociedade — revolução absolutamente necessária — deve, em primeiro lugar, haver uma profunda transformação nas pessoas. Por conseguinte, cumpre-nos investigar se essa revolução é de algum modo possível.

Não estou empregando a palavra "revolução" no sentido comunista ou socialista, no sentido sanguinário; estou falando da revolução que efetuará a completa transformação da própria psique, da inteira estrutura do coração e da mente. Esta é a questão central — e não o que pensam os filósofos ou o que dizem os psicólogos e analistas; tampouco o que afirmam os teólogos ou imaginam os crentes e não-crentes.

A questão real, portanto, é se nós, entes humanos, vivendo, como agora estamos, nesta sociedade complexa e corrupta, com suas guerras, suas lutas, suas ambições e competição, podemos produzir em nós uma total mutação, não gradualmente, aos poucos, no decurso de dias ou de anos, mas se podemos transformar-nos **imediatamente**, sem depender de tempo.

O homem, pelo visto, aceitou a guerra, a violência; essa violência existe em todas as partes do mundo, ainda que na Ásia, e principalmente na Índia — onde as ideologias nascem como cogumelos em terreno úmido — muito se fale sobre não-violência. E nós, seres humanos, aceitamos a violência, aceitamos uma maneira de vida que leva à guerra, uma maneira de vida que foi dividida, pelas religiões

e nacionalidades, em crenças, dogmas, rituais e monstruosos preconceitos. O homem aceitou esse estranho padrão de existência, "virtuosamente" condenando uma guerra e disposto a tomar parte noutra. Ele próprio é violento, brutal e agressivo, qualidades, dizem os antropologistas, herdadas do animal. Entretanto, o que dizem os antropologistas ou os especialistas pouco significa, porque nós mesmos temos a possibilidade de examinar e descobrir a natureza de nossa violência, nossa brutalidade uns para com os outros, não só no plano verbal, mas também por pensamentos e atitudes. Há milhares de anos, vimos aceitando uma forma de vida que leva inevitavelmente à guerra, ao morticínio em grande escala, e ainda não conseguimos alterá-la; os políticos sempre o tentaram, sem nenhum êxito.

Nós, criaturas comuns, que não somos especialistas ou "entendidos", vivemos nesta sociedade com um enorme fundo de condicionamento; aceitamos este modo de viver corrompido, não sem amor e compaixão. Considerando-se tudo isso, o problema que se nos apresenta é se, como entes humanos, temos possibilidade de operar em nós uma radical transformação interior, e passar além, alcançar o estado que o homem incansavelmente vem buscando e a que chama Deus — ou qualquer nome que lhe quiserdes dar: nomes não importam.

Pois bem; podemos nós descobrir aquela entidade, ou isso está reservado somente a uns poucos? Devemos, primeiramente, interrogar-nos sobre qual o lugar que compete à mente religiosa no mundo moderno, e se há possibilidade de descobrir o Amor. Esta palavra se tornou muito feia, tal como a palavra "Deus". Todos a usam: o teólogo, o merceeiro, o político; o marido diz à esposa, o namorado à namorada, etc. Mas, se a olhardes, a examinardes bem, vereis que ela tem sido a causa de muita aflição e conflito, de muitas torturas, e gera, também, a inveja, o ciúme e o medo. Perguntamos, por conseguinte, se a mente pode libertar-se de tudo isso, de modo que possa existir um amor não corrompido, não deformado pelo pensamento.

Eis alguns de nossos problemas: as relações entre um homem e outro; se há possibilidade de se viver em paz íntima e com o próximo; se existe uma realidade não criada pelo pensamento; se existe amor, compaixão e afeição não contaminados pelo ciúme, maculados pelo medo, pela ansiedade e a "culpa". Poderá a mente, tão condicionada como está, libertar-se, e, nessa liberdade, descobrir se existe, ou não, uma realidade suprema? Se não cuidarmos de explorar e descobrir, diretamente, a verdade relativa a tudo isso, então, é inevitável, faremos de nossa vida uma coisa mecânica, uma vida de luta constante, uma vida sem sentido.

Disso, por certo, todos estão cientes; pelo menos os verdadeiramente ardorosos devem ter feito a si próprios esta pergunta, ou seja se é possível descondicionar a mente para que possamos olhar a vida de diferente maneira, não mais sejamos cristãos, nem budistas, nem muçulmanos, nem hinduístas, etc., etc. Tem a mente condicionada a possibilidade de ser livre e, por conseguinte, vulnerável?

A principal dificuldade é esta, que o homem vive fragmentado, não só em seu interior, mas também exteriormente: ele é cientista, médico, soldado, sacerdote, teólogo, especialista desta ou daquela matéria. Interiormente, sua vida está fragmentada, fracionada; sua mente, seu intelecto, é sutil e sagaz; por vezes, ele é brutal, agressivo, enquanto outras vezes pode mostrar-se bondoso, manso, afetuoso; esforça-se por ser um ente moral, embora a moralidade social seja de todo em todo imoral, e seus inúmeros desejos antagônicos são a causa dessa fragmentação existente por dentro e por fora, dessa contradição interior e exterior. E o homem forceja incessantemente por lançar uma ponte sobre o abismo e realizar uma integração, o que naturalmente é absurdo; a integração é impossível. Se examinardes essa palavra e descobrirdes todo o seu conteúdo, sereis forçados a perguntar a vós mesmos quem é a entidade capaz de realizar a integração. Por certo, a própria entidade que irá integrar os múltiplos fragmentos faz parte deles e, portanto, não poderá efetuar sua integração. Vendo-se isso claramente, ou seja que as parcelas de desejo, nesta nossa vida tão dividida e fragmentada, jamais poderão ser unidas, integradas, porque a própria entidade, o próprio observador que está tentando ajuntá-las faz parte da fragmentação — se bem o percebemos, torna-se óbvio que deve haver um diverso modo de proceder; e ele consiste em **ver** a contradição, os fragmentos, as exigências e desejos contrários, observá-los, para ver se há possibilidade de ultrapassá-los, de transcendê-los. É este **transcender** que constitui a revolução radical. Então, a mente já não se verá dividida, torturada; já não estaremos em conflito interior, nem com o nosso próximo, onde quer que ele viva, na casa vizinha, na Rússia ou no Vietnã. Oxalá possamos observar esse fato! — pois estamos tratando apenas de fatos, e não de suposições ou ideais. Os ideais não têm significado algum; são contra-sensos, invenções do espírito solerte ao ver-se impossibilitado de resolver um problema tal como, por exemplo, a violência; inventa ele, assim, o ideal da não-violência. Dada a sua incapacidade de resolver o problema da violência, criou o ideal da não-violência, ou seja nos tornarmos pacíficos, um dia, no futuro, e acontece então que a própria criação de um ideal produz mais conflito, mais luta, mais contradição.

Importa, por conseguinte, observar este fato, que os entes humanos são terrivelmente violentos, que a cultura, a sociedade em que vivemos, toda a nossa maneira de vida, com sua avidez, sua inveja e competição, geram inevitavelmente a violência. Mais importante ainda é que nos tornemos cônscios da violência em nós existente, cônscios do que é e não do que **deveria ser**; porque o **deveria ser** é uma ficção, um mito, uma idéia "romântica" que as religiões e os idealistas de todas as épocas sempre sustentaram e exploraram. De que serve o ideal da não-violência, se eu sou violento? Vede o quanto importa compreender isto! Escutai em silêncio, atentos; não rejeiteis automaticamente o que se está dizendo! Talvez sejais grandes idealistas, dedicados a uma certa causa ou ligados a uma determinada fórmula, teoria ou mito, e agora vos achais em presença de um homem que — delicadamente, porém com firmeza — vos está mostrando como tudo isso é absurdo. Claramente podeis ver que os ideais separaram os homens — o ideal cristão, o ideal hinduísta, o ideal comunista. E, segundo suas crenças, eles próprios estão divididos em numerosas seitas — católicos e protestantes, etc. O homem, por conseguinte, está sendo tolhido por seus ideais, deles é escravo e, conseqüentemente, incapaz de observar **o que é**, e sempre a pensar no que **deveria ser**.

Assim, a primeira exigência, o primeiro desafio que se vos apresenta é este, que deveis observar-vos tal como realmente sois, e não como deveríeis ser, pois é um jogo muito infantil, uma luta pueril e sem nenhuma significação; olhar, observar a violência. Sois capazes de olhar, e como o fazeis? Eis um problema dificílimo, porquanto há certos fatores que precisam ser bem compreendidos. Primeiro, devemos observar sem identificação, sem a palavra, sem o espaço entre o observador e a coisa observada; devemos olhar sem nenhuma imagem, sem o pensamento, de modo que possamos ver as coisas como realmente são. Isto é muito importante, porque, se não sabemos olhar, se não sabemos observar o que somos, então, inevitavelmente, criaremos conflito entre o que vemos e a entidade que vê. Espero que isso esteja mais ou menos claro. Observo que sou violento, no falar, nas atitudes, e em minhas atividades cotidianas, tanto em casa como no trabalho. Ora, só posso observar que sou violento, se não procuro fugir ou evitar esse fato, e decerto estou fugindo dele se busco refúgio num ideal que prescreve que não devo ser violento, visto que esse ideal nada significa. Quando, entre mim, digo que não devo ser violento, tenho então o fato — a minha violência — e o ideal, isto é, o que **deveria ser** — não violento. Conseqüentemente, dá-se um conflito entre o que **é** e o que **deveria ser**. Assim é, em geral, com a nossa vida.

Deste modo, se a encaramos com seriedade, cumpre observar a natureza e estrutura da violência em nós existente e descobrir por que razão somos violentos. O mero descobrimento da causa da violência não põe fim à violência; tampouco a análise, por mais hábil e sutil que seja, pode acabar com ela, e muito menos pode a violência ser dominada pelo pensarmos na não-violência. "Violência" é uma mera palavra, e a descrição da violência, obviamente, não é o fato. Acompanhai o que estou dizendo. Talvez não estejais habituados a esta espécie de observação ou investigação, ou prefirais que ela fique a cargo dos especialistas, para os seguirdes cegamente, criando, desse modo, esta coisa terrível que é a autoridade. Se, entretanto, quereis libertar-vos da violência, tão profundamente radicada em vós, deveis primeiro aprender sobre vossa pessoa. Isso só podeis fazer se vos observardes, não segundo Jung ou Freud ou outro especialista, pois nesse caso estareis apenas a aprender o que eles já vos disseram, e isso, de modo nenhum, é **aprender**. Se, efetivamente desejais conhecer-vos, deveis pôr de lado a confortante autoridade de outrem, e tratar de observar.

Essa observação é bem complexa, eriçada de dificuldades. A primeira delas é esta: o observador difere da coisa observada? Noto que sou violento, não apenas superficialmente, conscientemente, porém a fundo; em todo o meu ser, sou violento. Observo-o no meu falar, no meu andar, nos meus gestos, e no meu impulso ambicioso de sucesso. Neste país, principalmente, o bom êxito é exageradamente encarecido; temos de alcançá-lo, custe o que custar — o que implica violência, agressão, brutalidade. Vejo, pois, que sou violento, e essa entidade que observa é diferente, separada, da violência, da coisa que ela observa? Por favor, trabalhai também, ao mesmo tempo que o orador vai explicando. Permiti-me sugerir-vos que não fiqueis apenas escutando suas palavras, pois palavras são sem importância; o importante é ver se a mente pode, ou não, libertar-se desse terrível mal que se chama "violência"; e, quando se vê isso, a entidade que vê, o observador, difere da coisa que se está vendo, ou o observador e a coisa observada são uma só entidade? Compreendeis? O observador que diz "eu sou violento" é diferente da própria violência? Não é, naturalmente, e, portanto, que acontece? Atentai para isto, se sentis interesse! Que sucede quando o observador percebe que ele próprio é a violência que ele esteve observando? E que lhe cabe fazer para libertar-se dessa violência? Espero estejais compreendendo a complexidade deste problema, e que vós e eu estejamos em comunicação.

Notai, por favor, que não estou tentando analisar-vos — que é uma coisa muito diferente e sem nenhuma relação com esta nossa investi-

gação. Pois bem; entremos na questão, passo a passo! Quando o observador, por si próprio, descobre que ele é a coisa observada, que ele é a violência, e esta não existe separada dele, não é uma coisa que ele possa alterar ou controlar — cessa então a divisão entre o observador e a coisa observada e, conseqüentemente, o observador eliminou a causa do conflito e da contradição em si existentes. Entretanto, o fato — a violência — subsiste; sou ainda violento por natureza, todo o meu ser é violento, e é puro absurdo que uma parte de mim mesmo é pacífica e amorável, e outra parte violenta. Violência significa divisão, contradição, conflito, separação e falta de amor; mas percebi agora o fato central, ou seja, que o observador e a coisa observada são um só todo. Ora, pode a minha mente observar a imagem do que ela considera "violência", e bem assim os meus "direitos adquiridos" nessa violência? — pois a imagem que tenha a respeito de mim mesmo e da violência deve desaparecer inteiramente, para que minha mente fique livre para observar. E, depois de observar, permanece ainda o fato de que sou violento, mesmo se digo que eu e a violência formamos um conjunto. Que cumpre fazer? Quando observo que sou violento e vejo claramente que o observador é essa violência, compreendo então que não posso fazer absolutamente nada, porque toda ação, positiva ou negativa, faz ainda parte da violência.

Por outras palavras: há o problema do egocentrismo; somos imensamente egoístas, somos egocêntricos. Podemos dar-nos ao incômodo de ajudar o nosso próximo, mas, bem no fundo, trata-se daquela atividade egocêntrica. É coisa semelhante a uma árvore cuja raiz principal tem inúmeras raízes, e tudo o que a mente faz ou deixa de fazer nutre essa raiz. Está claro isto? Estamos considerando um problema complexo; portanto, permiti-me lembrar-vos o que dissemos anteriormente, ou seja que a descrição nunca é a coisa concreta. Com isso em mente, percebe-se a necessidade de estar em contato com o fato, que é aquela ação egocêntrica, existente a todas as horas dentro de cada um de nós. Essa ação é que causa a separação, o isolamento, a divisão e a fragmentação, e tudo o que fazemos dela faz parte. Assim, perguntamos a nós mesmos se não há uma ação de qualidade diferente. Entretanto, como o próprio ato de perguntar faz parte da fragmentação, compreende-se que temos de olhar para a violência em completo silêncio. **(Pausa)** — O orador vos está transmitindo alguma coisa? **(Sim)** — Por favor, não concordeis, senhor! A questão, aqui, não é de concordar nem de discordar, porém, sim, de percepção de vossa parte. Este orador pouco importa; o importante é que vós mesmos descubrais as coisas, a fim de serdes livres e não entes humanos "de segunda mão". Cumpre olhar para descobrir — descobrir se a

mente pode, ou não, libertar-se por inteiro de sua violência, orgulho e arrogância e assumir uma natureza bem diversa. Para apurardes isto, deveis olhar intimamente, e descobrir diretamente; o descobrimento será então vosso, e não de outrem, coisa ensinada por outrem — pois não há instrutor nem discípulo. Por infelicidade, a palavra "guru" anda de boca em boca neste país; em sânscrito ela significa "aquele que indica" — qual um indicador de direção, na estrada. Ora, vós não adorais esse indicador, não depositais flores a seus pés; tampouco seguis as suas indicações como se fossem ordens misteriosas, emanadas de um suposto **guru**; ele é um simples indicador, que ledes e deixais para trás.

Tendes, pois, de ser vosso próprio mestre e vosso próprio discípulo, porquanto, fora de vós, não existe nenhum instrutor, nenhum Salvador, nenhum Mestre; vós mesmos tendes de transformar-vos e, por conseguinte, cabe-vos aprender a observar e a conhecer-vos. Esse aprender acerca de si próprio é uma atividade fascinante, proporcionadora de grande alegria; é aprender sobre a violência, que faz parte da estrutura de vossa vida. E, para aprender, a mente deve ser livre; ela não pode aprender algo da violência se previamente acumulastes conhecimentos a seu respeito. Pensamos que acumular conhecimentos é aprender; adquirir conhecimentos e **aprender** são duas coisas diferentes. O médico, o cientista, o engenheiro, acumularam conhecimentos, que vão aumentando à medida que se fazem novas descobertas; sua ciência, por conseguinte, se torna um depósito, uma tradição. Isso não é aprender. Só é possível aprender num estado de constante movimento; só há aprender **no presente ativo**. Aprender é um movimento, quer estejais aprendendo em conjunto com outros, quer aprendendo sozinho. Tem-se de aprender constantemente, e não, **tendo aprendido**, aplicar o que se aprendeu, o que se acumulou. Isso não é aprender, é mera acumulação de conhecimentos.

Encerra o aprender um grande júbilo; não há desesperar-vos com o que vedes, porque não o comparais com o ideal, que **deveria ser**: só há **o que é**, e observar o que é é aprender infinitamente. Tudo está contido em vós; como este que vos fala, não tendes necessidade de ler nenhum livro, porque o homem é tão velho como aqueles montes — mais velho ainda. Ele é um ente vivo, e um ente vivo não deve ser condicionado. Mas nós o condicionamos, e eis por que nossa vida se tornou uma tortura, uma luta sem nenhuma significação.

Não sei se desejais fazer perguntas. Fazer uma pergunta requer que sejais completamente céticos a respeito de tudo, inclusive do que está dizendo este orador, que não é nenhuma autoridade. Devemos ser céticos, embora, naturalmente, devamos saber quando "soltar o

freio", a fim de não sermos **sempre** céticos. Naturalmente, deveis fazer perguntas, perguntas corretas, o que é dificílimo. Notai que não quero impedir-vos de interrogar-me. Muito importa fazer uma interrogação fora do comum, que exija tudo de vós, a qual seja verdadeira para vós, **não** para o orador ou outro qualquer. Cumpre, naturalmente, formular questões dessa espécie, porém, ao mesmo tempo, não deveis aguardar a resposta de outrem, porque ninguém pode responder-vos.

Só os tolos dão conselhos. Assim, peço-vos fazer perguntas sérias, e não perguntas descabidas, sem profundeza nem significação.

INTERROGANTE: Falastes sobre o silêncio, e há ocasiões em que minha mente fica em silêncio; mas, que é esse silêncio a que aludistes?

KRISHNAMURTI: O orador pode dizer-vos o que é esse silêncio; porém, se não é **vosso** silêncio, ele pouco significará!

O silêncio é absolutamente necessário, para olhardes, escutardes, observardes; se vossa mente está a fazer barulho — e nossa mente está perpetuamente a tagarelar — que possibilidade tendes de escutar? Que possibilidade tendes de olhar uma árvore, uma nuvem ou um pássaro, sem aquele silêncio? Se desejais olhar uma árvore ou a luminosidade de uma nuvem, vossa mente deve estar em silêncio; mas não deveis forçá-la, só porque desejais ver a beleza da árvore. É muito importante olhar, ver, sem a imagem, e deveis estar em silêncio para olhardes vosso marido ou vossa esposa. É só em silêncio que se aprende, e o Amor é o silêncio absoluto.

Esse Amor nos é desconhecido, porque o pensamento, que gerou o prazer e o medo, projeta sua sombra em tudo. Aquele silêncio faz parte da meditação (não vamos tratar desta matéria agora, porque é vasta demais), mas se não compreendemos a meditação, sua beleza, seu êxtase, a verdadeira bênção que ela é, a vida é sem significado. A meditação não é uma coisa separada da vida cotidiana, nem consiste em aprender um certo artifício num mosteiro, seja do Zen, seja de outra religião; a meditação é uma maneira de vida, e faz parte daquele imenso silêncio a que nos estamos referindo. Durante estas três palestras públicas, talvez possamos considerar a meditação, e também o amor e a morte.

INTERROGANTE: Podemos examinar a questão da observação sem observador?

KRISHNAMURTI: Que é o observador? Vejamos! Examinemos juntos esta questão. Não vos limiteis a ouvir e aceitar ou rejeitar. Façamos juntos a jornada. Que é o observador? O observador é a experiência, não importa se de ontem se de há um milhar de "ontens". O obser-

vador é conhecimento acumulado, memória; o observador é, essencialmente, a tradição, o pretérito, as cinzas frias de muitos milhares de dias idos. O observador é aquele que diz: "Fui ofendido, estou enraivecido, insultaram-me, este é meu ponto de vista, esta é minha opinião"; aquele que pensa, e vive emaranhado em fórmulas; tudo isso constitui o observador. Assim, o observador é essencialmente o passado; e pode-se olhar, observar sem o passado? Podeis observar uma árvore — comecemos com uma coisa simples! — podeis observar uma árvore, uma nuvem, um pássaro no ar, sem o passado, quer dizer, sem a palavra, sem vossos conhecimentos, sem as imagens que tendes sobre a árvore, sobre o pássaro? Podeis olhar **sem o passado**? É relativamente fácil olhar um objeto familiar sem o pretérito, sem o ontem, mas podeis olhar vossa esposa ou vosso marido sem a imagem do passado, sem a lembrança de ofensas, importunações, disputas, brutalidades, de prazeres e deleites, e sem as exigências, as esperanças e temores ocultos, não-manifestados? Podeis olhar sem nada disso, de modo que estejais olhando com olhos novos? Isso é bem difícil, porque exige atenção, requer a energia do aprender.

Nós, entes humanos, não estamos em relação uns com os outros, com os nossos maridos ou nossas esposas, por mais intimamente que estejamos vivendo, por mais vezes que tenhamos dormido juntos. Nós temos imagens, e a relação é entre imagens e não entre seres humanos, pois estes são entes vivos e é perigoso, inseguro, ter relações com um ser vivo. Acima de tudo, queremos estar bem seguros em nossas relações. Eis por que dizemos "**Conheço** minha mulher, meu marido, meu vizinho, meu amigo". Olhar sem o observador, isto é, olhar sem o passado, sem a memória, sem as esperanças, os temores, os prazeres e gozos, tristezas e desesperos, acumulados através do tempo — olhar dessa maneira é o começo do amor.

8 de novembro de 1968.

O MEDO

(2)

Em nossa última reunião estivemos considerando a questão da violência e quão preponderante ela se tornou em nossa vida, da infância à morte. Essa violência, essa agressividade, essa brutalidade, prevalece em todo o mundo — não só no indivíduo, traduzida em ódio e falsa lealdade, mas também exteriormente, com a nossa aceitação da guerra como a norma da vida. A violência se originou do direito de propriedade, dos direitos sexuais, e das diferentes crenças ideológicas. Com tudo isso estamos bem familiarizados, vemo-lo muito claramente.

Todas as religiões mandam: não matar, ser bondoso, compassivo, etc., mas as religiões organizadas não têm nem nunca tiveram significação. Vemo-nos pois, em presença deste problema — o problema da violência — e não podemos deixar de perguntar se o ente humano tem alguma possibilidade de, não só em suas relações pessoais, mas também em suas relações com a sociedade, libertar-se completamente dessa violência. Esta não é uma pergunta teórica ou intelectual, porquanto se trata de um problema real que se apresenta a cada um de nós, tanto psicologicamente, interiormente, como exteriormente, no lar e no trabalho. Em todas as atividades existe esse espírito agressivo, gerador de ódio e animosidade. Indagamos, pois, se é possível desarraigar completamente, não só no nível superficial, consciente, senão também nos níveis mais profundos da mente, essa violência, para podermos viver em paz uns com os outros e ultrapassarmos as divisões nacionais, a separação religiosa, os dogmas, crenças, teorias e ideologias.

Consideremos agora o problema sob outro aspecto. Uma de nossas principais dificuldades parece-me ser esta que, embora dotados de abundante energia, carecemos do impulso, da vitalidade e do entusiasmo necessários a operarmos a transformação de nós mesmos. Afinal de contas, o conhecimento próprio (não de acordo com este ou aque-

le especialista) é dentre todas a coisa mais importante, a base de qualquer ação. Se não nos conhecermos, se não nos penetrarmos do espírito meditativo em nós existente, nenhuma base teremos e toda ação se tornará fragmentária, contraditória. É desse estado de contradição que nasce o conflito que aflige cada um de nós. Tudo o que fazemos, tudo o que pensamos, tudo o que tocamos, gera conflito e luta, desperdiçando-se assim, de várias maneiras, a energia de que tanto necessitamos para a revolução interior, a revolução psicológica. Esta revolução significa libertar-nos completamente do nosso conflito; mas isso não quer dizer que iremos viver satisfeitos, vegetando ou levando a plácida existência de uma vaca. Pelo contrário, quando não é utilizada para fins maléficos, como acontece atualmente, essa energia é o elemento transformador no autoconhecimento. Embora os antigos gregos, e também os hinduístas e budistas, tenham dito "Conhece-te a ti mesmo", muito pouca gente até hoje cuidou disso. Para nos conhecermos não necessitamos de nenhuma autoridade, seja da Igreja, seja de um Salvador ou Mestre, seja de um especialista; o que se tem de fazer — quando se é realmente sério e ardoroso — é, tão-só observar — não apenas criticamente, mas também com uma mente que esteja livre para aprender. **(Uma criança começa a chorar).** Quem pode fazer-se ouvir?

Na Índia, onde falo ao ar livre, três ou quatro mil pessoas trazem consigo os filhos; também comparecem estudantes, mendigos — seres humanos de toda espécie. A maioria não entende inglês, porém acha importante, louvável, tomar parte numa assembléia religiosa. Conseqüentemente, faz-se muito barulho, para o qual ainda contribuem os corvos e outras aves. Todos participam nesse gênero de reunião, não só os pássaros e as crianças, mas também os que sabem pouco e não entendem muito; mas, ainda assim, é sempre bom tomar parte numa reunião dessas. Aqui, onde se fala e entende o inglês, vale a pena e tem importância que crianças e velhos, e também indivíduos de meia-idade, se reúnam para considerar séria e intimamente os problemas que defrontam cada um de nós.

Por infelicidade, não somos suficientemente sérios, pois temos preconceitos e conclusões, que nos impedem de examinar-nos; nossa experiência e bem assim o nosso saber atuam como barreiras e, por conseguinte, se pudermos escutar com uma mente ardorosa e disposta a investigar, então, nesse estado de comunhão, não ficaremos meramente a ouvir palavras ou a colecionar idéias novas, porém estaremos penetrando fundo em nós mesmos e aprendendo a nosso respeito.

Por certo, aqui nos reunimos com o intuito de estudar-nos profundamente e descobrir-nos, e não de ser informados sobre o que

devemos fazer e o que devemos pensar (coisa tão pueril), nem de criar mais uma autoridade, mais um **guru**, etc., etc. O autodescobrimento não consiste em perguntarmos "quem sou eu?", mas, sim, em nos observarmos, tal como observamos nosso rosto num espelho; observarmos nossas ações, nossos gestos e as palavras que empregamos; observarmos a maneira como olhamos uma árvore, um pássaro ou uma nuvem que passa; observarmos nossa esposa, nosso marido, nosso vizinho. Começamos, assim, por meio da observação, a descobrir o que somos, pois nunca somos estáticos; não há em nós nada de permanente, embora os teólogos e outros indivíduos "piedosos" afirmem que há — mas isso não é mais do que uma teoria, uma idéia. Cumpre, pois, investigar, com alegria e liberdade, se a mente — a mente humana que vive há milhões de anos, que tão condicionada foi por milhares de experiências, que abraçou e aceitou tantas idéias e ideologias — se essa mente é capaz de penetrar em si própria e descobrir se tem, ou não, possibilidade de libertar-se completamente da violência.

Consideremos agora de maneira diferente este problema. Enquanto houver medo, haverá necessariamente violência, agressão, ódio e cólera. A maioria das criaturas têm medo, não só exterior, mas também interiormente, conquanto o exterior e o interior não sejam separados, sendo em verdade um só movimento. Assim, se compreendermos o interior, sua configuração e natureza, e a inteira estrutura do medo, será então bem possível criarmos uma sociedade diferente, uma diferente cultura, já que a sociedade atual está corrompida e sua moralidade é imoral.

Cabe-nos, pois, averiguar, não ideológica ou intelectualmente (como uma espécie de entretenimento), cabe-nos averiguar, descobrir por nós mesmos se temos, ou não, a possibilidade de nos libertarmos do medo. Há diferentes formas de medo: medo do escuro, medo de perdermos o nosso emprego ou os meios de sustento, medo de que se descubra que praticamos no passado um certo ato vergonhoso, medo da esposa ao marido, medo do marido à esposa, medo dos pais aos filhos, medo de não ser amado, medo da velhice, da solidão, da morte — tantas formas de medo! Assim, a menos que o compreendamos, este fato central que é o medo, ficaremos vivendo na escuridão e, por conseguinte, jamais nos livraremos de nossa brutalidade, de nossa agressividade, nossa inveja e competição.

Que é o medo? Qual o estado real, não as várias formas de medo? Qual a causa do medo? Notai, por favor, como já dissemos, que este orador não é nenhum analista, não está fazendo uma espécie de análise coletiva. A análise não nos interessa, absolutamente, porque,

como vereis mais adiante, análise é desperdício de tempo. A análise pede um analista e uma coisa para analisar, enquanto o próprio analista é a coisa analisada. O analista não pode separar-se da coisa que deseja analisar e, assim, observando-se esse fenômeno, pode-se ver o enorme desperdício de tempo que é a análise. Podeis, se sois rico e vos dá gosto, entreter-vos com ela, como uma espécie de jogo; mas, se desejais verdadeiramente transcender a natureza e a estrutura do medo, extirpá-lo de todo, não deveis observá-lo por meio de nenhum processo analítico ou com um propósito intelectual, porém diretamente. Para compreenderdes qualquer coisa, principalmente uma coisa viva, cumpre-vos observá-la com uma mente viva, e não com o saber morto, com uma coisa já aprendida e sabida.

É isso, pois, o que vamos fazer aqui e, escutando, não estareis escutando este orador, que nenhuma importância tem. Ele é como o telefone: sem nenhuma importância! O importante, sim, é o que o telefone transmite. É necessário, pois, observardes a vós mesmos, observardes vossa própria mente mediante as palavras do orador, dele vos servirdes como se fosse um espelho. E, quando vos observardes como um ente humano fortemente condicionado pelo passado, todo emaranhado nas redes da tristeza e da aflição, dessa observação resultará uma compreensão que produzirá uma ação de qualquer bem diferente. Esta ação é que juntos vamos explorar, examinar, considerar — não como mestre e alunos ou como **guru** e discípulos, mas como amigos desejosos de resolver os imensos problemas da vida cotidiana. Se não lançarmos uma base sã, adequada, justa, não será possível ir longe, não haverá possibilidade de meditar ou de descobrir o verdadeiro.

Para lançarmos a base correta, de modo que possamos ser a luz de nós mesmos, cumpre-nos compreender o medo. Que é o medo? Não se trata de dominar o medo. Não sei se já notastes que tudo aquilo que precisa ser dominado tem de ser dominado de novo, vezes sobre vezes. Se alguma vez conseguistes vencer alguma coisa — qualquer coisa, qualquer inimigo interno ou externo — vos vedes constantemente obrigado a tornar a vencê-lo. Nós aqui não queremos dominar o medo, nem tampouco reprimi-lo ou alterá-lo, porém estamos tentando compreendê-lo, descobrir o que ele realmente é e como se origina. Que é, pois, este medo — medo do que **foi**, medo de ontem, medo do amanhã, medo de não ser e de não vir a ser, isto é, o medo dentro do tempo. Se vos vedes frente a frente com um desafio, com uma enorme crise em vossa vida, não há então nem ontem nem hoje: agis **instantaneamente**, não é verdade? É o pensar no que ontem sucedeu ou no que poderá acontecer amanhã, que gera o temor; porém, quando vossa

ação é imediata, não podeis pensar no que está acontecendo **agora**, neste instante; o pensamento não tem entrada no presente ativo. Só depois de acabada a ação pode-se pensar no que poderia ter acontecido, pode-se pensar no passado ou no futuro. Por conseguinte, a causa do temor é o pensamento: o pensar no passado e no futuro, o pensar no ontem e no amanhã. Ontem padecestes dores, e amanhã elas poderão voltar; amanhã poderei perder o meu emprego; por isso, sinto medo. Observai vossa própria mente e coração! Fazei vós mesmos esse exame e vereis como tudo se tornará simples! Se não o fizerdes, neste caso tudo se tornará extremamente complexo e sem nenhuma significação. O pensamento, pois, gera medo — o pensar que eu talvez não consiga alcançar sucesso na vida; o pensar que não sou amado e na minha extrema solidão; o pensar que se descubra um certo ato vergonhoso que cometi; o pensar em perder alguma coisa que me é preciosa e cara. Dessarte, o pensamento traz sempre, na sua esteira, pesares e desespero. Além de ser a fonte do medo, o pensamento é também a fonte do prazer. O pensar numa coisa que vos proporciona deleite dá nutrição e substância a esse prazer. Quando vedes o pôr-do-sol, por uma bela tarde, ou a luz do alvorecer nos montes, e absorveis toda a beleza e encantamento desse espetáculo; ou quando, no meio de completa quietude e silêncio, ouvis o grito de uma codorniz — quando isso acontece, não há, no exato momento da percepção, nenhum pensamento, mas, tão só, uma apreensão total das coisas. Entretanto, tão logo começais a pensar nesse deleite, tão logo voltais a ele, dizendo: "Preciso repeti-lo, prender de novo sua beleza" — então, esse pensar vos faculta mais prazeres. Como vemos, o pensamento gera prazer e gera medo. Este é um óbvio fato psicológico que aceitamos intelectualmente, mas tal aceitação não tem valor, porquanto o prazer contém o germe do medo; por conseguinte, prazer é medo.

Reparai nisto! Não digo que deveis privar-vos do prazer. Todas as religiões do mundo sempre condenaram o prazer, sexual ou de outra espécie; nós não o estamos condenando. O homem verdadeiramente religioso não nega nem reprime: aprende, observa.

Assim, o pensar no que sucedeu ou poderá suceder produz medo, como, por exemplo, o medo da morte — que queremos muito longe de nós, no futuro distante, mas que sempre está presente. O mesmo acontece ao pensarmos em algum erro que antes cometemos, do qual outros possam tirar vantagem, ou quando pensamos no prazer do sexo e mantemos viva a sua imagem. Esse pensamento a respeito de uma coisa causa medo ou prazer.

Apresenta-se, assim, a questão: É possível vivermos a vida de cada dia sem nenhuma interferência do pensamento? Esta pergunta não é

tão absurda como parece; ao contrário, é uma pergunta muito importante, porque, através das idades, o homem sempre endeusou o pensamento e o intelecto, em tantos livros, com suas brilhantes teorias, em tantas obras teológicas, com seus conceitos relativos a Deus e à maneira de viver virtuosamente. Esses "entendidos" e especialistas vivem como atados a uma estaca, impedidos de ir longe pelo seu condicionamento. Quaisquer que sejam os seus pensamentos, são entes limitados. E seus deuses, seus dogmas e rituais, visto que resultam de dez mil anos de propaganda, nada significam. O homem endeusou o pensamento, colocou-o num pedestal. Considerai a imensa quantidade de livros que já se escreveram!

Pois bem; que é o pensamento, e qual a sua importância? Sei que há indivíduos que mandam "matar a mente". Não se pode matar a mente, não se pode abandonar o pensamento tão facilmente como se despe uma peça de roupa. Tendes de compreender esse extraordinário processo do pensar — do **vosso próprio pensar** — não pelo estudo de livros ou pelo ouvirdes conferências a respeito do pensamento. Ao pensardes, de onde vem esse pensar? Quando é necessário o pensamento, e quando não é? Quando é ele um impedimento e quando uma ajuda? Tendes de descobrir essas coisas diretamente, sem serdes guiados por este orador ou outra autoridade qualquer.

Como bem sabeis, o mundo se está tornando cada vez mais autoritário, não só religiosa e politicamente, mas também psicologicamente. Necessita-se, é natural, de uma certa espécie de autoridade em assuntos técnicos; porém, exercer autoridade em matéria religiosa e psicológica é uma verdadeira abominação; o homem não é então livre e jamais poderá sê-lo. E a liberdade é de absoluta necessidade. Como pode ser livre a mente medrosa? Anuviada por seu perpétuo pensar e "tagarelar", como pode a mente ser alguma vez livre, para olhar, investigar, viver, e conhecer aquele êxtase que não é prazer? Que é, pois, o pensamento, e pode o pensamento cessar num certo nível e continuar a funcionar, noutros níveis, de maneira racional, sã, objetiva, sem emoção, impessoalmente? Isto é, o conhecimento do universo e das coisas é necessário — a ciência. Mas, observa-se também que o pensamento gera medo e prazer; portanto, pergunta-se: "Este pensamento pode terminar?" — Assim, mais uma vez, cabe-vos **descobrir**, por vós mesmos, para que deixeis de ser entes humanos "de segunda mão" — como agora sois. Que é o pensamento? Ora, isto é muito simples: O pensamento é a reação da memória. Alguém vos faz uma pergunta familiar e respondeis imediatamente; e, se a pergunta é um pouco mais complexa, precisais de tempo para responder. Durante o intervalo entre a pergunta e a resposta, a memória está em ação e, dessa base, res-

pondeis. O pensamento, pois, é reação da memória, e a memória um depósito de milhares de experiências, tanto conscientes como inconscientes. Isto é, o inconsciente é o imenso repositório da memória da raça, da tradição, seja cristã, seja hinduísta ou budista, onde se oculta a acumulação de muitos séculos; e a mente consciente é o depósito dos conhecimentos que adquiristes. Em virtude dessa estrutura da memória estais condicionados, e reagis com esse condicionamento; se estais condicionados como republicanos, democratas ou comunistas, é com esse fundo, com essa memória, que reagis. Se fostes criados como cristãos, doutrinados pela propaganda da Igreja, com seus dogmas e rituais, é de acordo com essa memória, com esse condicionamento, que reagis. Ou, se sois hinduístas, reagis com vosso fundo de deuses e pujas e ritos do templo, etc. Acompanhai, por favor, esta explicação. Poderá parecer muito complicada, mas só verbalmente o é. O pensamento, pois, é a reação das células cerebrais, que acumulam conhecimentos como experiência; e, tendo-se separado, o pensamento se dividiu em pensador e pensamento. O pensador diz: "Eu tenho medo"; o pensador, o **eu**, está separado da coisa de que tem medo, do próprio medo, e, conseqüentemente, existe esta dualidade, esta divisão: pensador e pensamento, observador e coisa observada, experimentador e coisa experimentada. Essa dualidade ou divisão, essa separação é a causa do esforço, a fonte de onde emana o esforço. Além da óbvia dualidade — homem e mulher, preto e branco — existe uma dualidade interior, psicológica, representada pelo observador e pela coisa observada, o experimentador e a coisa experimentada. Nessa divisão, em que estão compreendidos o tempo e o espaço, acha-se contido todo o processo do conflito. Isso vós mesmos podeis observar. Vós sois violentos — um fato — e tendes também o conceito ideológico da não-violência e, conseqüentemente, dualidade. "Ora", diz o observador, "eu posso tornar-me não-violento"; esse esforço para tornar-se não-violento é conflito, desperdício de energia; mas, se o observador estiver totalmente cônscio dessa violência — sem o conceito ideológico da não-violência — estará então em condições de resolver imediatamente o problema da violência.

Cabe-nos, por conseguinte, observar esse processo dualista em ação, em nosso interior: a divisão em "eu" e "não eu", observador e coisa observada. Foi o pensamento que efetuou essa divisão. É ele quem diz: "Estou insatisfeito com o que **é** e só poderei satisfazer-me com o que **deveria ser**; é o pensamento que, tendo fruído uma certa experiência, diz: "Preciso repeti-la". Existe, pois, em cada um de nós, esse processo dualista, contraditório. Esse processo é um desperdício de energia. Por conseguinte, perguntamos a nós mesmos (espero o

estejais fazendo) por que existe esta divisão? Por que existe este esforço constante entre o que é e o que **deveria ser**? É possível erradicar de todo **o que deveria ser**, o ideal, que é o futuro e também **o que foi**, o passado, com o qual se constrói o futuro? Existe realmente um observador a não ser o próprio pensamento, dividido em observador e coisa observada? Podeis olhar esta questão e pô-la de lado, ou podeis olhá-la e examiná-la profundamente, porque, enquanto existir observador tem de haver divisão e, por conseguinte, conflito. O observador é sempre o passado: nunca é novo. A coisa observada pode ser nova, mas o observador a traduz sempre de acordo com o "velho", o passado, e, assim, o pensamento nunca poderá ser novo e, portanto, livre. Ele é sempre "o velho" e, dessarte, quando endeusais o pensamento, estais endeusando uma coisa morta. O pensamento é como os filhos de uma mulher estéril. E os que são tidos por grandes pensadores estão, em verdade, vivendo do passado; por conseguinte, são entes humanos mortos.

O pensamento, pois, criou o prazer e também o medo, e este gerou a violência. Deste modo, o problema é: existe o medo e existe a violência; e, se os consideramos meramente na base de palavras, de descrições, não lhes poremos fim. Vejo claramente como o pensamento gerou esse medo. "Posso perder uma certa coisa que me é muito preciosa" — eis o pensamento a gerar medo! Se o pensamento reprime a si próprio, dizendo "Não quero pensar nisto" — o medo continua existente. Existe medo, e o pensamento não pode ser reprimido; isso poderia resultar numa forma aguda de neurose.

Que sucede quando o observador é a coisa observada? Compreendeis esta pergunta? O observador é o resultado do passado, do pensamento; e a coisa observada, ou seja o medo, é também resultado do pensamento e, assim, tanto o observador como a coisa observada são produtos do pensamento. Ora, não importa o que o pensamento faça em relação a esse estado de medo — se o aceita ou reprime, se interfere e tenta sublimá-lo — o que quer que ele faça só irá dar continuidade ao medo, em forma diferente. Assim, o pensamento observando esse processo em sua inteireza; aprendendo profundamente a respeito de si mesmo (sem ser ensinado por outrem); vendo, por si próprio, a natureza e a estrutura do medo — percebe então que tudo o que faz em relação ao medo só dá nutrição ao medo. Que acontece então, que resulta dessa compreensão?

Espero estejais prestando atenção a tudo isto. Já observei o medo — que é pensamento — e já observei o prazer. Pois bem; o observador é a coisa observada, embora o pensamento tenha separado o observador e a coisa observada. Vejo isso com clareza; há uma

compreensão desse fato, não como conceito intelectual, porém como uma realidade verdadeira, e, assim, que sucede? A compreensão não é intelectual e, por conseguinte, é a mais elevada forma da inteligência; ser inteligente dessa maneira significa ser altamente sensível, cônscio da natureza e da inteira estrutura do medo. Se reprimo o medo ou fujo dele, não há então a percepção sensível do medo e de tudo o que ele implica. Por conseguinte, cumpre-nos aprender a respeito do medo, e não fugir dele; só posso aprender acerca de alguma coisa quando estou em direto contato com ela, e isso só pode ocorrer se sou capaz de olhar livremente. Essa liberdade é a mais alta forma de sensibilidade, não só física, mas também intelectualmente; o próprio cérebro se torna altamente sensível. Essa compreensão é inteligência, e esta inteligência é que irá atuar; com ela não existe medo; o medo só aparece na ausência da inteligência. Isso precisa ser compreendido num nível muito profundo e não apenas verbalmente, porque, como já dissemos, a palavra não é a coisa, e a descrição nunca é a coisa descrita. Podeis descrever um prato de comida a um homem faminto, mas as palavras, a descrição não lhe matarão a fome. Essa inteligência é a mais alta forma de sensibilidade, não só no nível físico (aqui estão implicadas muitas coisas que infelizmente não temos tempo para examinar), mas também no nível psicológico, profundo, e é essa inteligência que constitui a base da virtude. Hoje em dia, ao que parece, quase todo o mundo menospreza a palavra "virtude", tal como menospreza as palavras "humildade" e "bondade"; perdeu-se de todo o significado dessas palavras. Mas, sem virtude não pode existir ordem; não nos referimos à ordem política ou econômica, porém a uma coisa inteiramente diferente. A ordem a que aludimos é virtude — não a chamada virtude ou moralidade da Igreja ou da sociedade, baseada na autoridade. A moralidade da Igreja e das religiões organizadas é imoral, porque transige com a sociedade; para essas organizações a virtude é um ideal, mas a humildade não é cultivável. A ordem, pois, é virtude, e essa ordem só virá ao compreendermos o processo negativo da desordem em nós existente, ou seja a contradição, a divisão criada pelo processo do pensamento. A menos que compreendamos a fundo esse estado de ordem, de virtude, e estabeleçamos as suas bases em nós mesmos, não teremos possibilidade de examinar a questão da meditação, nem de descobrir o que é o amor e o que é a Verdade.

E, agora, se tendes tempo e disposição, podeis fazer-me perguntas, para exminarmos juntos estes assuntos.

INTERROGANTE: Podeis explicar a verbalização ocorrente em nosso interior ao desejarmos olhar com clareza determinada coisa?

KRISHNAMURTI: A mim me pergunto se já nos observamos interiomente, se já observamos quanto estamos escravizados às palavras, à verbalização. Por quê? Somos incapazes de olhar qualquer coisa — uma nuvem, uma ave, aqueles montes maravilhosos, nossa esposa ou nosso marido — sem esse processo de verbalização. Por quê? Por que razão não podemos olhar alguma coisa sem nenhuma imagem? A compreensão disso constitui um problema bastante complexo. Por que é que tudo olhamos através de uma imagem, ou seja da palavra? Por que olho minha esposa, ou meu marido, ou meu amigo, com uma idéia antecipada? Minha esposa faz-me tantas coisas — possuiu-me, irritou-me, ameaçou-me ou importunou-me, insultou-me e abandonou-me. E, gradualmente, com o decorrer do tempo, fui juntando tudo isso, que se tornou memória; e recordando-me de todos esses agravos, eu a contemplo. Se me é permitido dizê-lo, este orador goza de certa reputação e, mediante essa imagem, vós o olhais; por conseguinte, não estais de modo nenhum olhando o orador; olhais através da imagem que dele tendes, sendo essa imagem a palavra, a idéia, a tradição. Assim, pode-se olhar alguma coisa sem nenhuma imagem? Podeis olhar alguém dessa maneira? Podeis olhar, sem a imagem, para vossa esposa, ou vosso marido, para o homem que mora do outro lado do vale, para o homem que vos insultou ou elogiou?

Só tendes a possibilidade de olhar sem imagem quando compreendestes a natureza da experiência. Que é experiênca? **(Pausa)** Espero que estejais trabalhando junto comigo, e não apenas a ouvir palavras! Deveis compreender o que é experiência, porque é esta experiência acumulada que está a todas as horas a formar imagens. Que é, pois, experiência? A palavra "experiência" significa "viver um estado completamente", mas isso nunca fazemos. Consideremos o assunto no nível mais simples: vós me insultais e a experiência fica, deixa uma marca em minha mente, torna-se parte de minha memória e, por conseguinte, sois meu inimigo, não gosto de vós. A mesma coisa acontece se me lisonjeais; sois então meu amigo, a memória da lisonja fica, tal como ficou a do insulto. Tende a bondade de acompanhar-me atentamente! Posso, no momento em que sou lisonjeado, "viver esse estado plenamente", de modo que a experiência não deixe marca nenhuma no meu espírito? Isso significa que, ao me dirigirdes um insulto, eu o ouço, o olho totalmente, completamente, objetivamente e sem emoção, assim como estou olhando este microfone; significa que lhe dispenso inteira atenção, com toda a minha mente e coração, a fim de verificar se o que estais dizendo é verdadeiro e, se não o for, por que razão conservá-lo? Isso não é uma teoria; a mente nunca será livre enquanto houver qualquer forma de

pensamento conceptual ou formação de imagens. A mesma coisa faço se me lisonjeais, se dizeis que sou um maravilhoso orador. Escuto-o, com todo o meu ser **enquanto falais**, e não depois, a fim de descobrir por que o estais dizendo e que valor tem o dizerdes que sou ou não um extraordinário orador; desse modo, ponho fim tanto ao insulto como à lisonja. Entretanto, a coisa não é tão simples assim, porquanto gostamos de viver num mundo de imagens, imagens de gosto e de desgosto; vivemos com essas imagens e nossa mente está perpetuamente a fazer barulho, a verbalizar, de modo que nunca olhamos para nossa esposa ou nosso marido, para a montanha, com uma mente livre, e só a mente inocente é capaz de olhar.

INTERROGANTE: Como podemos livrar-nos dessa divisão interior?

KRISHNAMURTI: Em primeiro lugar, permiti-me sugerir-vos: **Não vos livreis de coisa alguma!** Livrar-se de uma coisa é fugir. Vós tendes de olhá-la, de examiná-la! Pois bem; em nós existe essa divisão de gosto e desgosto, amor e ódio, meu e não-meu. Por quê?

Chegamos agora a um ponto importante: Pode-se compreender ou descobrir alguma coisa por meio de análise? Vejamos! Existe este problema da divisão, da contradição em nós existente, e eu desejo compreendê-lo, examiná-lo, descobrir se a mente tem possibilidade de ficar de todo livre de fragmentação. Ora, posso descobrir isso mediante análise? Essa divisão cessará graças à análise? A análise, por certo, implica um analista e a coisa que vai ser analisada; por conseguinte, o analista é diferente da coisa analisada e, portanto, há divisão. Assim, pode a fragmentação em nós existente cessar por meio da análise, a qual naturalmente é pensamento, ou isso acontece por meio da percepção direta?

Só podemos ter percepção direta quando não há condenação da divisão, quando não há avaliação, dizendo-se "Devo ficar no estado em que não há divisão, tenho de realizar a harmonia". Não podemos realizar tal harmonia enquanto existir essa divisão entre nós e harmonia como idéia, porque essa divisão criada pelo pensamento gera mais divisão.

Desde a antiguidade se dizia que há Deus e o homem — a eterna divisão! Posteriormente se disse que Deus não está "lá fora", porém aqui, dentro de nós — mais uma vez a divisão entre nós e o Deus existente em nosso interior. O Deus que antes existia numa árvore, numa pedra, numa estátua, venerado como o Salvador, o Mestre, estava dentro de nós: nós **somos** esse Deus. E, então, Ele nos diz: "Não faças isso, sê "harmonioso", sê bondoso, ama o próximo."

Mas não podemos fazê-lo porque existe uma separação entre nós e o próprio Deus.

O pensamento, pois, é a entidade que separa e, por meio do pensamento, isto é, da análise, esperamos atingir aquele estado em que não existe divisão; não podemos atingi-lo, porque isso só é possível quando a própria mente vê e compreende todo este processo e se torna, assim, completamente tranqüila. Esta palavra "compreensão" é muito importante; uma descrição não pode criar compreensão, nem tampouco o descobrimento da causa de uma dada coisa. O que é que traz a compreensão? Que é compreensão? Já alguma vez notastes que quando vossa mente escuta tranqüilamente — sem argumentar, julgar, criticar, avaliar, comparar, apenas escuta — já notastes que, neste estado, a mente está em silêncio e só então vem a compreensão? Existe em nosso interior esta divisão, esta perpétua contradição, e devemos simplesmente percebê-la, porque qualquer coisa que fazemos causa divisão. Assim, a negação total é ação completa.

10 de novembro de 1968.

MEDITAÇÃO

(3)

Sendo esta a última palestra, desejo tratar de um assunto que poderá parecer-vos um tanto estranho, ainda que, talvez, já tenhais ouvido a palavra e lhe dado um especial significado. Refiro-me à meditação, uma das coisas mais importantes que cumpre compreender, pois, se formos capazes de compreendê-la, estaremos, talvez, aptos a compreender todo o complexo problema da existência, e a **vivê-la**. Na existência se incluem todas as relações, não só as relações entre nós e nossa propriedade, mas também nossas mútuas relações e bem assim a nossa relação, se há, com a Realidade.

Nesta nossa existência agitada e complexa, a compreensão é absolutamente essencial. Não estou empregando a palavra "compreensão" em seu sentido literal, porquanto, para mim, "compreensão" significa o **próprio agir**; não tendes de compreender primeiro para depois agir, mas compreender é agir, é ação. Uma coisa não está separada da outra.

Na compreensão de todo este problema é bem possível que se nos depare também a palavra "Amor" e, talvez, aquela coisa que tanto terror causa à maioria dos entes humanos: a morte.

Trata-se, pois, de expormos, de examinarmos, todos juntos, esta questão da vida, da existência, na qual se incluem todas as relações, o amor e a morte. A meditação oferece o meio de acesso à compreensão deste problema do viver, não apenas como um fenômeno, senão ainda como uma coisa de imensa significação, digna de ser amada e profundamente vivida; meditar, com efeito, **é viver**. Muita gente, entretanto, entende a meditação como uma fuga da vida: recolher-se a um mosteiro, adotar trajos especiais, retirar-se completamente das complexas atividades do viver. Há certas escolas na Índia e noutros países da Ásia que oferecem métodos, sistemas, práticas, que talvez possam dar maior sensibilidade e, se se deseja ter visões,

possibilitar a fuga para uma certa existência misteriosa, metafísica, que, afinal, é a mesma e sórdida existência de antes. Mas, na meditação não há prática, nem sistema, nem método; ela não é um alheamento da vida e seus deleites, suas tristezas e desespero, nem tão pouco uma fuga para um certo mundo místico, irreal, romântico, criado pela imaginação do próprio indivíduo.

Não estamos, portanto (este orador, pelo menos, não está), empregando aquela palavra como um meio de fuga, porém sim como um meio de compreensão de toda a existência. Tem então a meditação uma alta significação, torna-se uma bênção, uma coisa maravilhosa que impende compreender no nível mais profundo. Essa palavra está atualmente muito em moda, anda nos lábios de todo o mundo, até dos próprios nova-iorquinos e dos cavalheiros que usam longos cabelos. Aquelas escolas, pois, nos oferecem um método, um sistema, dão-nos palavras para repetir — **mantras** — e garantem-nos que por esse meio transcenderemos todas as nossas tristezas e alcançaremos uma certa e maravilhosa realidade — e tudo isso, afinal, é rematado disparate, porquanto uma mente embotada e estúpida, cheia de superstições, preconceitos e conclusões, poderá seguir um certo método e meditar indefinidamente, mas continuará a ser embotada e estúpida. Mediante exame, pode-se ver a extrema futilidade do método, do "como", do padrão, não importa se estabelecido pelos antigos ou pelo moderno **guru** com suas afetações e o absurdo oferecimento de um estado, geralmente chamado "iluminação", em troca de uma dada soma de dinheiro. Assim, não nos ocuparemos mais dessa espécie de meditação, que é uma forma de fuga; podemos afastá-la para o lado, objetiva e inteligentemente.

Desde já devemos ver que meditação não é uma espécie de entretenimento, nem uma coisa que se compra de outrem por um dado preço; tampouco é aceitação de qualquer espécie de autoridade, até mesmo, e principalmente, a deste orador. Porque, para a compreensão deste extraordinário problema do viver, não se necessita de nenhuma autoridade, nenhum instrutor, nenhum Mestre ou **guru**; todos falharam.

Cada um de nós se encontra num estado de sofrimento, de angústia; vemo-nos confusos, aflitos, a esforçar-nos por alcançar alguma coisa. Mais importa compreender isso do que uma certa e misteriosa visão. As visões são fáceis de explicar, pois, por meio de drogas, de palavras e frases, pela prática de diferentes métodos de auto-hipnose, a mente é capaz de produzir qualquer fantasia, acreditar em qualquer coisa, iludir a si própria de inúmeras maneiras.

Nós estamos interessados na vida, no vivê-la, cada dia, com suas penosas lutas e passageiros prazeres; seus temores, esperanças, desespero e amarguras; sua dolorosa solidão e total ausência de amor; suas formas cruas ou sutis de egoísmo; e o medo supremo da morte. É, pois, a vida que nos interessa diretamente, e para compreendê-la a fundo, com toda a paixão de que somos capazes, a chave é a meditação — não a meditação ensinada por outrem, aprendida de algum livro, algum filósofo ou especialista. A **qualidade** de meditação é sumamente importante. Esta palavra significa: "Ponderar, pensar sobre, penetrar profundamente uma questão." Meditação, pois, não é "como pensar" ou "como controlar a mente" para pô-la quieta e em silêncio; é, sim, a compreensão dos problemas da vida, para que se torne existente a beleza do silêncio, sem a qual a vida não tem sentido. Por "beleza" não entendo a beleza daquelas montanhas, daquelas árvores, da luz refletida na água ou do pássaro no ar; entendo beleza no viver, em nossa vida cotidiana, seja no escritório, seja no lar ou num passeio a sós, em comunhão com a natureza e o mundo. Sem essa beleza, a vida é totalmente vazia de significação.

Examinemos, pois, juntos, esta questão, não só objetiva, externamente, mas também internamente. O movimento exterior é também o movimento interior (não são dois movimentos separados); é como o movimento "para dentro" e "para fora", da maré. Compreender esse movimento não-separado, não-dividido — nisso consiste a beleza da meditação. Portanto, o que se requer para vivermos **totalmente** livres de luta e de contradição é equilíbrio e harmonia, e a meditação é o caminho que leva a esse estado.

Muitas coisas estão incluídas na meditação. Espero estejais interessados nesta questão, porque a meditação é algo que importa sobremodo compreender. Se não sabemos meditar, se não sabemos viver (em geral levamos uma vida bem superficial: ir para o escritório, exercer um bom emprego, ter família, ter casa, entreter-nos em reuniões de coquetel ou no cinema — é o que chamamos "viver") — se não sabemos meditar, nossa vida se torna uma coisa por demais estúpida, vazia, insignificante.

Infelizmente, a moderna civilização — principalmente neste país — torna-se cada vez mais padronizada, sem profundeza. Podeis ter todos os confortos do mundo, boa alimentação, boas casas, bons banheiros, gozar perfeita saúde, se não tendes vida interior, não uma vida interior "de segunda mão", descoberta por outrem, porém vida interior própria, por vós mesmos descoberta e com desvelo nutrida; uma vida que estais **vivendo** — e que é meditação — se não tendes essa vida íntima, vossa vida é sem valor; e teremos mais guerras,

mais destruição e mais aflições. A meditação, pois, é absolutamente necessária a todo ente humano, como quer que ele seja: um indivíduo altamente sofisticado ou o homem simples que mora na beira da estrada. Espero, pois, que possamos viajar juntos.

A meditação supõe concentração, mas esta última é um método de exclusão; isto é, a concentração consiste em forçar o pensamento numa dada direção, com exclusão de tudo o mais. É isto o que geralmente se entende por concentração: enfocar e dirigir a mente para uma determinada coisa. Essa concentração ergue uma muralha, uma barreira, que veda a entrada a qualquer outro pensamento e, em conseqüência, entra em funcionamento um processo dualista, uma divisão, uma contradição, a qual se torna bem evidente à observação. A meditação, pois, difere da concentração e do controle do pensamento, embora, naturalmente a concentração seja necessária. Meditação implica atenção, e esta não é concentração, embora inclua a concentração. **Prestar atenção** significa dar por inteiro, e de modo apaixonado, a mente, o coração, o corpo a uma certa coisa. Nessa atenção, se a observarmos bem, não há pensador nem pensamento, não há observador nem coisa observada, porém apenas um estado de atenção. E essa atenção total requer liberdade.

Temos, pois, aqui, o problema completo: só a mente livre é capaz de perfeita atenção, isto é, de manter-se atenta tanto intelectual como emocionalmente, e estar ciente de todas as suas reações. Daí vem a liberdade. Isto não é tão difícil como parece, desde que não se lhe dê um significado sobrenatural. Ao escutardes qualquer coisa — música, o uivo noturno dos coiotes, o canto de um pássaro ou a voz de vossa esposa ou vosso marido — atentai bem. É isso o que **fazeis** ante um desafio fora do comum, direto; escutais com uma atenção extraordinária. Para livrar-vos de uma dor ou auferir uma vantagem, ganhar alguma coisa, escutais com toda a atenção; mas esse escutar, visando a uma recompensa, gera sempre o medo de perder.

Atenção, por conseguinte, é liberdade; só a mente livre é capaz daquela atenção em que não há alcançar, ganhar ou perder, e em que não existe medo. É essencial que a mente esteja quieta e atenta, para compreender este imenso problema do viver e alcançar o estado de Amor. Vamos, pois, aprender, isto é, prestar atenção, porque só a mente atenta é capaz de meditar; vamos **aprender**, e **não** acumular conhecimentos. Acumular conhecimentos é uma coisa, e outra coisa bem diferente é o aprender; vamos, pois, aprender, juntos, sobre o problema do viver, que é relacionamento, que é amor, que é morte.

Que é o viver? — **não** o que ele **deveria ser, não** sua finalidade ou alvo ou princípio em que a vida deve basear-se — porém, que é realmente o viver, tal como é hoje, agora, neste instante, no insulamento e na intimidade de nossa existência cotidiana? — Porque este é o único fato, e nada mais o é; tudo o mais é teórico, irreal, ilusório. Que é, pois, esta vida, nossa vida, a vida de um ente humano isolado? Que é a vida de um indivíduo em relação com a sociedade que ele próprio criou e que o mantém prisioneiro? Decerto, ele é a sociedade, é o mundo; o mundo não difere dele — outro fato bem óbvio.

Estamo-nos ocupando, em verdade, com **o que é**, com a nossa vida, e não com abstrações ou ideais, que, afinal, são puros absurdos. Em que consiste, pois, o nosso viver? Do nascimento à morte, nossa vida é uma batalha constante, uma luta interminável, cheia de medo, solidão e desespero, uma tediosa rotina, e uma total falta de amor ocasionalmente aliviada por algum e transitório prazer. Assim é nossa vida, nossa cotidiana e torturada existência: — quarenta anos a trabalhar num escritório ou numa fábrica, ou no lar, como dona de casa; canseiras e sombrias preocupações; inveja e ciúme, e extremo aborrecimento; temendo o malogro e adorando o bom êxito; pensando incessantemente no prazer sexual. Eis o padrão de nossa vida — se tendes suficiente seriedade para observar o que realmente **é**. Todavia, se estais meramente em busca de entretenimento, onde quer que seja — na igreja, no campo de futebol, etc. — esse entretenimento traz então sua dor peculiar, suas peculiares amarguras, seus problemas. A mente superficial, com efeito, busca refúgio na igreja ou no campo de futebol, mas não estamos tratando aqui da mente superficial, porque ela é incapaz de interessar-se realmente por alguma coisa.

A vida é séria, mas nessa seriedade há alegria, mente ardorosa, a mente viva, pode resolver os imensos problemas da existência. Nossa vida, pois, como hoje a estamos vivendo, é uma agonia, inegavelmente, e nós não sabemos o que fazer com ela; queremos achar uma diferente maneira de viver, pelo menos o dizemos, e alguns tentam alterá-la. Antes de qualquer tentativa para alterar nossa vida, devemos compreender o que realmente **é**, e não o que **deveria ser**; devemos, literalmente, tomar nas mãos **o que é** e olhá-lo; mas isso não podeis fazer — entrar intimamente em contato com o que **é** — se tendes um ideal, ou se dizes que **isto** deve ser transformado **naquilo**, ou se tencionais mudá-lo. Mas, se sois capaz de olhá-lo **tal como é**, encontrareis uma mudança de qualidade completamente diferente; é isso o que vamos investigar.

Em primeiro lugar, devemos ver realmente o que é a nossa vida diária neste momento — vê-la, não com hesitação ou relutância, porém sem dor nem resistência. Ela é **isto** — uma agonia! Podemos olhá-la, "viver com ela"? Podemos estabelecer um íntimo contato, uma relação direta com ela? Eis a nossa dificuldade! Para estardes em relação direta com alguma coisa, não deve existir nenhuma imagem entre vós e a coisa que observais; a imagem é a palavra, o símbolo, a memória do que foi ontem ou há milhares de anos. Expliquemo-lo muito simplesmente. As relações que tendes com vossa esposa ou vosso marido são relações baseadas numa imagem, sendo esta imagem a acumulação de muitos dias de prazer, de sexo, de conflito, luta, aborrecimento, repetição e dominação; tendes uma imagem dela e ela tem de vós uma imagem semelhante, e o contato entre essas duas imagens se chama "relações"; aceitamos essa denominação, mas o fato é que não existem relações de espécie alguma. Vemos, pois, que não há **contato direto** entre um ente humano e outro; do mesmo modo, não há esse contato com o real, com o que é.

Por favor, acompanhai mais um pouco esta explicação. Ela poderá parecer complexa, mas não é tal quando se escuta **quietamente**. Há o observador e a coisa observada, e uma separação entre eles; e essa separação, essa cortina estendida entre ambos é a palavra, a imagem, a memória, o espaço onde se verifica todo o conflito — sendo esse espaço o "ego", o "eu", ou seja a acumulação de palavras, de imagens, das memórias de um milhar de "ontens". Assim, não há íntimo contato com o que é. Condenais o que é ou o racionalizais, o aceitais, o justificais; e, sendo tudo isso verbalização, não há direto contato e, por conseguinte, não há compreensão nem dissolução daquilo que é.

Como sabeis, senhores, existe a inveja; inveja é medida, comparação, e estamos condicionados para aceitá-la. Determinada pessoa é brilhante, inteligente, bem-sucedida, já uma outra não é. Desde crianças, somos educados para medir, comparar, e assim nasce a inveja. Mas nós observamos essa inveja objetivamente, como uma coisa existente fora de nós, ao passo que o próprio observador **é** a inveja, não havendo verdadeira separação entre o observador e a coisa observada. Deste modo, percebe o observador que não tem possibilidade de fazer coisa alguma a respeito da inveja; vê, claramente, que tudo o que faz, em relação à inveja, é ainda inveja, porquanto ele é a causa e o efeito. Por conseguinte, **o que é,** ou seja nossa vida de cada dia com seus problemas de inveja, ciúme, medo, solidão e desespero, não difere do observador que diz: "Eu sou estas

coisas"; o observador é invejoso, ciumento, medroso, solitário, cheio de desespero e, portanto, nada pode fazer acerca do que é; porém, isso não significa aceitá-lo, viver como ele ou com ele contentar-se. O conflito resulta da divisão entre o observador e a coisa observada, mas, quando já não há nenhuma resistência ao que **é**, à realidade, verifica-se então uma transformação completa; essa transformação é meditação. Dessarte, o descobrirdes individualmente a estrutura e natureza do observador — vós mesmos — e bem assim a da coisa observada, ou seja, igualmente, vossa própria pessoa, e compreender esse todo, essa unidade — é meditação; nela não há conflito de espécie alguma e, por conseguinte, ela é a completa dissolução e transcendimento daquela realidade.

E agora, a vós perguntarei: Que é Amor?

Já consideramos o medo e, portanto, agora vamos considerar juntos a questão do amor. Sabemos que esta é uma palavra — "carregada", uma palavra profanada, deformada, espezinhada e estragada pelo sacerdote, pelo psicólogo e pelo político, por tudo quanto é jornal e revista; escreve-se e fala-se incessantemente a seu respeito. Assim, que é o amor? — **não** o que ele deveria ser, não o amor ideal ou o amor supremo, mas o que é o amor que sentimos, o amor que conhecemos? A coisa que denominamos "amor" contém ciúme e ódio, está envolta em agonia. Isso não é pessimismo, estamos apenas observando o que há realmente, o que é essa coisa chamada amor. O amor é ciúme? O amor é ódio? O amor é posse, é domínio da esposa pelo marido ou do marido pela esposa? Dizeis que amais vossa família, vossos filhos, mas é verdade isso? Se amásseis os vossos filhos realmente, de todo o coração, e não com vossa mente mesquinha, credes que haveria guerra amanhã? Se efetivamente os amásseis, educá-los-íeis como os estais educando, preparando-os, forçando-os a ajustar-se à ordem estabelecida de uma sociedade corrompida? Se os amásseis mesmo, permitiríeis que fossem mortos ou horrivelmente mutilados numa guerra — "vossa" ou de outrem? Se observais esse fato, ele indica que não existe amor nenhum não é verdade? Assim, o amor não é nenhum sentimento ou absurdo emocional e, sobretudo, o amor não é prazer.

Cumpre-nos, pois, compreender o prazer. Para a maioria de nós, "amor", "sexo" e "prazer" são termos sinônimos. Quando falamos em amor, dividimo-lo em amor de Deus, o que quer que isso signifique (e acho que não significa nada, nem mesmo para os sacerdotes, que também se acham em conflito com suas ambições, seus desejos, sua autoridade e suas posses, seus deuses, crenças e rituais), e o chamado amor, implicado no prazer sexual. Compreendido

no amor estão, também, a angústia, a dor e o desespero; o amor, pois, não é prazer e, então, que é prazer? Notai que não estamos negando o prazer!

Deleita realmente o contemplar aquelas belas montanhas, iluminadas pelo poente, o ver aquelas árvores miríficas, que resistiram a incêndios florestais e ao pó de muitos meses, todas rutilantes e lavadas pela chuva; é maravilhoso olhar as estrelas à noite (se de fato olhais as estrelas). Mas isso, para nós, **não** é prazer, porque só nos interessam os prazeres sensuais. Importa, pois, interrogar-nos: Que é o prazer? Nós não o estamos condenando; estamos tentando compreendê-lo, ver o que há atrás da palavra.

O prazer, como o medo, é gerado pelo pensamento; estivestes contemplando o imponente espetáculo dos montes distantes, experimentando naquele momento um grande deleite. Vem agora o pensamento e "diz": como seria bom repetir aquela experiência de ontem; assim, o pensar na experiência anterior — não importa se a de admirar uma bela árvore, os céus, os montes, se a de um gozo sexual — esse pensar **é** prazer. A imagem, o vivermos em pensamento com a coisa que ontem nos deleitou, o pensarmos nessa imagem é o começo do prazer; do mesmo modo, o pensarmos no que poderá acontecer amanhã, na possibilidade de nos serem negados nossos prazeres, de perdermos nosso emprego, de adoecermos ou sofrer um acidente, com as conseqüentes preocupações e sofrimentos, é o início do medo. O pensamento, pois, cria tanto o prazer como o temor, mas, para nós, amor **é** pensamento.

Reparai bem! O amor é pensamento porque, para nós, amor é prazer, prazer produzido pelo pensamento, por ele alimentado. O pensamento não está presente no momento do pôr-do-sol ou do ato sexual, mas o prazer consiste em **pensar nisso.** Assim, o amor é gerado pelo pensamento, e também nutrido, sustentado e prolongado pelo pensamento como prazer. Isso, se o observardes, é um fato óbvio.

E então interrogamo-nos: O amor é pensamento? Sabemos que o pensamento pode cultivar o prazer, mas não pode, em circustância alguma, cultivar o amor, tal como não pode cultivar a humildade. O amor, portanto, não é prazer, nem, tampouco, desejo. Entretanto, não se pode **negar** nem o prazer nem o desejo. Ao olharmos o mundo, a beleza de uma árvore ou de um rosto, encontramos, nesse momento, um grande deleite; depois, o pensamento interfere e lhe dá tempo e espaço para florescer como prazer.

Se compreenderdes a natureza e estrutura do prazer em relação ao amor, se o perceberdes **realmente** — e isso faz parte da meditação — descobrireis então que o amor é uma coisa toda diferente; amareis então os vossos filhos, criareis então um novo mundo. Quando alcançardes esse estado, **conhecerdes** o amor, podereis fazer o que quiserdes, e nada estará errado; é só quando estamos em busca do prazer, como atualmente estamos, que tudo sai errado.

Temos também o problema da morte. Estivemos considerando o que é o nosso viver real de cada dia e — assim o espero — fizemos juntos uma viagem às profundezas de nós mesmos para descobrir o que é o amor; portanto, tratemos agora de descobrir o que é a morte. Só sereis capazes de compreender este tremendo problema da morte (não o que há além da morte), quando souberdes morrer; e quando souberdes morrer, o que acontece após a morte será de todo em todo irrelevante. Verifiquemos, pois, o que significa morrer.

A morte é inevitável. O corpo, o organismo, como qualquer máquina submetida a uso constante, acabará por gastar-se, consumir-se. Infelizmente, a maioria das pessoas morrem de velhice ou de doença, sem jamais terem sabido o que é morrer. Há o problema da velhice, e esta é para nós uma coisa horrível. Não sei se já notastes a folha que cai da ávore no outono: tão bela de colorido, tão linda e delicada, para ser tão facilmente, tão passivamente destruída! Mas nós, ao envelhecermos, que feios nos tornamos, desfigurados, e como nos disfarçamos! E, se não vivemos corretamente na juventude ou na meia-idade, a velhice se torna um enorme problema. O fato é que realmente nunca vivemos, porque temos medo, temos medo de viver e medo de morrer e, quando envelhecemos, estamos sujeitos a uma porção de coisas. Este é, pois, um dos nossos maiores problemas. Por conseguinte, vamos averiguar o que significa morrer, perfeitamente cientes de que o organismo tem de acabar e, também, que a mente, no seu desespero ante o fim, buscará inevitavelmente consolação e esperança em alguma teoria, alguma crença, em geral a ressurreição ou a reencarnação.

Toda a Ásia está condicionada para aceitar a teoria da reencarnação; muito se fala e escreve a respeito dela; milhões de indivíduos consagram suas vidas à esperança de preenchimento na **vida futura**, mas descuidaram-se de um ponto bem relevante. Se temos de nascer de novo, então muito importa viver corretamente nesta vida; por conseguinte, tem grande importância o que **agora** fazemos, pensamos, como nos comportamos, como falamos e como funciona o nosso pensar, porque a próxima vida será determinada de acordo com nossas

ações na atual. Poderá haver alguma retribuição, entretanto eles parecem esquecer-se daquele ponto e, em vez de lhe dar atenção falam incessantemente sobre a beleza e a justiça da reencarnação e tantas outras trivialidades.

Nós não estamos fugindo ao fato com uma teoria; estamo-lo enfrentando sem medo. Que significa **morrer psicologicamente, interiormente**? Na morte do organismo, não há discussão, não podemos dizer: "Por favor, esperai mais uns dias até eu me tornar o dirigente da firma!" ou "Não podeis esperar um pouco, até eu me tornar arcebispo?". Não há discutir, a morte é peremptória. Cabe-nos, pois, descobrir como morrer interiormente, psicologicamente. Morrer interiormente significa que o passado deve terminar de todo — tendes de morrer para todos os vossos prazeres, todas as memórias que tendes nutrido com carinho, todas as coisas que vos são caras; e deveis morrer **todos os dias**, não em teoria, porém realmente. Morrer para o prazer que ontem sentiste significa morrer para ele instantaneamente, sem lhe dar continuidade como pensamento. E viver dessa maneira, com a mente sempre nova, pura, inocente, e sempre vulnerável — é meditação.

Uma vez lançada a base da virtude, a qual é ordem nas relações, torna-se existente aquele amor e aquele morrer que é o todo da vida; a mente está então sumamente tranqüila, **naturalmente** silenciosa, e não posta em silêncio à força de repressão, disciplina e controle; e esse silêncio é infinitamente rico.

Além daí, as palavras e descrições não valem nada. A mente já não busca o absoluto, porque não tem necessidade dele, porquanto naquele silêncio está **aquilo que é.** E isso, no seu todo, constitui a bênção da meditação.

17 de novembro de 1968.

PALESTRAS NA "NOVA ESCOLA DE ESTUDOS SOCIAIS" NOVA IORQUE

DA MUDANÇA NECESSÁRIA

(1)

Há numerosos problemas, não só neste país, mas em todo o mundo, e eles parecem tornar-se cada vez mais graves.

Nota-se a necessidade de mudança — econômica, social, comunal, etc.; vê-se também que quanto mais mudamos as coisas, tanto piores elas se tornam.

Evidentemente, é necessária uma transformação radical, interior, uma total mutação psicológica, a qual parecemos incapazes de efetuar. Entrementes, prescrevem-nos os especialistas o que devemos fazer, e os intelectuais redigem artigos sem conta, os quais, suponho, são líderes de movimentos diversos. Mas, quer-nos parecer que ninguém lhe dá muita atenção; limitamo-nos a aceitar ou a rejeitar, a colecionar os "trechos" que nos agradam, esperando que de alguma maneira se transforme esta desgraçada sociedade.

Antes de tudo, peço vênia para declarar que não sou nenhum especialista, nem estou representando a Índia e sua filosofia, seus deuses, seus sistemas de meditação, seus **gurus**, etc. Nós somos entes humanos — vós e eu — interessados em descobrir, não só o que cumpre fazer no mundo, na sociedade em que vivemos, mas ainda em descobrir, individualmente, a significação das coisas, e, também, o que é meditação e a maneira de esvaziar a mente para torná-la "inocente" e pura.

Estamos por igual tentando averiguar se há possibilidade de nos descondicionarmos totalmente, a fim de podermos olhar a vida diferentemente, com outro sentimento, isento de contradição e esforço.

Se estamos atentos aos problemas que se nos deparam, precisamos descobrir a forma de promover a unidade humana, sob um governo único (e não manobrada por políticos, pois assim ela é impossível), unidade que nos permita uma nova maneira de agir e de viver,

fazendo com isso desaparecer as divisões raciais, religiosas e nacionalistas.

Temos à nossa frente um imenso e complexo problema. Não é um problema existente fora de nós, mas, sim, um problema que faz parte de nós, pois nós é que somos nacionalistas, católicos, protestantes, comunistas, socialistas e sabe Deus que mais! Estamos todo fragmentados; cada um adota um dado fragmento e fica vivendo ideologicamente em conformidade com ele, em oposição a outros fragmentos, outras idéias.

Humanos que somos, e sujeitos a tantas agonias, desejamos saber o que é a morte e se alguma coisa existe de extra-mental — não um certo absurdo místico ou coisa inventada por algum espírito estreito e pretensioso. Pretendemos também descobrir, por nós próprios — caso tenhamos o necessário ardor e determinação — se dentro de nós existe um estado atemporal, uma outra dimensão.

Durante estas palestras iremos aprender — não deste orador, que nenhum valor tem — iremos descobrir pessoalmente, a alegria de penetrar nossas próprias complexidades. Descobrir significa aprender, e aprender é uma alegria, e não uma coisa dolorosa; essa alegria gera energia, e dessa energia necessitamos para irmos muito mais longe, penetrarmos mais profundamente.

Deixai-me sugerir-vos que não fiqueis apenas a ouvir uma palestra, um montão de palavras e de idéias; a descrição não é coisa real, mas, infelizmente, nos deixamos enredar na descrição e pensamos ter descoberto tudo. Devemos ter em mente que a palavra não é a coisa, e a descrição não é aquilo que se descreve. Se isto está mais ou menos claro, são horas de começarmos a aprender.

Aprender é uma coisa das mais difíceis. O aprender dos livros e a repetição do que deles se aprendeu não encerram nenhuma espécie de alegria, de vida. Nossa educação baseia-se nessa espécie de aprender. O computador pode operar com muito mais eficiência do que o ente humano intelectualmente adestrado, com todo o seu acervo de conhecimentos e idéias; mas, a isso não chamamos aprender. Aprender é descobrimento, de momento a momento, e cada descobrimento acerca de nós insufla-nos um certo entusiasmo, uma certa alegria, uma energia de certa espécie e o estímulo a descobrir mais. Em tudo isso está implícito o amor ao descobrimento e suas alegrias.

Portanto, não vamos meramente aceitar a descrição, porém, antes, ultrapassá-la, penetrar mais fundo, tendo em vista que o importante é aprendermos sobre nossa pessoa ou seja o conhecimento próprio, o conhecimento de nossos modos de vida, nossos "motivos", nossas exigências, nossos apegos, desesperos, amarguras, etc.: aprender.

Somos, assim, descobridores e não entes humanos de "segunda mão", que só sabem repetir os ditos alheios, que até podem ser muito engenhosos, lógicos e judiciosos. Esse aprender não é análise; é percepção direta. Não podeis observar, ter essa percepção direta, se só tendes de vós conhecimentos "de segunda mão". Tais conhecimentos se tornam vossa "autoridade".

Não vamos servir-nos do processo analítico, e isso será um tanto difícil. O processo analítico requer tempo; cumpre olhar-me, analisar-me, descobrir a causa de meus desejos, neuroses, complexidades, etc.; mediante esse processo analítico, espero descobrir a causa, e, assim, libertar a mente, tanto da causa como do efeito. Está mais ou menos claro isto? O que vamos examinar exige séria atenção, não é caso de aceitação ou rejeição, nem se trata de nenhuma conclusão fantástica. Estamos examinando e aprendendo, e o aprender não é processo acumulativo. Se fazemos o exame com o acúmulo de conhecimento, torna-se impossível o descobrimento de algo puro e novo, porque ficamos a traduzir tudo em conformidade com essa acumulação, sem olhar de maneira nova e total o processo das relações e do viver.

Pode-se perguntar: Qual a diferença entre o processo analítico, a análise profissional, etc., que requer meses, anos, e o processo a que nos referimos? O primeiro implica duração, tempo, um exame gradual de nós mesmos por um analista também condicionado como nós. Não nos interessa tal método ou a forma de conhecer-nos. Penso haver uma maneira completamente diferente de se atender ao problema do autoconhecimento. Se não vos conheceis, não tendes razão de ser e vossas relações com outrem são meras relações entre imagens.

Para se operar uma revolução básica na sociedade — e é necessária uma revolução total, não de ordem econômica ou social, nem de acordo com o programa democrático ou republicano, porém uma revolução de diferente estrutura — torna-se necessária uma revolução fundamental na própria mente.

Nós somos a sociedade que criamos; ela não é uma coisa fantástica que se tornou existente sob pressão e através do tempo; é o que somos: avidez, inveja, desespero, espírito de agressão, temores, exigências de segurança; foi tudo isso que criou esta sociedade. Para mudá-la, **nós** temos de mudar; se nos limitarmos a podar uns poucos ramos desta árvore chamada sociedade — como o está fazendo o político, o economista, etc. — não se operará em nós nenhuma mudança. Nós somos a sociedade; a sociedade não difere de nós.

Nós somos o mundo — este mundo que dividimos em tantos fragmentos.

A vida é dos que são ardorosos e sérios, e não dos levianos, nem daqueles que só se aplicam ocasionalmente; ela é daqueles que revelam seriedade, perseverança e firmeza. Se temos seriedade, podemos ver que não existe isso de "comunidade e indivíduo"; só existe o ente humano, condicionado pela sociedade, pela cultura em que vive. Ambas são criações do homem. Assim, a pergunta: "Que adianta eu mudar; isso influirá na sociedade?" — é completamente sem valor. O valioso é descobrirmos uma maneira (não gosto da palavra "maneira", que implica método, tempo, um fim em vista, etc., etc. — mas temos de fazer uso de palavras tais; depois as "quebraremos"), o que importa mesmo é descobrirmos como nos transformarmos de imediato, para que nossa mente se torne pura e "inocente", para que o amanhã, com suas agonias e temores, nada mais signifique. Eis, portanto, uma de nossas questões fundamentais: É possível vivermos neste mundo estúpido, louco, insano, sem recolher-nos a um mosteiro ou a um retiro de Zen-budistas, etc.; é possível vivermos neste mundo — com suas agitações e guerras, suas imposturas, as manobras de seus políticos, ávidos de posição e de poder — levando uma vida totalmente diferente, com amor? O amor não é prazer, o amor não é desejo; mas o momento não é oportuno para tratarmos deste assunto.

Estamos, pois, interessados no ente humano e não no indivíduo. O "indivíduo" não existe; pode haver a "entidade local", supersticiosa e condicionada, porém essa entidade faz parte do ser humano. Interessa-nos libertar o homem de seu condicionamento, da sociedade em que vive e que o está degradando, uma sociedade perpetuamente em estado de guerra, uma sociedade que produz antagonismo, ódio e violência. Conseqüentemente, nossa questão é: Temos possibilidade de mudar, não gradualmente, não no fim de certo tempo — pois quando nos servimos do tempo há sempre decadência, estiolamento?

Estamos indagando, juntos, se vós e eu, neste mesmo instante, podemos mudar completamente e ingressar numa dimensão de todo diferente. Isso requer meditação. A meditação é uma coisa que exige abundância de inteligência e sensibilidade, capacidade de amar e de perceber o belo; não consiste meramente em observar um sistema inventado por um certo guru. É dela que precisamos para uma investigação da vida e da morte. O investigar exige liberdade; sem liberdade, é óbvio, não é possível investigar. Se temos preconceitos, conclusões fixas, opiniões, juízos e padrões de valores, não podemos investigar. Se queremos descobrir, precisamos estar livres para olhar. Olhar as coisas tais como em nós se apresentam — sem procurarmos

desculpas e justificações, sem mentirmos a nós mesmos ou aparentarmos o que não somos — é trabalho dos mais difíceis. O observarmos, o vermos a nós próprios constitui um dos mais relevantes problemas — o **ver**. Considero importante examinarmos esta questão: Que é **ver?**

Quando olhais uma árvore (não sei se alguma vez o fazeis, aqui em Nova Iorque), olhais realmente a árvore, ou tendes uma imagem dela e essa imagem é que estais olhando?

Em verdade, não olhais diretamente a árvore. Ao contemplardes uma nuvem, as estrelas, à noite, ou ao encantar-vos com o poente, já formastes um juízo a seu respeito, já dissestes: "Que belo!"; o próprio fato de dizerdes "Que belo!" vos impede de olhar. Desejais comunicar a outro o vosso sentimento, mas essa mesma comunicação, no momento de olhar, vos impede o efetivo contato com as coisas que olhais. Está mais ou menos claro isto? Se tendes uma imagem deste orador, uma imagem criada pela propaganda, etc., vós o olhais através dessa imagem, e, por conseguinte, não o estais realmente olhando ou escutando; olhais e escutais mediante um crivo de palavras e imagens que impedem a percepção real de **o que é.**

Eis um dos pontos mais importantes de todas as nossas palestras: como observar. É possível observar sem um acervo de conhecimentos e experiência, vale dizer, sem o passado? A observação está sempre no presente; se olhais o presente com as lembranças do passado — e todas as lembranças representam obviamente o pretérito, tal como o conhecimento o representa — estais, nesse caso, olhando o **novo** com olhos empapados por todas as experiências do **velho** e, conseqüentemente, com olhos que perderam a penetração.

Assim, se me permitis alvitrá-lo, a primeira coisa que nos cabe aprender é como nos tornarmos capazes de olhar nossa esposa ou marido sem a imagem que formamos no decorrer de anos a respeito dela ou dele. Isso é dificílimo. Nossa vida é uma série de experiências, e todas essas experiências se tornaram conhecimento, deixando suas marcas na mente; as próprias células cerebrais estão "carregadas" dessas memórias e, quando olhamos nossa esposa ou um amigo, ou as nuvens, ou a luz da alvorada, olhamos com as lembranças de experiências; dessarte, o olhar vem do passado. Com os olhos do passado olhamos, e por esta razão não há compreensão da vida tal como é no presente.

Olhar exige muita atenção. Desejo olhar a mim mesmo sem ser em conformidade com nenhum padrão, mas verifico que estou fortemente condicionado, sou um escravo do especialista, minha educação foi dirigida, controlada pelo especialista. Se desejo aprender sobre

minha pessoa, aprender a olhar-me e a ver-me tal como realmente sou, não posso fazê-lo sem liberdade, sem estar livre de juízos, explicações, justificações. E essa liberdade não é possível porque minha mente foi fortemente condicionada — pelo analista, pela sociedade em que vivo, etc. Olho-me com conhecimentos trazidos do passado e, por conseguinte, não estou olhando a mim mesmo, absolutamente. Ora, é possível pormos de lado todos esses conhecimentos (o conhecimento técnico, prático, é necessário), é possível pormos de lado todo o acervo de experiência, juízos, valores, através dos quais olhamos e por esta razão nunca se verifica mudança alguma?

Há sempre separação entre o observador e a coisa observada. Relações significam contato direto — mental, físico, etc. — contato efetivo, e não mediante uma série de imagens, conclusões ou ideologias. Assim, é possível termos liberdade completa, estarmos livres de nosso condicionamento como cristãos, comunistas, católicos, etc.? Do contrário, não haverá possibilidade de olharmos, pois o que olharmos será traduzido consoante o que já sabemos; a mudança é então uma luta para nos ajustarmos ao condicionamento do passado. Afinal de contas, o conflito, tanto interior como exterior, é entre coisas: o pensamento conceptual e o que realmente **é**.

Deste modo, interiormente, a arte de ver e aprender (e a alegria e energia resultantes desse ver) é um grande desafio. Isto é, pode a mente, tão condicionada que foi pelas revistas, pelo rádio, por tantas influências, libertar-se desse condicionamento, não com o tempo, porém de pronto? Ora, para tanto se requer atenção; tendes de dedicar-vos de corpo e alma a compreender-vos, porque isso é de primacial importância e exige, não concentração, porém atenção.

Transformando-vos interiormente, produzireis por certo uma radical mudança na corrupta sociedade em que vivemos. Para haver autocompreensão, precisamos estar livres do condicionamento de ontem, e da projeção do ontem, ou seja o amanhã; hoje é, para a maioria de nós, a passagem entre ambos (o ontem e o amanhã). A atenção implica percebimento, perceber com a sensibilidade. Não podeis perceber com a sensibilidade se tendes conclusões — isto deve ser, isto não deve ser — ditadas por uma ideologia. As pessoas que têm ideologias e princípios e vivem de acordo com eles são as mais insensíveis, porquanto estão vivendo no futuro, e a este tentando ajustar o presente. A ideologia, qualquer que ela seja — do comunista, do socialista, do capitalista, etc. — se torna a "autoridade". Assim, pode a mente ser livre de ideais, de conclusões? Cumpre investigar e descobrir, individualmente, por que temos esses ideais, por que há esse pensar conceptual, utopias e tantas estruturas religiosas a dividir os homens

em todo o mundo. Esses ideais baseiam-se em tais ideologias conceptuais e nada significam. E, todavia, gostamos disso — não sei por quê! Conceitos — todo pensar é conceptual, não achais? Penso numa certa coisa que me proporcionou prazer ou dor, e esse pensar é pensamento conceptual. E a nós perguntamos: Por que vivemos no futuro, ou no passado? Por que olho com meus conhecimentos acumulados — que constituem meu "eu", que é só palavras, memória e nada mais? Por que vivo de acordo com isso que se chama tradição, cultura, etc.? Por quê? Em geral, nem sequer percebemos que estamos condicionados. Um indivíduo é católico, condicionado por uma propaganda de dois mil anos (isso, para mim, é uma coisa fantástica); outro está condicionado por palavras como "protestante", "hinduísta", "muçulmano", etc. Isso se verifica no mundo inteiro. Crescemos nesse condicionamento, aceitamo-lo, mas não vivemos conforme ele: aceitamos o preceito verbal de amarmos o nosso próximo e, entretanto, é óbvio que não amamos o nosso próximo: damos-lhe pontapés, destruímo-lo no escritório, no campo de batalha, etc.

Estamos divididos em cristãos, muçulmanos, hinduístas, cada um desses sistemas contra os outros e, no entanto, sabemos intelectualmente que essas divisões acarretaram ao homem terríveis aflições — guerras religiosas, etc. Contudo, continuamos do mesmo modo. Por quê? Observai. Por quê? Que aconteceria se não tivéssemos nenhuma ideologia? Seríamos materialistas? — Ora, eu acho que somos materialistas, e muito, apesar de nossas ideologias. Ideologias são meros brinquedos, sem nenhuma importância em nossa vida. O importante é esta constante batalha da ambição, da avidez, da inveja, etc.: eis o que é real, e não o crer em Deus, nisto ou naquilo.

Se não houver, no viver diário, uma fundamental mudança naquilo que **é**, nunca teremos seriedade. E a situação exige espíritos ardorosos, pessoas aplicadas, e não entes humanos instáveis, fragmentários. Ora, estamos cônscios do próprio condicionamento?

Ele, afinal de contas, constitui nossa psique, a base de nossa maneira de vida, de nossos pensamentos, atividades, sentimentos — nossa psique. O amor não provém do condicionamento, mas torna-se condicionado quando o traduzimos em prazer — assunto de que talvez possamos tratar noutra oportunidade. Assim, que devo fazer? Sei que estou condicionado como hinduísta, etc.; sei também que meu descondicionamento não requer tempo, não representa uma coisa que será alcançada gradualmente. Quando digo **gradualmente**, estou, no ínterim, semeando os germes da aflição, para outros e para mim mesmo, pois ter uma ideologia de não-violência e mostrar-se violento a todas as horas é obviamente insensatez.

Podemos servir-nos da propaganda da não-violência como instrumento político, mas por que razão nutrimos o ideal da não-violência? Por causa da tradição: aceitamo-lo como parte de nossa vida, assim como aceitamos o costume de comer carne, de fazer guerras, de saudar a bandeira; aceitamos — e essa aceitação se tornou um hábito. Podemos ficar crentes desse hábito, simplesmente cônscios de que estamos condicionados, cultivando inumeráveis hábitos: podemos simplesmente olhá-los, de maneira livre, de modo que nessa liberdade o hábito desabroche e vejamos tudo o que ele implica? Se condenamos um hábito, sufocamo-lo. Se dizemos: "Não devo ter este hábito", isso significa que o estamos controlando, e ele nada nos revelará.

Podemos ter percepção imediata? Posso perceber esse condicionamento, esse hábito, essa norma estabelecida, essa tradição, sem dizer "Dele me livrarei lentamente, retirando-lhe uma a uma as camadas"? É possível olharmos de maneira completa, sem fragmentação alguma, de modo que não haja separação entre o observador e a coisa observada? Porque uma divisão entre o observador e a coisa observada, nesse espaço, nesse intervalo, está o problema inteiro.

Vede, senhores, nós vivemos num estado de resistência e de conflito; é só isso que conhecemos. E a resistência, tal como o conflito, produz uma certa forma de energia. Onde há conflito e resistência está uma mente fragmentada, torturada, embaciada, confusa. O conflito — tanto interna como externamente, em todas as nossas relações — é por certo prejudicial, obviamente destrutivo; e, enquanto o observador separar-se da coisa observada, o conflito será inevitável. Ao dizerdes "Amo alguém", não há aí uma divisão? E nessa divisão existe ciúme, ânsia de posse, de domínio, agressividade e tudo o mais que bem conheceis e que gera conflito. Mas, é possível olharmos de maneira que a separação entre ambos — o observador e a coisa observada — deixe de existir? Isso é meditação. E para sabermos por que existe essa divisão, necessita-se de muita exploração, profunda auto-investigação. Uma das razões de sua existência é o sermos educados erroneamente, o termos ideais, o ajustar-nos a um padrão de respeitabilidade, etc. O investigarmos, por nós mesmos, por que ela existe — não investigá-lo ocasionalmente, porém a todas as horas, num ônibus, num carro, em conversa com alguém — produz uma extraordinária alegria. O observador é então a coisa observada — não mais do que isso. E tal não significa que, ao observarmos uma árvore, nos convertemos em árvore — Deus nos livre! Seria estúpido nos identificarmos com a árvore. Mas, quando cessa aquela divisão, vemo-nos numa dimensão completamente diferente (isso não é uma promessa, uma esperança). Se se percebe o término dessa di-

visão, não há então observador nem coisa observada, porém, tão-só observação. Para esta, precisamos de paz e liberdade — estar livres do medo.

Já são horas de pararmos. Tendes perguntas pertinentes aos assuntos de que estivemos tratando?

INTERROGANTE: Podemos libertar-nos do medo?

KRISHNAMURTI: A resposta a esta pergunta exige muito tempo. Dela trataremos na próxima reunião.

INTERROGANTE: **(gravação inaudível)**

KRISHNAMURTI: Eu disse, senhor, que a observação exige que olhemos. Só podemos olhar com a mente livre para olhar e aprender a respeito da coisa que estamos olhando. Aprender é uma viagem de descobrimento que proporciona imensa alegria. Essa alegria dá-nos energia. Um monge, por exemplo, fez voto de celibato, pobreza e obediência — só Deus sabe por quê! — e pensa que em virtude desse voto terá muita energia para viver uma vida cristã, etc. Fez tal voto, mas ele é sexual, é ambicioso, é um macaco como nós outros, empenha-se em batalhar dentro de si. Essa batalha é um desperdício de energia; ele obedece a um padrão estabelecido pela igreja ou pela tradição, etc., e essa obediência é uma forma de resistência; quando resistimos, há batalha, inevitavelmente, e isso não dá energia a ninguém. Estamos falando de coisa inteiramente diferente.

Em geral, temos pouquíssima energia, porque nossa vida se consome em lutas. No emprego ou em casa, somos impelidos por nossas ambições, há conflito constante, opinião contra opinião, etc. E, embora esse conflito gere uma certa qualidade de energia, essa energia é sumamente destrutiva, como se observa em todo o mundo. Em toda profissão existe o espírito de competição, o qual, conquanto dê energia, está criando uma sociedade onde há os que estão "por cima" e os que estão "por baixo", onde há, portanto, batalha. Pergunta-se, então: A vida foi criada para ser assim — uma batalha com minha mulher, com meu próximo — batalha, batalha, batalha? Não haverá outra forma de energia que não seja produto da dor, do sofrimento, da agitação, da ansiedade, do medo, do sentimento de culpa? **Há** — quando sabemos **aprender**, quando sabemos olhar realmente **o que é**. Não podemos olhar o que é, se não temos liberdade; por conseguinte, temos de cientificar-nos do nosso condicionamento. É bem simples estarmos cônscios, quando estamos pensando nisto ou naquilo. Se puderdes dispensar tempo (tempo, no sentido cronológico), se puderdes dispensar cinco minutos por dia ao ato de olhar, muito aprendereis. Não necessitais

procurar um analista, a menos, naturalmente, que estejais sofrendo de aguda neurose; neste caso, deixastes-vos "afundar". Mas, quase todos nós somos mais ou menos desequilibrados (não inteiramente, talvez) e tornar-nos cônscios do desequilíbrio, assim como, ao entrarmos aqui, nos inteiramos deste salão, de suas proporções, sua altura, sua iluminação, das cadeiras, das pessoas presentes, da cor dos seus casacos, seus **jerseys** etc., inteiramo-nos das diferentes cores e de nossas reações a elas — o cientificar-nos de tudo isso faz-nos a mente sobremodo sensível. E, olhando-vos, em vós mesmos encontrareis toda a história, todo o saber, e os livros se tornam sem importância.

INTERROGANTE: Eis o que desejo perguntar: Um homem passa 8 horas por dia a cortar cabelos, ou quarenta anos de sua vida num escritório; isso se torna horrivelmente entediante. Que pode ele fazer?

KRISHNAMURTI: Pensai nisto — um homem passar quarenta anos num escritório (Não sei por que o faz! Os jovens estão-se revoltando contra isso) para acabar gerente ou chefe de seção. Meu Deus, eles não poderiam deixar de revoltar-se! Ficai ciente do tédio e da razão por que nos entediamos; penetrai bem nisso e talvez descubrais que não mais necessitareis de ser barbeiro ou de lutar para alcançar o posto mais alto; é possível que não queirais mais fazer nenhuma dessas coisas, que desejais ser um ente humano e não uma máquina. Mas, descobri tudo por vós mesmo, tratai de compreender integralmente o problema do tédio. O tédio impele ao divertimento. Descobri o que se subentende na necessidade de divertimento. Aprofundai esta questão com toda a energia e ficareis livre do tédio.

INTERROGANTE: Tenho uma preocupação que gostaria de comunicar. Nenhum percebimento poderá criar um estado de mútuas relações. Vejo que os bispos abençoam o matrimônio e a vida de família. Alguma coisa em mim resiste a qualquer maneira de proceder que desconsidere as relações recíprocas. Percebo a importância desse relacionamento.

KRISHNAMURTI: De acordo. Se não tendes relações de espécie alguma, deixais de existir. A vida são relações. Cabe-nos, pois, averiguar o que são relações. Sei que temos necessidade de relacionamento, como sei que a maioria de nós não se acha num estado de relação. Vivemos no isolamento, embora sejamos casados e tenhamos filhos; vivemos interiormente isolados e, por conseguinte, não estamos relacionados.

Assim, aprofundando a questão, podemos descobrir em que consiste o verdadeiro relacionamento e o que é que consideramos rela-

ções. O que se chama "relações" é a relação existente entre duas imagens, uma imagem que tenho de minha mulher, e outra que ela tem de mim. Essas imagens são as conclusões e as lembranças de insultos, de importunações, de atitudes dominadoras, etc.

É isso, pois, o que denominados "relações". Pois bem, é possível relacionarmo-nos sem nenhuma dessas coisas? Isto é, deve o amor ser sempre um conflito? O amor é idéia? É uma forma de prazer a que demos o nome de amor? Para compreender este problema (e eis-nos de volta ao ponto essencial), tenho de compreender por que formo imagens. Minha mulher me insultou, me aborreceu; por que guardo a lembrança disso? Por que não posso morrer para o insulto e o aborrecimento na mesma hora em que me são infligidos, e não posteriormente? É possível isto — nunca deixar acumularem-se insultos, experiências, importunações, nunca armazená-las? Isso significa que devemos estar sobremodo vigilantes no momento do insulto, cônscios das palavras, do quanto elas implicam; penetrar tudo no mesmo instante, e não mais tarde. Temos de ser sensíveis e vigilantes.

1.º de outubro de 1968.

AÇÃO COMPLETA

(2)

Podemos comunicar-nos uns com os outros com relativa facilidade, aceitando certas palavras com os respectivos significados segundo o dicionário, escutando intelectualmente o que se está dizendo, e concordando ou discordando. A comunicação verbal é necessária, porque, sem ela, não poderíamos entender-nos. Mas a profunda compreensão depende da intenção de cada um — pois pode acontecer que não desejamos compreender-nos mutuamente, caso essa compreensão possa acarretar-nos perturbação; ou que desejemos compreender apenas parcialmente, intelectualmente, sem aprofundarmos o problema: nesse caso, não agiremos.

A compreensão é um problema realmente interessante; este orador pode desejar transmitir-vos alguma coisa, mas vós deveis estar dispostos a escutar não só com o intelecto, mas também com o coração, com o sentimento: então, haverá possibilidade de nos entendermos real e completamente. Porém, a comunhão é coisa bem diferente. Não é nada de misterioso ou de místico, como certas igrejas, em todo o mundo, procuram inculcar.

A comunhão só é possível ao se estabelecer entre nós a completa compreensão verbal, tendo-se em vista que a palavra não é a coisa, e a descrição nunca é a coisa descrita; então a palavra "comunhão" tem um amplo e profundo significado. Quando duas pessoas comungam uma com a outra, a expressão verbal talvez nem seja necessária: elas se compreendem diretamente.

Parece-me importante estabelecermos, nestas palestras, este processo: comunicar-nos uns com os outros o mais profunda e amplamente possível, e também estarmos em comunhão. Isso só é possível quando ambas as partes — vós e o orador — têm firmeza de propósito, lucidez e uma "intensidade" capaz de receber o que se diz —

com a mente e o coração inteiros, sem opiniões, juízos, avaliações. Afinal, só pode haver comunhão havendo certa afeição.

Já deveis ter notado que, se duas pessoas se amam realmente (sendo este um diferente problema, e uma coisa bem difícil), cria-se entre elas um estado de comunhão; não há necessidade de dizer-se coisa alguma: há compreensão e ação instantâneas.

Como vamos examinar e palestrar sobre vários problemas da vida, devemos, naturalmente, se desejamos compreender-nos mutuamente, estabelecer a comunhão, bem como a comunicação entre nós. Ambas essas coisas deverão coexistir o tempo todo, para escutarmos, não só com a capacidade crítica, exame instantâneo, percebimento da verdade ou falsidade do que se está dizendo, mas também com a mente livre para estar em comunicação e simultaneamente em comunhão, de modo que vós e eu vejamos a coisa num momento e essa percepção seja pronta ação. Eis o que é a comunhão entre duas pessoas: não existem barreiras, não há inclinação para resistir ou ceder, porém cada uma delas está sutilmente aberta para a outra; então, penso eu, torna-se existente uma ação de singular espécie.

Como antes dissemos, nossa vida está fragmentada; sois artista, e nada mais sois; sois especialista num determinado campo, o conheceis a fundo, e nada mais sabeis; sois esposo: no escritório tendes inúmeros problemas — como advogado, engenheiro, negociante — e, voltando ao lar, sois de novo marido; nessas relações existe uma divisão. Nossas culturas diferem, como diferem os nossos sistemas de educação, nossos temperamentos e tendências; nosso condicionamento — embora fundamentalmente o mesmo — varia conforme somos católicos, protestantes, comunistas, capitalistas, ou ainda empresários, cientistas, professores, etc. Nossa vida está fracionada, e cada campo tem sua atividade própria, seus próprios costumes, opostos aos de outro campo. Se observássemos os fatos de nossa vida, veríamos que somos brutais, violentos, depravados e, todavia, no lar podemos mostrar-nos amáveis e desejosos de não magoar ninguém; temos uma determinada afeição e ao mesmo tempo sentimos medo; temos ideais e conceitos, que contradizem nossa vida cotidiana; temos crenças e superstições inumeráveis, também em discrepância com nossa existência diária. Podemos observar esses fatos óbvios — vivemos em fragmentos, em distintos campos de atividade, todos em contradição entre si — embora possam tocar-se ocasionalmente.

Ao observarmos as diversas atividades dos diferentes campos de nossa vida, somos inevitavelmente levados a perguntar se existe alguma possibilidade de ajuntá-los, uni-los, produzir uma integração, de

modo que o que fizermos em casa ou no escritório — **qualquer coisa que façamos** — revele coerência, não seja contraditório e, por conseguinte, não crie dor. Isto é: existe uma ação verdadeira e plena em todos os campos? Não sei se já refletistes neste problema, ou seja se existe uma possibilidade de integrar, unir, harmonizar as ações, desejos, propósitos e impulsos contraditórios de nossa vida. Afinal, nossa vida, tal como a estamos vivendo, é uma série de contradições: e onde há contradição há dor, há luta, há sofrimento e aflição.

Nós vamos explorar juntos — esta responsabilidade cabe-vos tanto quanto ao orador — vamos investigar se existe uma ação que seja sempre total, completa, e que abranja todos os campos. Qualquer idéia de operar a integração de duas atividades contraditórias é obviamente absurda; o ódio e o amor — os dois não podem ser integrados; não há possibilidade de integrar ou harmonizar a ambição e a brandura, a placidez; não se podem integrar a violência e a não-violência.

Ao abandonarmos a idéia de integrar várias contradições, vemos, contudo, que ela envolve esta questão: Quem é o integrador? Quem é o integrador que irá unificar, harmonizar os impulsos contraditórios, as exigências e desejos contraditórios, os elementos opostos? Quem é ele? Para a maioria de nós é o pensamento. O pensamento, vendo essas contradições, "diz": "Elas deverão ser harmonizadas". "Devo achar uma maneira de estabelecer a harmonia em todos estes campos" — e o pensamento parece ser nosso único instrumento. Diz ele: "Vendo-se tantas contradições, tantas lutas e dores, talvez eu tenha a possibilidade de extrair daí uma grande harmonia, uma grande quietude." **Mas, foi decerto o pensamento que criou todas essas contradições.** O pensamento, que é a reação da memória, a reação do conhecimento acumulado, esse próprio pensamento é um fragmento. E é sempre um fragmento porque ele resulta do passado e o passado é um fragmento do tempo total. O pensamento, "pensando" no amanhã, cria a divisão entre o passado e o futuro. Assim, o pensamento, não importa o que faça, é necessariamente fragmentário e produzirá sempre divisão. Sem dúvida é ele o "observador" que diz haver em mim várias entidades contraditórias e que tenho de agir de modo fragmentário a fim de viver completamente. Por conseguinte, o próprio observador é a causa da fragmentação.

É essencial se compreendam estas questões, porque, para nós, o pensamento é de enorme importância; e é óbvio que cumpre pensar racionalmente, claramente. Mas, fomentar a guerra, constituir um exército, dividir o mundo em esferas de influência, nacionalidades, crenças religiosas organizadas — todas essas divisões foram produzidas pelo pensamento. E, entretanto, o pensamento diz: "A unidade é neces-

sária", e começa a organizar diferentes grupos políticos, com as respectivas ideologias, ou diz que deve haver um governo mundial. O pensamento, observando esse fato que é a contradição, interna e externa, se põe em ação e tenta tornar existente uma vida organizada e isenta de contradição. Isso implica ajustamento a um padrão de atividade, a um princípio, a uma ideologia — que se deve seguir, obedecer, imitar. Mais uma vez se nos depara aqui uma contradição entre **o que é e o que deveria ser**. Essa é a única ação que conhecemos, uma ação sempre produzida pelo pensamento e sempre contraditória.

Por favor, deixai-me sugerir-vos que não fiqueis apenas a escutar verbalmente, mas, servindo-vos do orador como se ele fosse um espelho, observeis este fato de vossa vida — o fato de que sois escravos do pensamento; e quanto mais hábil e sagaz ele é, tanto mais valor tem essa escravidão, pelo menos no mundo. Para irdes à Lua, necessitais de pensamento organizado; para matardes vossos semelhantes, o pensamento tem de trabalhar com o máximo de prontidão. E o pensamento inventou as inúmeráveis ideologias existentes, criando, dessa maneira, a contradição, a divisão, a separação. E essa é a única ação que conhecemos — produto do pensamento.

A questão agora é esta: existe outra espécie de ação, independente do pensamento? Uma ação que seja lógica, harmônica, verdadeira, completa, e encerre a essência da morte e do amor — sabendo-se que o pensamento é sempre velho e nenhuma possibilidade tem de produzir uma ação completamente nova, já que ele é a reação do passado, jamais pode ser novo, jamais livre? Esta claro isto? Se é óbvio que foi o pensamento que produziu, em todo o mundo, a divisão entre o homem e o homem, e que, por mais habilmente que o mundo seja organizado, jamais haverá possibilidade de se estabelecer a unidade humana, temos então de verificar se existe uma ação que não seja produto do pensamento. Isso precisa ser compreendido, porque, quando falarmos sobre a questão do medo precisaremos compreender todo o processo do pensar — compreendê-lo completamente.

Por que somos escravos do pensamento? Em certos campos da vida temos de pensar intensamente, com muita clareza, racional e logicamente, de maneira completa; de outro modo, toda a ciência desapareceria, cessaria todo o conhecimento. Vemos, pois, que o pensamento é necessário em certos níveis, e que noutros níveis ele é prejudicial. A mente que está condicionada pela cultura da sociedade, pela educação, por todas as atividades da vida cotidiana, sente-se impelida a pensar e a funcionar na área do pensamento. E nós estamos fazendo uma pergunta inteiramente contrária à nossa habitual maneira de vi-

ver. Ora, como poderemos descobrir se existe realmente uma tal ação? — pois, sem ela, teremos de viver eternamente nesta contradição e aflição. Porque vida é ação, e, embora se tenha feito uma separação entre os "ativistas" e os "contemplativos", etc., o processo do viver é todo de ação; ir ao mercado, ler, fazer qualquer coisa, é ação, e nessa ação há contradição. Existe uma ação constantemente nova e, por conseguinte, sempre "inocente, sempre pura, juvenil, viva, vigorosa? Se existe, como poderemos descobri-la? Devo dizer-vos, em primeiro lugar, que não vou mostrar-vos a maneira de fazê-lo — isso destruiria o vosso descobrimento; se eu a mostrasse e vós a seguísseis, estaríeis apenas dando continuidade ao pensamento, à imitação, ao ajustamento e todas as respectivas e perniciosas atividades.

Cabe-nos ver claramente como tem início o pensamento, qual a origem do pensar, o papel do pensamento na vida diária; cumpre perceber como ele separa todas as atividades; temos de ser sensíveis — prestai atenção a isto — temos de ser sensíveis às atividades do pensamento; isto é, dar-nos conta, não resistir ao pensamento, mas cientificar-nos de como ele funciona, sentindo-lhe, assim, a total estrutura e natureza. Observar, perceber, ter sensibilidade ao pensar, ao pensamento, sem condenação nem julgamento — observar. E, nessa observação, nesse percebimento, não formar conclusões, porque ao tirarmos uma conclusão deixamos de ser sensíveis, atingimos o ponto de onde nasce a divisão.

Estais compreendendo?

É bem de ver, senhor, que para estardes cônscio da cor da saia da pessoa ao lado, necessitais de um certo grau de sensibilidade e de receptividade. Em geral não somos observadores verdadeiramente interessados, não sabemos sequer olhar; somos insensíveis, porque vivemos envolvidos em nossos problemas, nas aflições, nas ansiedades e sentimentos de culpa, em nossas exigências, nossos impulsos sexuais e mais uma dúzia de coisas.

A continuidade de um problema, é inevitável, embota a mente. Assim, uma das coisas implicadas nesse percebimento é a terminação de cada problema, cada problema psicológico, instantaneamente. Isso é possível? Um problema envolve uma certa coisa que psicologicamente não pudestes resolver; não estamos falando dos problemas tecnológicos e, sim, dos problemas psicológicos que todos temos e conosco carregamos, de dia para dia, sem jamais examiná-los e neles nos tornamos profundamente interessados. Podemos dar fim aos problemas psicológicos no mesmo instante em que surgem? — pois, do contrário, ficaremos sob a pesada carga de sucessivos problemas, e a mente se tornará embotada e insensível, e isso impossibilitará o

estado de vigilância, de alertamento, de atenta percepção. A percepção, como já dissemos, é também a mais elevada forma da sensibilidade, da inteligência. A inteligência nada tem em comum com o saber; não precisais ler um único livro, para serdes inteligentes, se vos mantiverdes bem atentos aos que se está passando no mundo e altamente sensíveis a todos os movimentos de vossos pensamentos e sentimentos.

Quando há sensibilidade — a mais alta forma da inteligência — quando a mente alcançou aquele elevado grau de sensibilidade, que significa "agir", sabendo-se que o pensamento divide, limita? Então essa mente que se tornou profunda, e altamente sensível, observando toda a estrutura e natureza do pensamento, é sobremodo inteligente. Essa inteligência é ação completa. Certo? Conseguiu o orador transmitir-vos esse estado — não apenas verbalmente, mas, conseguiu ele comunicar-vos este fato, que o pensamento não é inteligência? O pensamento, sempre velho, jamais possuirá aquela inteligência perenemente nova e pura, aquela inteligência que nunca divide, de modo que a ação jamais é contraditória.

INTERROGANTE: Podeis falar sobre o medo?

KRISHNAMURTI: Se não compreendermos a natureza e a estrutura do pensamento, não teremos possibilidade de acabar com o medo. O pensamento gera medo, assim como gera prazer, não é exato? Ao verdes qualquer coisa que proporciona prazer — um rosto de mulher, um pôr do Sol, um riso de criança, ficais pensando nessa coisa. O pensar nesse fato que por alguns segundos proporcionou deleite é a gênese do prazer.

Vejo um carro, vejo uma mulher, vejo um belo quadro ou obra de tapeçaria; no momento do ver, que sucede? Naturalmente — a menos que eu seja insensível às cores ou tenha outra qualquer deficiência — reajo. Essa reação ou é neurologicamente dolorosa, ou é agradável. Então, o pensamento (acompanhai-me passo a passo), então o pensamento diz: "Que belo foi aquilo!", ou "Que sentimento maravilhoso experimentei!". O pensar na coisa dá continuidade àquele prazer que experimentastes por alguns segundos; amanhã pensareis no prazer que hoje fruístes. Considerai o ato sexual, a imagem que dele formastes, a prazer desse ato, e o ficar pensando nele. Assim o pensamento produz e nutre ou dá continuidade a um determinado incidente que momentaneamente proporcionou deleite; isso é bem evidente. E, igualmente, o pensamento suscita ou dá continuidade ao medo. Temo o que irá acontecer amanhã. O pensamento cria a imagem do que amanhão poderá ocorrer e o teme. Aprofundaremos este ponto noutra oca-

são. O que nesta tarde nos interessa é a compreensão integral da natureza do pensamento. Enquanto não estivermos bem familiarizados com nosso próprio pensamento (não com o pensamento de outros, com o pensamento deste orador), percebendo como se origina ele, sua natureza e sutileza, sua estrutura, sua configuração e conteúdo — não teremos possibilidade de resolver a questão do medo. Pode-se acabar com o medo, mas tão-só ao compreendermos esta coisa estranha, por nós adorada, chamada pensamento.

Cada um, pois, deve descobrir, em si e individualmente, a origem do pensamento, seu começo (não há um milhão de anos); pegá-lo imediatamente, ao surgir, olhá-lo, ver de onde proveio. Apresenta-se então um problema mais profundo, ou seja se a mente tem possibilidade de estar quieta, completamente em silêncio; vazia de pensamentos, porém, sobremodo vigilante. Este é um dos nossos principais problemas na vida: ver que o pensamento produziu tremendas devastações no mundo, dividindo-o em nacionalidades, religiões, culturas, engendrando brutalidades de toda espécie, salvadores, igrejas, deuses, ideologias. Tudo isso foi inventado pelo pensamento conceptual. Temos possibilidade de libertar-nos? Esse é o único ato virtuoso no qual há a liberdade completa que cria sua peculiar disciplina. Cumpre-nos penetrar em nós mesmos, explorar, perceber (não neuroticamente, nem introspectiva ou analiticamente) nosso próprio conteúdo, seu florescer. Não sei se já alguma vez observastes a cólera, no exato momento em que surge, proporcionando-lhe espaço para florescer, a fim de aprenderdes tudo a seu respeito.

INTERROGANTE: Pode-se deduzir, do que tendes dito, que existe no homem uma certa coisa, uma certa "qualidade" que se poderia descobrir imediata e precisamente, se não houvesse obstrução por parte da mente?

KRISHNAMURTI: Como responderíeis a esta pergunta? (1) O interrogante indaga: Existe no ente humano algo de transcendente, que virá a florescer se o pensamento silenciar? Qual a vossa resposta? Tende cuidado; se disserdes "existe", isso poderá ser um preconceito vosso, uma esperança que nutris; vossa esperança irá então inventar e a essa invenção chamareis "intuição". E se disserdes "tal coisa não existe", estareis igualmente na mesma situação. Tanto a assserção positiva como a negativa é ininteligente. Só uma coisa se pode fazer: investigar, explorar, descobrir, sem aceitar autoridade alguma (há uma

(1) A pergunta é dirigida ao auditório em geral. (N. do T.).

multidão de autoridades no mundo, todos a dizerem "sim, sim", "não, não". E os que dizem "sim" nos levaram pelo caminho errado, tal como o fizeram os que dizem "não"). Só uma coisa cumpre fazer: descobrir; e, havendo autocompreensão, torna-se existente a mais alta forma de meditação. Ora, a compreensão própria é um processo lento que requer tempo, dias, anos; ou podemos compreender-nos totalmente neste mesmo instante? Percebeis o problema? Se precisardes de tempo, aprendendo sobre vossa pessoa de modo gradual, passo por passo, vede o que isso significa. Todo exame de vós mesmos, em cada minuto, deve ser completo, para o não transportardes ao minuto seguinte, pois nesse intervalo surgem novos problemas. Não sei se estais percebendo. Ou aprendeis, observando e conhecendo-vos, por meio da análise (uma total impossibilidade, porque, quando estais a analisar-vos, há um intervalo entre o analista e a coisa analisada, o espaço onde existe a contradição, a resistência e a dor), ou vos vedes completamente, integralmente, de imediato. Este último é o único problema; o primeiro não é problema, porquanto o processo analítico não é o caminho certo.

Nossa questão é esta: Tenho possibilidade de me ver completamente, integralmente, por inteiro — em todos os recessos e esconderijos? Posso ver a inteira estrutura do "eu", do "ego", do "centro" — o centro, que divide, que tem diversas tendências, desejos contraditórios, propósitos, ansiedades, sentimento de culpa, e medo? — ver instantaneamente a coisa em sua inteireza, porque esse próprio ato de vê-la põe-lhe fim. Para compreender isso, ou seja se é possível ver a inteira estrutura do "eu", do "ego", temos de aprender a arte de ver, que apenas consiste em ver, escutar — só isso. Já escutastes dessa maneira a alguém? Isso significa escutar com o coração, com a mente, com os nervos, com todo o ser, não apenas agora: escutar os políticos, por este mundo, escutar a esposa, os filhos, o vento entre as árvores — escutar. Há nesse escutar uma extraordinária atenção, atenção sem limites. Não necessitais, então, de drogas de espécie alguma para expandirdes a consciência e vos enganardes com ilusões.

INTERROGANTE: Podeis explicar o que a mudança implica?

KRISHNAMURTI: Tenho de ser breve. Em primeiro lugar, observa-se no mundo, no moderno mundo tecnológico, uma mudança fantástica. Aí temos — a mudança tecnológica. Mas, há necessidade de uma revolução psicológica e, por conseguinte, social. O homem que tem dez filhos e vive numa favela, que possibilidade tem ele de descondicionar a sua mente e tudo o mais? Nenhuma! Faz-se necessária a mudança social; mas, psicologicamente, interiormente, apresentam-se

dois problemas. Psicologicamente, torna-se necessária uma revolução completa, porque atualmente somos ávidos, invejosos, ansiosos, medrosos, aflitos. Psicologicamente, é isso o que somos. Esse estado precisa mudar. Precisamos libertar-nos completamente de tudo isso; necessitamos de liberdade completa e, portanto, de uma completa mudança na estrutura, no âmago de nosso ser, de nosso pensar e de nosso sentir. Este é um dos problemas. O outro é: Existe alguma espécie de mudança, ou só existe um "modo" eterno, intemporal, de nós desconhecido, a que chamamos "mudança"? Não tratarei agora deste assunto, por demais complexo.

Nosso problema principal é este: podemos operar uma mudança imediata em nossa vida, de maneira que cada um possa sair deste salão transformado num ente humano novo, "inocente", puro, lúcido, incontaminado pelo tempo — não na forma de uma idéia, esperança ou ideologia, porém realmente?

É isso o que está implicado na palavra "mudança", e não meramente uma revolução econômica, social, não conducente a parte alguma. Já tivemos revoluções, comunistas e outras, e todas estão voltando ao mesmo e velho padrão. E, assim, a nós mesmos perguntamos se a mudança depende das circunstâncias, das pressões sociais, do tempo e da cultura, ou se existe mudança sem compulsão e sem "motivo" algum. Esta é, com efeito, a verdadeira mudança. Isso significa que temos de examinar atentamente a questão dos "motivos". Em palavras muito simples: Podemos morrer para o passado? É nossa mente suficientemente inocente e vulnerável? Não sei se alguma vez experimentastes morrer para um dado prazer, pondo-lhe fim sem argumentação, sem luta, sem resistência, dizendo simplesmente "Acabou-se". Já experimentastes fazê-lo? Queremos morrer para uma certa tristeza, e nunca para um certo prazer; mas o prazer e a tristeza se acompanham sempre.

3 de outubro de 1968

TEMPO E AMOR

(3)

Não parecemos pessoas responsáveis — a maioria de nós; tendemos a deixar que outros pensem por nós, digam o que devemos fazer. Cria-se assim um estado de conformismo, obediência e aceitação. A meu ver, seria errôneo ficarmos aqui a concordar ou a discordar do que se está dizendo. Aqui estamos para empreender juntos uma viagem de exploração, para investigar e considerar juntos os numerosos problemas humanos. Há dias, estivemos considerando a questão do temor e se os homens, que sempre viveram sujeitos ao medo, à ansiedade, à tristeza, podem libertar-se dele. Mas, cumpre considerarmos o medo de um novo ângulo. Falaremos também a respeito do tempo, do amor e da morte. Para compreendermos o que é o amor, ou a morte, precisamos compreender — não intelectualmente, verbalmente — a inteira estrutura e natureza do tempo.

Quase todos vivemos em conflito; nossa vida diária, conforme se observa, é um campo de batalha, uma luta constante, um incessante esforço, um interminável consumo de energia, aplicada a dominar, a resistir ou a ceder. Nisso está implicada a questão dos opostos — resistir ou ceder. Tanto no resistir como no ceder há conflito. Nossa vida é uma série de conflitos, e a mente que se acha em conflito, em luta, é por certo uma mente torturada, incapaz de ver com clareza, incapaz de compreender integralmente os problemas da vida e de descobrir se é mesmo possível vivermos neste mundo sem nenhum esforço e nenhum sofrimento.

Vê-se que toda forma de luta — que implica violência — deforma a mente. Perguntamos a nós mesmos se é de alguma maneira possível vivermos sem esforço e aflição, isto é, vivermos na mais completa paz, não só interior mas também exteriormente. Para examinarmos esta questão, sobre ela conversarmos, temos de considerar a fundo o problema da dualidade, dos opostos, descobrir se precisamos dessa

dualidade, desses opostos, e também se, psicologicamente, ela é necessária. Vivemos numa galeria de opostos, constantemente arrastados numa direção ou impelidos na direção contrária; divididos por desejos diferentes, opostos — contradições. Temos possibilidade de viver sem a luta dos opostos e, no sentido psicológico, realmente oposto? Ou há apenas "o que é" e nenhum "deveria ser"? Só existe o presente ativo e nenhum futuro verbal ou psicológico, gerador do oposto? Se interiormente, psicologicamente, "da pele para dentro", por assim dizer, não há opostos, eliminamos então completamente o conflito e existe apenas "o que é".

Podemos ver "o que é", com ele viver e não com a contradição a "o que é", o oposto de "o que é", causador de conflito, luta, contradição? É possível isso? Eis um problema verdadeiramente interessante. Temos de compreendê-lo, por que dividimos a vida em viver e morrer, em ódio e amor, coragem e covardia, a bondade como oposto da maldade, etc. — uma infinidade de opostos.

Os opostos geram o tempo. Há evidentemente duas espécies de tempo: o tempo cronológico e o tempo psicológico. O tempo psicológico existe como "não ser" ou "vir a ser": eu **sou** isto e **serei** aquilo, **sou** violento, e **serei** não-violento. A divisão entre "o que é" e o que "deveria ser" é obra do tempo. Neste está implicado o "vir a ser". Sou violento e, para tornar-me não-violento, pacífico, necessito do tempo. A não-violência é o oposto da violência, e esta divisão produz conflito — conflito entre o que **eu sou** e o que **deveria ser.** O tempo medido pelo relógio existe, obviamente; mas, existe a outra espécie de tempo? — pois tal espécie de tempo gera medo. Isto é, interiormente sou depravado e rancoroso; psicologicamente, sou violento, e o pensamento projeta a ideologia da não-violência, que cumpre alcançar, uma ideologia de aperfeiçoamento, etc. O pensamento, por conseguinte, exige o tempo e produz medo. Gera o medo ao amanhã — do que poderá acontecer. O pensamento conserva o passado, a memória do que **foi**, e cria diferentes possibilidades de futuro — do que será. Teme o passado e o futuro. O pensamento é tempo, e o tempo, psicologicamente, é a divisão entre o que **foi**, o que **é**, e o que **deveria ser.**

Tratamos da possibilidade de vivermos no presente atuante tão completamente, que só ele exista, e nada mais. E para descobrirmos essa possibilidade, teremos não só de investigar a fundo a questão do tempo psicológico, mas também a maneira pela qual o pensamento se serve do tempo como meio de alcançar alguma coisa, e como, em conseqüência, ele cria medo.

Já perguntamos: Existe o oposto, o ideal? Ou meramente se trata de uma projeção do pensamento, do oposto irreal de "o que é", pensamento que assim procede por ignorar a maneira correta de lidar com a realidade? Como esclarecer isso e compreender o presente?

O pensamento cria o futuro, o ideal, e, como já dissemos, os ideais são absurdos, sem qualquer significação, e já levaram o homem a guerras de toda espécie, à divisão, ao ódio, à compulsão sob várias formas, em nome do Estado, em nome de Deus, etc. Infelizmente, estamos cheios de ideais, oposto daquilo que tem existência. E, não sabendo atender à coisa existente, compreendê-la e ultrapassá-la, recorremos às fugas para o que "deveria ser".

Ora, podemos viver com "o que é" e ultrapassá-lo, sem inventar um oposto e, dessa maneira, aumentarmos nossos conflitos, aflições e lutas? Somos violentos, brutais, agressivos, ambiciosos; eis o fato, o que é, a realidade e todos os opostos que o homem tem inventado nenhuma realidade têm. Pode a mente viver com "o que é" — sem o oposto — e compreendê-lo, transcendê-lo? Porque, para compreendermos a questão do amor e da morte (um dos mais importantes problemas da vida), devemos, natural e realmente, viver com "o que é". Posso olhar-me, tal como sou, com meus rancores, ansiedades, temores — todas as inumeráveis torturas pelas quais está passando a mente humana; viver com o meu ser, compreendê-lo e ultrapassá-lo, sem esforço algum? Isso só será possível se se eliminarem completamente os opostos. Está claro isto?

Auditório: Está.

KRISHNAMURTI: Senhores, ao dizerdes "sim" ou "compreendo", talvez estejais entendendo verbalmente, intelectualmente. Compreensão intelectual não é, de modo nenhum, compreensão. É compreender o que o orador está dizendo em inglês e, como também falais em inglês, compreender suas palavras, compreendê-lo verbalmente. Compreensão é **ver** instantaneamente, é percepção e ação instantâneas. É como ver uma coisa perigosa e de pronto agir, sem nenhuma argumentação intelectual. Temos aqui um problema extremamente complexo; todos estes problemas são inter-relacionados e, portanto, bem difíceis, e mais complexos ainda se tornam quando deles nos ocupamos intelectualmente, verbalmente. Como temos dito, a palavra não é a coisa, a descrição não é a coisa descrita. O que temos feito é descrever e, se aceitamos meramente a descrição — uma série de palavras puramente conceptuais — não há compreensão nenhuma e, por conseguinte, nenhuma ação. A ação vem com a compreensão; são coisas simultâneas, não há primeiro compreender e depois agir. O próprio

compreender é agir. Compreender é viver com "o que é" — mas isto não significa contentar-se com "o que é"; pelo contrário. Compreender é viver completamente, por exemplo, com a brutalidade e a violência que vemos alastrarem-se pelo mundo.

Os entes humanos são violentos; no lar, no trabalho, em toda parte; eles são violentos nos atos, são egocêntricos, egotistas. Existe, pois, a violência e, se meramente abraçamos uma ideologia de não-violência, isso é uma coisa evidentemente absurda e hipócrita.

Percebei que nós somos violentos de diferentes maneiras — sexualmente e em nossos pensamentos e ações. Vivei com esse fato, compreendei-o inteiramente. Mas só o compreendereis quando não houver fuga para uma ideologia, um oposto. Se não houver opostos, como saberemos que somos violentos? Esta pergunta não se vos apresenta naturalmente ao espírito? Não? Como posso saber que sou violento, se não tiver sido condicionado para adotar um conceito de não-violência? A violência é conceptual ou real?

A violência é uma palavra, um conceito, ou é uma realidade? Quando estou encolerizado, a palavra "cólera" não é o próprio sentimento. O próprio sentimento é conceptual, ideal? Não é, decerto; ele é "o que é". Posso eu, pode minha mente olhar esse estado de violência sem dele fugir para o oposto, "viver com ele", compreendê-lo integralmente? Isso significa que o observador não difere da coisa observada, como o é o pensador que diz "estou encolerizado". Enquanto existir essa separação entre o pensador e a coisa pensada, o experimentador e a coisa experimentada, o observador e a coisa observada, etc., existirá necessariamente dualidade. Eliminar o conflito, de maneira total significa vivermos na mais completa paz interior, e, por conseguinte, exteriormente. Tal só é possível quando não há opostos, comparações, quando estamos ativamente cônscios de "o que é", tendo eliminado a separação entre o observador e a coisa observada.

Se vos interessa realmente pôr fim à guerra, à violência e ao ódio existentes no mundo (e isso deve interessar a todo ente humano ponderado), como ireis libertar-vos desse antagonismo, ódio e violência? Eis um problema muito sério, a que devemos aplicar-nos diligentemente, a fim de descobrirmos a verdade nele encerrada. Psicologicamente, se existe um amanhã (isto não é uma idéia filosófica), se existe um amanhã, como tempo psicológico, existe também, necessariamente, medo e, por conseguinte, violência. Estar libertado do amanhã significa viver unicamente no presente ativo; isto é, temos de compreender todo o mecanismo do pensamento, como passado e futuro, esse pensamento que tanto gera o medo como o prazer. A me-

nos que, como ente humano, resolvais este problema, continuareis, inevitavelmente, a contribuir para o ódio, a guerra, a violência.

Que é o amor, para a maioria de nós? O amor é prazer, desejo, ciúme, interesse egoísta? Este é um dos mais importantes problemas da vida, e precisamos examiná-lo com certa profundeza; precisamos investigar se a mente humana, que inclui o coração, etc., tem possibilidade de conhecer o amor. Estará ela condenada a viver sempre em companhia do ódio, do ciúme, da ambição, da competição, com total exclusão do amor?

Perguntamos: O amor é prazer? No mundo ocidental o prazer representa uma parte importantíssima da vida (não estou dizendo que ele não seja importante também no Oriente; mas aqui exagera-se indevidamente a sua importância, e ele é identificado com o sexo). Assim, ao fazermos a pergunta "O amor é prazer e, portanto, desejo?" — devemos também perguntar: Que é o prazer? Como nasce ele? Por que razão está a mente sempre, como um animal, a buscar o prazer e a evitar toda espécie de perigo; sempre a desejar variados prazeres e deleites? Não significa isso que não devamos buscar o prazer, que nos abstenhamos de olhar o pôr do Sol, a luz refletida na água, uma ave a voar; o próprio ato de olhar, se somos vigilantes e sensíveis é deleitante; não podemos negar-nos tal deleite. Não estamos dizendo que prazer é uma coisa feia, vitanda. Estamos, sim, a investigar-lhe a natureza; porque o prazer, para a maioria de nós, está identificado com o amor — amor a Deus, à pátria, amor à esposa ou ao marido, aos filhos, etc.

Que é prazer? Vedes o poente e ele vos deleita; as cores, a claridade, a beleza e intensidade da luz e das sombras apresentam-se instantaneamente à percepção sensorial, proporcionando extraordinário deleite e alegria; depois, lembrando-se de outros crepúsculos, outros prazeres, o pensamento se ocupa com o ocaso presente, dando continuidade àquele deleite, convertendo-o em prazer. Tende a bondade de observar; não vos limiteis a "aprender coisas", como se estivésseis numa sala de aulas. Observai os fatos em vós mesmos, na vossa vida diária. Ontem tivestes uma experiência, dolorosa ou agradável. Se foi dolorosa, desejais evitá-la, afastá-la de vós; o pensamento diz: "Esta experiência é desagradável, aflitiva" — e trata de evitá-la; mas, se a experiência agradou, o pensamento trata de lhe dar continuidade, com ela se ocupando. Mas, fixando-se numa coisa aprazível, o pensamento dá continuidade ao medo. O pensamento, pois, tanto gera prazer como cria temor.

O pensamento é amor? Pode-se pensar no amor? Fazê-lo é pensar em prazeres passados, sexuais ou de outro gênero. Ora, o amor é prazer, coisa engendrada pelo pensamento? Se o amor é prazer, nesse caso o pensamento é amor, esse pensamento, que é reação do passado, da memória, do conhecimento, da experiência — de coisas idas; sendo o pensamento reação do passado, segue-se que o amor resulta igualmente do pretérito. É só esse o amor que conhecemos. Ao falarmos em amor, é isso o que temos em mente, um resultado do passado, uma coisa que experimentamos como prazer, sexualmente ou de outras maneiras. A isso é que chamamos amor — essa coisa onde se encontra a dor, o ciúme, a posse, o domínio; nada mais conhecemos. E quando uma dessas pessoas chamadas "espirituais" fala em amor, tem em mente uma ideologia — amor de Deus (não sei o que isso significa; vós o sabeis?). Eis mais uma invenção, uma outra espécie de culto ideológico.

O amor, ou a compaixão, é produto do pensamento e, por conseguinte, cultivável? É uma coisa enraizada no passado e, portanto, jamais inocente, vulnerável, pura, juvenil — uma coisa contida sempre no passado? Quando dizeis "Amo minha mulher", ou "meu marido", "minha pátria", "Deus" — o que quer que ameis — ao dizerdes "amo", quereis dizer que amais a imagem, a idéia que, através do tempo, construístes a respeito de um outro ser. Isso é amor? Ou é amor uma coisa inteiramente diversa, pertencente a uma outra dimensão? Para descobrirdes algo de verdadeiro, deveis negar completamente o falso. Na negação, na compreensão do falso, encontra-se a verdade. A verdade não é o oposto do falso; ela se encontra na total compreensão do falso, na sua total rejeição; nessa rejeição está a verdade. Isto é, no total abandono, com toda a vossa mente e coração, do ciúme, da inveja, da brutalidade e do espírito de domínio, existentes naquilo a que chamamos amor, nessa negação e rejeição surge a coisa real. Não há necessidade de a buscarmos: ela desabrocha como uma flor. Sem ela, pode-se organizar e legislar à vontade, fazer coisas e mais coisas, nunca haverá paz no mundo.

Para compreender o que é a morte, é necessário saber o que é viver. A morte é o oposto do viver? Para nós, é. Daí é que vem a batalha, a luta, a dor, a aflição, existentes entre o viver e o morrer. Compreendendo o que é viver, talvez venhamos a descobrir que o próprio viver é morrer. Examinemos este ponto.

Observando vossa vida diária — e a de vossos amigos, do vosso próximo, do mundo, do ente humano — podeis ver que isso que chamamos "viver" está cheio de aflição, de luta, frustração, ansiedade — com fortuitos lampejos de alegria e de êxtase, que nada têm em

comum com o prazer. Nossa vida, tal como é, no lar, no trabalho, em toda a parte, é um campo de batalha; não estamos exagerando, porém apenas mencionando o fato, tal como é. Olhando vossa própria vida, a vida que viveis todos os dias, olhando-a objetivamente — não sentimental ou emocionalmente — vedes que ela é, com efeito, hipocrisia, insinceridade, dissimulação, luta, infindos sofrimentos e frustrações, solidão, desespero, brutalidade; vereis que tal é a vossa vida. E, naturalmente, há sempre o meio de fugir para Deus, para a crença organizada a que chamais religião — e que, absolutamente, não é religião, porém mero costume, hábito, propaganda. Eis, pois, o que é a nossa vida, o que chamamos "viver". E temos, também, a morte, a velhice, a doença, a dor. O que chamamos "morte", isso queremos afastar para longe, evitar, apegando-nos às coisas que conhecemos, ao que chamamos "vida", nossa vida de cada dia. A vida a que estamos apegados é tristeza, ansiedade, dor, aflição, confusão, luta; mas, isso é viver? A Ásia inteira crê na reencarnação: tornamos a nascer para uma próxima vida, a fim de termos outra oportunidade melhor, renascermos em condições diferentes. Se credes na reencarnação, isso significa que deveis viver agora virtuosamente, que deveis viver a vossa vida tão completa e entusiasticamente, tão virtuosamente, e com tanta beleza, que na próxima vida tudo o que fizestes na atual produza seus frutos. Mas não é isso o que fazem os que crêem na reencarnação. Trata-se de uma mera teoria, um conceito muito bonito, uma coisa própria para confortar suas almas pequeninas. O mundo cristão, por sua vez, tem suas próprias modalidades de fuga — ressurreição, etc., etc. E quem não crê em nada disso racionaliza a morte.

Nossa questão, pois, é esta: Existe um diferente modo de vivermos, distanciados desta maneira estúpida e corrupta? É possível vivermos de tal forma, que não haja sofrimento nenhum, nem solidão, nem frustração, nem ansiedade, nem desespero; vivermos, não no plano ideal ou conceptual, porém realmente, neste mundo, sem comparação ou medida e, portanto, livres? Isso significa, com efeito, que temos de tornar-nos tão cônscios do movimento de nossos pensamentos, de nossas palavras e ações, que nossa mente jamais possa ser colhida pelo oposto, fique sempre vivendo no presente. Isso equivale a compreender o passado e seu movimento através do presente para o futuro; significa morrer todos os dias para tudo o que acumulamos psicologicamente. Experimentai uma vez — fazei-o por favor — morrer para vosso prazer pessoal, instantânea e completamente, para verdes o que acontece. Só no morrer há possibilidade de tornar-se existente alguma coisa nova. O que tem continuidade — por mais modificado que seja pelo tempo e por pressões várias — é o que foi; neste, nada existe de novo.

Só quando há um findar, aparece uma nova energia, uma felicidade, um êxtase que não é prazer.

INTERROGANTE: Eu diria que, se não temos prazer, então só conheceremos a dor.

KRISHNAMURTI: Se só temos dor a todas as horas, que devemos fazer? Quereis referir-vos à dor física?

INTERROGANTE: Digamos dor psicossomática.

KRISHNAMURTI: Dor psicossomática — como se origina essa dor? Qual a natureza da dor? Há dor física (dor de dente, uma doença aguda), a dor puramente orgânica. E há a dor causada, psicologicamente, por acidentes vários: sinto-me ofendido porque alguém me falou brutalmente; vejo-me só, desorientado, confuso, porque morreu a pessoa que eu pensava amar, ou porque minha mulher me abandonou; tais coisas contribuem para a dor, a tristeza, afetando o organismo físico como dor psicossomática. E dizeis: "Como posso eu, que me acho num constante estado de dor psicossomática, libertar-me dela?" Em primeiro lugar, todo aquele que dá conselhos em tal matéria é insensato. Portanto, não vamos aconselhar ninguém; vamos primeiramente explorar, a fim de descobrir por que razão a natureza interna do homem está sujeita ao sofrimento. Reconheço a existência da dor física; e, ou trato de suportá-la, ou de fazer alguma coisa para livrar-me dela. Mas, por que a dor psicológica? Minha mulher olha para outro homem, e fico enciumado. Por quê? Porque subitamente me vejo sozinho, subitamente perco alguém que eu possuía, que me proporcionava prazer, sexual e outros, que me confortava, etc. Também, porque me vejo obrigado a olhar-me de frente, a ver o que sou; disso eu não gosto, de ver-me como sou: insignificante, ansioso, apegado a minhas posses. Não gosto de observar o que sou e, por isso, aborreço a pessoa que a tal me obriga. E, igualmente, essa observação revela-me o quanto sou dependente. Ver esse fato, essa realidade, em vez da imagem que tenho de mim mesmo, ver o meu verdadeiro estado, não é lá muito agradável. Não quero aceitar "o que é" e preferiria voltar ao que foi. Por isso, sinto ciúme, raiva, ressentimento, etc., etc. Torna-se, assim, a família uma coisa medonha.

A por psicológica só se apresenta quando não quero compreender-me como sou, não quero olhar-me de frente, viver com a própria solidão, sem dela fugir; ficar completamente só. E todas as minhas atividades e pensamentos geram essa solidão, porque sou egocêntrico; só penso em mim, minhas ações me isolam, a pretexto de devoção à família, a Deus, à profissão, etc.; psicologicamente, meu pensar é um

fator de isolamento. E o resultado é a solidão; para compreendê-la e ultrapassá-la, cumpre-me "viver com ela", sem dizer: "Ela é horrível, dolorosa, isto e aquilo" — tenho de viver com ela. Não sei se já experimentastes viver com alguma coisa completamente. Se o fizerdes, vereis como se torna bela essa coisa.

Pergunta-se: Que é a beleza? — Não sei por que os museus estão sempre cheios de gente. Museus, música, quadros, livros, por que se tornam essas coisas tão desmedidamente importantes? Já considerastes isto? Uma pessoa pinta um quadro e dizeis: "Que belo!" — Se tendes dinheiro, o adquiris e pendurais em vossa casa; chamais isso "beleza"! Provavelmente nunca olhastes para uma árvore; ou, talvez, em companhia de um grupo organizado, ides à floresta olhar as árvores — aprender a olhar uma árvore! Ides para o colégio a fim de aprenderdes a ser sensíveis. Que coisa triste, não achais? Isso significa ter perdido o contato com a natureza. Indica que "exteriorizastes" todas as coisas. Quando há muita prosperidade e nenhuma austeridade, dá-se a vazão do estado interior e, por isso, necessitamos de ir aos museus, aos concertos, às galerias de arte, para entreter-nos. E tais coisas são a beleza? A beleza anda de par com o amor, e só há amor quando há morrer. O amor é uma coisa sempre nova, inocente, pura; ele não existe para a mente que está repleta de problemas, conceitos intelectuais e lutas. Interiormente, temos de viver de maneira sobremodo simples.

8 de novembro de 1968.

A PAIXÃO QUE LIBERTA

(4)

A palavra "paixão" — sua raiz — significa "sofrimento". Para a maioria de nós, o sofrimento é uma coisa terrível, que cumpre evitar, afastar de todo ou dissolver; e, não sabendo dissolvê-lo, pomo-nos a adorá-lo, como se faz no mundo cristão, ou, como acontece na Ásia, acha-se para ele uma explicação: usa-se a palavra "karma" para indicar ser o sofrimento o resultado de ações passadas. Mas, o sofrimento é algo que está sempre a acompanhar-nos, embora possamos não reconhecer-lhe a presença, não estar com ele familiarizados. Esse sofrimento pode originar-se da frustração, do sentimento de completo isolamento, pela perda de alguém que pensávamos amar, ou pode ser o sofrimento infligido por um grande temor que não soubemos dissolver. Em geral, o sofrimento não engendra paixão; ele apressa a velhice, o declínio, traz o sentimento de um profundo e irremediável desespero. E, assim, ficamos a perguntar-nos como já o deveis ter feito, se levais a sério estes assuntos — se podemos eliminar definitivamente o sofrimento e alcançar aquele estado de profunda e inalterável paixão. O sofrimento não traz a paixão; pelo contrário, amesquinha a mente, veda a clareza da percepção; é como uma nuvem negra em nossa vida. Eis um fato óbvio, e não um pressuposto teórico ou psicológico.

É bem perceptível o processo do sofrimento, o que nós entes humanos temos sofrido, por todo este mundo — guerras, incertezas, falta de relações, falta de amor. E faltando-nos o amor, o prazer assume toda a importância. Não só existe essa espécie de sofrimento, mas há também — se sois capazes de observá-lo bem de perto — o sofrimento causado pela ignorância. Há ignorância, mesmo quando somos bem ilustrados, dotados de vasta cultura e experiência, das aptidões com que se ganha fama, notoriedade, dinheiro. A ignorância não se dissipa com o acumular fatos e informações; isso o computador pode

fazer muito melhor do que a mente humana. **Ignorância é a total ausência de autoconhecimento.** Em maioria, somos superficiais e vulgares, com um grande quinhão de sofrimento e ignorância. Mais uma vez, isto não é exagero, nem uma suposição, porém um fato real de nossa existência diária. Muito se sofre por não nos compreendermos devidamente. Essa ignorância engendra toda espécie de superstição, perpetua o medo, gera a esperança e o desespero e todas as invenções e teorias da mente astuciosa. A ignorância, pois, traz-nos não só a amargura, mas também uma grande confusão. Com atenta observação, podemos perceber — se nos damos conta do mundo, de nós mesmos e de nossa relação com os entes humanos — essa infindável cadeia do infortúnio; andamos perpetuamente empenhados em fugir-lhe — mas, nascemos com o infortúnio e com ele morremos. Supomos que o prazer cria a paixão; poderá suscitar paixão sexual, apetite sexual; **mas nós nos referimos a uma paixão que é uma chama que se acende com o autoconhecimento.** Finda o sofrer com o autoconhecimento; dele é que nasce a paixão.

Nós necessitamos de paixão — mas não identificada com um certo conceito, uma determinada fórmula para a revolução social, ou um conceito ideológico de Deus, porquanto a paixão baseada em conceitos e fórmulas inventadas por uma mente hábil, sagaz, depressa se esvai. Sem aquela paixão, aquele enérgico impulso, aquela "intensidade", nossa vida permanecerá artificial, "burguesa", insignificativa. É sem expressão a nossa vida, como agora a vivemos; se puderdes observar-vos, vereis que não há, na vida que estamos levando, um significado profundo, inalterável, rico; inventamos diferentes atividades, objeti--vos, vereis que não há, na vida que estamos levando, um significado especial para guiar sua própria vida. Se também sois intelectual, ao verdes todo esse movimento da vida, tanta luta e fealdade, competição, brutalidade, tortura, inventareis uma fórmula para viverdes de acordo com ela, pelo menos o tentareis. Não há, nisso, paixão. A paixão não é cega; ao contrário, ela só pode surgir com o alargar e o aprofundar do autoconhecimento.

Espero não estejais meramente a ouvir uma série de palavras, porém olhando, examinando e investigando realmente vossa própria vida, a vida que cada um tem de viver — não a vida de outrem, o conceito da vida por outrem formulado, porém a vossa vida de cada dia, sua rotina, suas intermináveis lutas, sua total falta de amor e de bondade, vida na qual não existe compaixão. Estamos constantemente a matar — não apenas animais, mas também com palavras e pensamentos. Daí resulta mais sofrimentos; isso, também, não é uma suposição, porém uma realidade — "o que é". Não podemos fugir de "o que

é"; cumpre-nos compreendê-lo, penetrá-lo, "cravar-lhe os dentes", vará-lo por inteiro, e para isso necessitamos de abundante energia. Essa energia é paixão, e não pode existir se nos vemos em constante conflito. Nossa vida é uma atividade dualista, uma guerra entre os opostos. E, havendo violência, atrito entre os opostos, quer no campo das idéias, quer na realidade, há desperdício de energia. Existe energia quando a mente está toda empenhada em compreender. Essa energia é paixão. Só a paixão poderá criar uma sociedade de espécie diferente. Nós necessitamos de outra sociedade isenta da corrupção da atual.

Percebendo bem isso, ficamos a interrogar-nos sobre o que é que poderá efetuar uma transformação radical no homem. Que é que poderá transformar-nos bem a fundo, de forma que tenhamos uma mente diferente, um diferente coração? Isto não são meras palavras. Se vos puserder a investigá-lo com penetração e clareza, fareis inevitavelmente estas perguntas fundamentais. As organizações são evidentemente necessárias — a organização que nos entrega o leite, as cartas, e o governo, por mais corrupto que seja. Mas, o pensamento organizado é muito mais pernicioso; a existência interior, organizada à força de repetição, de seguir uma determinada linha de pensamento e de ação, torna-se rotina. A destruição do pensamento organizado não significa desordem. Bem ao contrário, se tratarmos de investigar, veremos que a crença organizada a que se chama religião, com seus rituais, não é de modo nenhum religião. Freqüentar a igreja todos os domingos, pela manhã (ou o que quer que costumais fazer) e ficar o resto da semana a destruir o próximo, a fomentar guerras, a pôr os homens uns contra os outros, a venerar a hierarquia, nada disso é religião; é propaganda organizada para forçar-vos a pensar e agir segundo um certo padrão. Tudo isso é produto do medo, e como pode existir uma mente religiosa quando há medo?

Espero não estejais meramente a ouvir o orador; isso é inteiramente sem valor, porquanto o orador não vos está ensinando coisa nenhuma, não vos está guiando por uma certa linha de pensamento, pois isso é simplesmente fazer propaganda e, portanto, mentir. Mas, se vos servirdes do orador como um meio de vos observardes, vereis então que, se não possuís uma grande energia e, portanto, grande paixão e intensidade, a vida continuará a ser, inevitavelmente, o que hoje é: uma busca de prazer e entretenimento, uma acumulação de conhecimentos ou coisas.

O movimento interior organizado, a vida organizada pelo pensamento para ser vivida em constante repetição, com fortuitas interrupções, é — não sei se já o observastes — uma coisa horrível, triste. E estamos educando nossos filhos para seguirem nossas pegadas. E

a moralidade organizada — que é respeitabilidade, espírito de aquisição, avidez, competição, violência, brutalidade — aceitamo-la como se fosse realmente moral. Podemos achar ruim viver assim — mas é nossa vida, nossa moralidade. Com a mente dessa maneira organizada, continuaremos, por força, superficiais, mesquinhos, egoístas, preocupados com nosso sucesso pessoal, nossa família, nossas insignificantes atividades. Em tais condições, como pode a mente conhecer o sofrimento ou a paixão? Só pela compreensão do sofrimento nos virá aquela paixão. Assim, vendo-se tudo isso, não apenas intelectual ou verbalmente, porém como uma realidade concreta — que devemos fazer? Qual a vossa resposta? É nossa vida... a fealdade nela existente, o envelhecer e as tristezas da velhice, a acrimônia, as frustrações, a total ineficácia do pensamento superficial, a avidez, a inveja, e tantas outras coisas que nos acompanham na vida. Como sair desse estado? Esta é que é a questão real, e não o crer ou não crer em Deus.

A beleza vem com a ordem, e não quando nossa vida está em desordem. A beleza não se acha no museu, no quadro, na estátua, ou em ouvir um concerto; não se acha num poema ou no encantamento da noite estrelada, na luz refletida na água, no rosto de uma bela pessoa, na imponência de um edifício. Só há beleza quando a mente e o coração estão em perfeita harmonia; e essa beleza não é adquirível pela mente superficial, imersa na desordem deste mundo.

Em face desse formidável e complexo problema, vós, como ente humano, que podeis fazer? Quando a casa está em chamas, não há tempo para dizerdes: "Vamos pensar nisso", "Vamos averiguar quem ateou o incêndio, se foi um branco, se foi um preto, etc." Quando vossa casa está a arder, isso vos atinge diretamente. Que fareis?

É evidente a necessidade da transformação, não só exteriormente, na sociedade, mas também em vós mesmos. A transformação social só é realizável mediante a transformação interior; a mera reforma exterior, por mais revolucionária que seja, é sempre superada por nossas atitudes interiores, nossos pensamentos e sentimentos; já vistes isso acontecer na revolução russa e outras. Que cumpre, pois, fazer? Pergunto a mim qual será a vossa reação, como ente humano, ante tal desafio; retirar-vos para um mosteiro remoto, a fim de meditar, ou aprender uma nova técnica, tornar-vos budista-zen, fazer votos de pobreza, celibato, castidade? Ou vossa reação é de ingressar em outros grupos ou seitas religiosas, entreter-vos com psicanalistas, tornar-vos reformador social, pôr remendos nesta sociedade que está a desfazer-se? Que ireis fazer? Deveis considerar isto com o máximo de serieda-

de. Se não podeis retirar-vos ou fugir (por esse caminho não há solução); se nada pode ajudar-vos, nem instrutuor, nem guru, nem religião organizada, nem Deus, porque Deus certamente não vos acudirá (Deus é uma invenção vossa) — que ireis fazer?

Que faz a mente, que fazemos nós, vendo-nos no meio desta confusão criada por tantos especialistas, tanto saber acumulado, por nossas incertezas e nossa busca de certeza? Que se pode fazer quando já não confiamos em ninguém (espero não tenhais mais confiança em ninguém — em nenhum analista, nenhum sacerdote, etc.)? Interiormente, já tivemos fé em muita gente — no objeto de nosso amor, de nossa afeição, de nossa confiança — e todos falharam, como era inevitável. Assim, quando nos vemos em presença desse enorme problema e forçados a resolvê-lo por nós mesmos, sem nenhuma ajuda externa, ou nos tornamos acrimoniosos — sendo isso o fruto da moderna civilização — ou, que fazemos? Estais esperando que o orador vos diga o que deveis fazer? Aguardais que ele vos indique o que cumpre fazer? Se aguardais, o orador se tornará vossa autoridade e, se nele depositardes vossa confiança, posteriormente o substituireis por outra autoridade e de novo vos perdereis; estareis destruindo a vós próprios.

Assim, não podeis fiar-vos nem no orador (escutai com seriedade) nem em ninguém mais, em autoridade de espécie alguma. Vem daí uma grande beleza, e não desespero, acrimônia, sentimento de solidão; estais em presença do problema, e cabe-vos resolvê-lo completamente; nisso há liberdade e beleza. Estais então livres da autoridade, livre do instrutor e do ensino; já não estais seguindo ninguém, sois um ente humano livre, capaz de olhar e de compreender; aí se encontra uma grande beleza, alegria, lançastes fora todas as cargas.

A palavra "responsabilidade" é uma palavra feia. Só a empregamos quando não há amor. "Responsabilidade" é palavra de que se serve o político astuto, a mulher ou o homem dominador, arrogante. Mas, nós somos responsáveis, e este é um fato real, somos responsáveis por tudo o que está sucedendo no mundo, a fome no Oriente, a guerra; não se trata de uma guerra americana contra os vietnamitas, porém da guerra pela qual cada um de nós — oriental ou ocidental — é responsável. Sei que não sentis assim. Podeis chorar a morte de vosso filho em batalha —o que espero não aconteça — sentir-vos invadido pela tristeza, sentir uma certa dose de responsabilidade, e prosseguir pelo mesmo caminho. É quando tendes amor que vos sentis responsável. Mas, não amais porque vos sentis responsável: tendes responsabilidade porque amais. E a liberdade implica responsabilidade,

não pelas ações de outrem — como posso ser responsável pelo que fazeis ou pensais? — porém responsabilidade pelas ações oriundas do estado de liberdade. Nada significa ser livre sem responsabilidade.

Vede-vos em presença deste problema, a sós com ele. Acaso já estivestes sós — sozinhos na floresta, a sós com vós mesmos em vosso quarto, ou estais sempre a ser empurrados por uma multidão de indivíduos, por vossos companheiros, vossa esposa ou marido, por pensamentos prementes, problemas profissionais? Tudo isso indica que nunca estais sós; e, também, quando tal acontece, sentis medo. Mas, agora, tendes este grande problema. Ninguém irá dar-vos a solução dele. Estais frente a frente com este imenso problema e, por conseguinte, **sós**. Desse estado de solidão vem a compreensão, e tudo o que fizemos estará certo, porque essa solidão é amor. Nesse estado, a mente que está enfrentando esse problema, sem nenhuma fuga, enfrentando os fatos diários da vida, a fealdade e a brutalidade de cada dia, palavras que desgostam e irritam — está só; estais começando a ver o fato real, "o que é". Então é possível ir além; porque passais a ser vossa própria luz. Essa é que é a mente religiosa, e não a do homem que vai à igreja, que crê nos deuses, que é supersticioso, que tem medo; assim não é a mente religiosa. Mente religiosa é aquela onde existe liberdade e um grande e inalterável amor. Podeis então ir mais longe, ingressareis numa diferente dimensão, e a verdade existirá.

Sabemos fazer a pergunta correta? Em geral achamos fácil interrogar. É necessário fazê-lo. O perguntar indica uma mente capaz de duvidar, uma mente que quer investigar, que não quer aceitar, uma mente que nunca diz "sim", jamais obedece, que está sempre a inquirir, a aprender. Fazer a pergunta correta é uma das coisas mais difíceis; isso não significa, entretanto, que tencionamos impedir-vos de interrogar-nos. Mas, o fazer a pergunta **correta** denota que a mente está cônscia do entrelaçamento dos problemas e neles **interessada, não** aprisionada neles. Ela indaga por que é capaz de pensar a fundo, de investigar amplamente. Fazendo-se a pergunta correta, encontra-se a correta resposta, porque o próprio perguntar constitui a resposta.

INTERROGANTE: Credes na evolução? Tendes dito que a compreensão é imediata, o ato de aprender é instantâneo; que papel tem nisso a evolução? Negais a evolução?

KRISHNAMURTI: Seria absurdo negar a evolução. Ela é um fato — do carro de bois ao avião a jato, isso é evolução; dos primatas a isso que se chama "o homem" — evolução. Evolução da ignorância para o saber. A evolução exige tempo; mas, psicologicamente, interior-

mente, existe evolução? Entendeis esta pergunta? Exteriomente, vê-se como a arquitetura progrediu da primitiva choupana ao edifício moderno; a mecânica, do carro de duas rodas ao motor, ao avião a jato, às viagens à Lua, etc., etc. Não há discutir sobre se essas coisas evolveram ou não. Mas, interiormente, existe evolução? Vós o credes, vós o pensais, não? Mas existe? Não digais "existe" ou "não existe"; proferir meras asserções é rematada tolice. Mas o investigar é o começo da sabedoria. Ora, existe evolução, psicologicamente? Isto é, digo "tornar-me-ei alguma coisa", ou não me tornarei nada". O "vir a ser" ou o não ser implica o tempo, não é verdade? "Serei menos irascível depois de amanhã", "Serei mais bondoso e menos agressivo, mais prestante, menos egocêntrico, menos egoísta." — Tudo isso envolve tempo: "**Sou** isto e **me tornarei aquilo**." Digo que evoluirei psicologicamente; mas, há tal evolução? Serei diferente daqui a um ano? Se hoje sou violento, se minha natureza é essencialmente violenta, se a criação e a educação que recebi, se as influências sociais e as pressões culturais geraram em mim a violência (violência que também herdei do animal: direitos territoriais, direitos sexuais, etc.) — pode essa violência evoluir para não-violência? Podeis dizer-mo? Pode a violência tornar-se amor?

Se admitimos a possibilidade de evolução e progresso psicológicos, nesse caso temos de admitir também o tempo. Mas o tempo é produto do pensamento. Dizendo: "Ora, eu hoje sou **assim**, mas serei coisa diferente na próxima semana ou em alguma data futura, ou amanhã", trata-se, é óbvio, de uma idéia concebida pelo pensamento. E o pensamento, como temos dito e redito, é sempre velho. Ele pode transformar-se, modificar-se, ser aumentado ou diminuído, mas será sempre pensamento, reação da memória, pertencente ao passado. O pensamento, o pretérito, gerou o tempo psicológico. Se não há tempo psicológico (como não há), estais então em contato com "o que é", e não com o que "deveria ser", que é pensamento. Repito, "o que deveria ser" é uma invenção, uma fuga ao fato — "o que é". Porque não sabemos lidar com "o que é", inventamos o futuro. Se eu soubesse lidar com minha violência agora, hoje, não pensaria no futuro. Se eu soubesse o que significa morrer completamente hoje, não temeria o amanhã, a morte, a velhice, que são produtos do pensar, da idéia do futuro. Há, portanto, só uma coisa: **o que é**; sou capaz de compreendê-lo? Pode a mente compreendê-lo integralmente e transcendê-lo? Isso significa não admitir absolutamente o tempo, porque o tempo é uma invenção do pensamento. Assim, para compreender "o que é", a ele tenho de aplicar, por inteiro, minha mente e meu coração. Tenho de compreender a violência. A violência não é uma coisa separada de

mim: Eu sou a violência. A violência não está "lá", e eu "aqui". Eu sou a natureza e a estrutura mesma da violência; quer dizer, o observador é a coisa observada. O observador que diz "sou violento" separou-se da violência. Mas, se observardes atentamente, vereis que o observador é a violência. Quando isso é para vós um fato, e não uma idéia, cessa o dualismo, a separação entre o observador e a coisa observada; termina, por conseguinte, o esforço. Sou então a violência, dela nasce tudo o que faço e, conseqüentemente, acaba o esforço. Se não existe separação entre o fato — a violência — e o observador que se julga diferente do fato, vê-se que o observador é a coisa observada; não há dois estados distintos. E ao perceber-se que o observador é a coisa observada — a violência — que cabe então à mente fazer? Qualquer ação mental no sentido de transformar a violência é ainda violência.

Assim, no momento em que a mente percebe que tudo o que pensa a respeito da violência faz parte da violência, cessa o seu pensar. A percepção desse fato é imediata, e não uma coisa que se pode cultivar através do tempo, atingir numa data futura. Vê-se, pois, naquela percepção, uma certa coisa de imediato: não há, nela, tempo, nem progresso, nem evolução: é percepção e ação instantâneas. E, por certo, o amor é assim, não? O amor não é produto do pensamento; o amor, como a humildade, não é cultivável. Não se pode cultivar a humildade; só o homem vaidoso cultiva a humildade. E, enquanto a está "cultivando", isto é, progredindo no sentido de alcançá-la, continua violento.

O amor, por conseguinte, é aquele estado mental existente quando já não existem observador e coisa observada. Quando dizemos que nos amamos uns aos outros — oxalá assim seja! — há então uma "intensidade", uma comunicação, uma comunhão, ao mesmo tempo e no mesmo nível; essa comunhão, esse estado de amor não é produto do pensamento ou do tempo.

INTERROGANTE: Para a maioria de nós, "o que é" é uma fuga às nossas ocupações tediosas, à sociedade em que vivemos.

KRISHNAMURTI: Como transcendê-lo? É isso que quereis dizer, senhor? Como transcender "o que é"? Vós tendes de ganhar a vida, não? Na atual estrutura social, tendes de ir para o escritório, para a fábrica; e, ou nos ajustamos a esse padrão, ou somos livres para ajustar-nos ou não. Senhor, a coisa é assim: A guerra é resultado do nacionalismo, da divisão em superior e inferior; a guerra é, evidentemente, o resultado de ideologias, das ambições econômicas de uma nação, etc., etc. Para evitar a guerra devo abster-me de adquirir selos postais, via-

jar de trem? Pois tudo o que fazemos concorre para a guerra. Sobre o alimento que compro, pago imposto; também sobre as roupas que me vendem, os livros que leio. Tudo leva, por fim, à violência sob este ou aquele aspecto. Assim, que me cabe fazer? Recusar-me a pagar impostos? Tornar-me pacifista? Que fazer? Seria tolice de minha parte não comprar selos, não pagar impostos, etc.; mas posso clamar, protestar contra o nacionalismo, a bandeira, a divisão religiosa dos homens — cristãos, hinduístas, muçulmanos — à divisão racial — pretos, brancos, etc.

Politicamente, só existe um problema: instaurar a unidade humana. A unidade humana não pode ser realizada pelos políticos; estes desejam manter as coisas como estão, separar, a fim de alcançar suas próprias e desprezíveis ambições. A unidade humana virá, certamente, com a transformação do coração de cada ente humano; o governo mundial ficará então a cargo dos computadores. Não riais; esta é a única solução.

Então, não devemos freqüentar escritórios, usar roupas, etc? Estamos vendo, senhores, que queremos resolver este importantíssimo problema fazendo pequenas coisas, porque não percebemos sua inteira estrutura e natureza.

INTERROGANTE: Dizeis que, se o observador está desperto, apresenta-se o Supremo...

KRISHNAMURTI: Perdão, eu não disse que se o observador está desperto o Supremo se apresenta; eu nunca disse uma coisa dessas. Se quereis citar o orador (e espero não o façais), deveis citá-lo corretamente. Empregamos palavras tais como "Supremo", "Onipotente", "Infinito", "Imensurável", sem saber o que elas significam. Não as empregueis. Só podereis usar uma tal palavra com verdadeira seriedade, e propósito, e beleza, quando viverdes corretamente neste mundo, quando tiverdes lançado as bases da conduta verdadeira; sabereis então, o que estareis dizendo ao empregardes a palavra "Supremo".

INTERROGANTE: Que pode fazer um homem que sofre de um mal incurável e padece dores incessantes?

KRISHNAMURTI: Como posso suportar a dor, o medo à dor, o medo à morte? Se sinto dor física, muita ou pouca, se tenho percebimento dessa dor (atenção, não vou tratar de "sublimação" ou coisa parecida), se tenho simplesmente o percebimento dessa dor, sem nenhuma escolha, se percebo que tenho dor de dentes, uma dor aguda, sem dizer "estou sofrendo" etc. — se me cientifico desse fato, sem

escolha, terei a dor, mas com ela estarei numa relação completamente diferente; não haverá medo.

Há o medo à morte, a uma doença incurável. Por que esse temor? Temo deixar minha mulher, meu marido, minha casa, minhas lembranças, meu caráter, meu trabalho, os livros que desejo ler, os livros que escrevi ou irei escrever; não é isso? — Tudo isso terei de deixar. Por causa desse medo crio o céu, uma esperança — o que, por sua vez, gera mais medo. Assim, posso livrar-me do temor? Sei que terei de suportar dores; certas drogas talvez possam remediá-las, mas há aquele medo de profundas raízes, existente no animal e em todo ente humano: o medo de morrer. Medo de morrer é medo de viver, não achais? Medo de viver; que significa a nossa vida com sua fealdade e brutalidade? É a única vida que conhecemos, e até esta vida temos medo de perder; tememos o desconhecido. Preferimos ficar apegados ao conhecido e, por isso, dividimos a vida em viver e morrer. Não sabemos viver, e não sabemos morrer. Quando sabemos viver sem conflito, com beleza, com alegria, com lucidez e paixão — e isso só é possível se sabemos morrer diariamente para todas as coisas que possuímos — então o medo deixa de existir.

12 de outubro de 1968.